

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC- SP

LIGIA BARUCH DE FIGUEIREDO

Uma revolução silenciosa: a sexualidade em mulheres
maduras

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

LIGIA BARUCH DE FIGUEIREDO

Uma revolução silenciosa: a sexualidade em mulheres
maduras

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof^a Dr^a Rosane Mantilla de Souza.

São Paulo
2011

EXAME DE MESTRADO

Banca examinadora:

Profa. Dra.....

Profa. Dra.....

Profa. Dra.....

(Suplente)

(Suplente)

Dissertação examinada em:.....

À minha avó Gláucia por sua história, com amor e
admiração.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dr^a Rosane Mantilla de Souza, orientadora, pela inspiração, seriedade e conhecimento. Pelo estímulo intelectual, por me questionar e me fazer crescer como profissional e pesquisadora. E principalmente pela paciência ante minha pouca experiência a respeito das estruturas de trabalhos acadêmicos.

Às amigas que compartilharam comigo esse percurso na PUC/SP: Bruna, pelas longas horas de estudos nos finais de semana. Romina, Cíntia, Suely, Ana Letícia e demais colegas pela presença simpática e troca de conhecimentos durante as aulas.

Ao grupo de colegas e professores do núcleo de estudos sistêmicos, Sistemas Humanos que torceram por mim sempre.

À Cecília pela indicação preciosa de algumas participantes.

À Banca de Qualificação pelas observações cuidadosas. Principalmente à Flávia Hime por ter sido, por meio de sua tese, uma grande fonte de inspiração.

Aos meus pais que sempre acreditaram em mim e me deram o apoio material e principalmente afetivo para realizar este mestrado.

A Guilardo, meu pai, mais uma vez, pelas correções do português e a Irene pelas sugestões e comentários sobre a pesquisa.

Ao Fabiano, por indicações importantes de bibliografia e por partilhar comigo as agruras e as alegrias do trabalho científico.

À Capes pela ajuda financeira em momento crucial.

Finalmente, de forma especial, às cinco mulheres que se dispuseram a ser entrevistadas, abrindo questões íntimas e me dando o privilégio de compartilhar de suas vidas em assunto tão importante e delicado. Todas elas, mulheres admiráveis!

FIGUEIREDO, Lúgia Baruch de. *Uma revolução silenciosa: a sexualidade em mulheres maduras*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2011

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender as mudanças nas crenças, expectativas e comportamentos de mulheres que viveram casamentos de longa duração e passaram pela transição de uma sexualidade conjugal para uma sexualidade pós-conjugal. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa fundamentada nos estudos sobre gênero, conceito formulado na década de 1970 para tornar conscientes os discursos normativos que naturalizam as diferenças entre homens e mulheres, utilizando-se das características anatômicas entre os sexos para justificar as desigualdades de poder entre eles.

Foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com cinco mulheres entre 46 e 70 anos, divorciadas há mais de dois anos e que estiveram casadas por pelo menos vinte anos. Os resultados mostraram que as mulheres entrevistadas estão experimentando novas formas de relacionamento pós-separação. E mesmo quando as expectativas em relação ao futuro incluem encontrar um companheiro, na maior parte das vezes, essas mulheres desvinculam a satisfação sexual do apaixonamento e se permitem experimentações nos relacionamentos sexuais inimagináveis no tempo de suas mães. Estas transformações podem beneficiar homens e mulheres que, ao questionarem às crenças e comportamentos que são tidos como tipicamente masculinos ou femininos, se tornam mais reflexivos e flexíveis.

Palavras-chave: Gênero, sexualidade feminina, divórcio, meia idade.

ABSTRACT

This work aims to understand beliefs, expectations and behaviors of women that lived long-standing marital sexuality and moved to post-marital sex. It is a qualitative research based on studies about gender, a concept formulated during the 70s in order to enlighten normative speeches that depart from anatomical differences between male and female to justify power inequalities between men and women.

Five semi-driven interviews were conducted, involving women ranging from 46 to 70 years, at least 2 years divorced, since marriages standing for at least 20 years. Results showed interviewed women experiencing post-divorce new forms of sexual relationship. And even when expectations included finding a future partner, these women quite frequently indulged in sexual satisfaction by experiencing forms of relationship not even imagined at the time when their mothers lived. These changes may benefit men and women that by questioning beliefs and behaviors thought as typically masculine, become more reflexive and flexible.

Key words: Gender, women sexuality, divorce, middle-aged women.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. UM BREVE ESBOÇO SOBRE A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE FEMININA NO OCIDENTE CRISTÃO	17
1.1 O amor romântico e a mulher do lar burguês.....	22
1.2 A família burguesa e as novas normatizações da sexualidade feminina por meio da ciência.....	24
1.3 A sexualidade feminina na família brasileira.....	25
1.4 O modelo de família tradicional dos anos cinquenta.....	27
1.5 A revolução sexual no Brasil. Qual?	30
2. FALANDO SOBRE GÊNERO.....	33
2.1 A construção social das diferenças.....	33
2.2 Os processos de gênero nos comportamentos da vida diária. Na mídia: revistas femininas e novelas.....	37
2.3 No cotidiano das relações conjugais.....	39
2.4 A sexualidade nos casamentos neo tradicionais.....	41
3. QUANDO O DIVÓRCIO SE ENCONTRA COM A MEIA IDADE FEMININA: A SOBREPOSIÇÃO DE CRISES.....	45
3.1 A crise do divórcio.....	45
3.2 A crise da meia idade feminina	51
4. MÉTODO.....	57
4.1 Participantes.....	58
4.2 Procedimentos.....	60
4.3 Análise dos Resultados.....	62
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	63
5.1- PRIMEIRO EIXO - Os valores adquiridos a respeito da sexualidade feminina.....	65

5.1.1 A importância da virgindade e a entrega sexual vinculada ao compromisso conjugal.....	66
5.1.2 O casamento para toda a vida.....	71
5.1.3 A expressão condicionada do desejo feminino.....	72
5.1.4 A fidelidade.....	74
5.1.5 A introjeção da culpa.....	76
5.2 SEGUNDO EIXO - A crise conjugal e suas resoluções.....	78
5.2.1 O casamento.....	78
5.2.2 A separação.....	79
5.2.3 A possibilidade de expansão da vivência sexual pós-separação.....	84
5.2.4 A maturidade – priorizando a si mesma.....	89
5.2.5 A menopausa e o desejo sexual.....	92
5.3 TERCEIRO EIXO - Os comportamentos atuais e expectativas futuras.....	94
5.3.1 O assumir da responsabilidade pelo próprio prazer.....	95
5.3.2 O conhecer novas pessoas por intermédio de amigos.....	98
5.3.3 Os homens casados: a estirpe mais facilmente encontrada.....	99
5.3.4 O namoro com o ex-marido.....	102
5.3.5 Os homens mais jovens.....	103
5.3.6 Os casos passageiros e romances de viagem.....	104
5.3.7 A <i>internet</i> e as redes sociais como ponto de encontro.....	106
5.3.8 As expectativas em relação ao futuro.....	109
5.3.9 As expectativas em relação a um futuro companheiro.....	114
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	126
ANEXO.....	135

EPÍGRAFE

“A necessidade de fazermos nossas próprias regras no amor nada tem que ver com rebelião juvenil. De fato, são os casais mais velhos que de repente se encontram diante da necessidade de reinventar o amor [...] Pensamos na juventude como rebelião, e na idade, como ligada a tradição, todavia o fato parece ser que o amor jovem segue, sem querer, as regras do amor, mesmo quando finge se rebelar contra a sociedade, ao passo que os casais mais velhos são forçados a inventar suas próprias regras. Há regras de etiqueta, senão de moralidade, que versam sobre como se comportar no primeiro encontro, na manhã seguinte, depois do noivado e no casamento. Mas não existem regras, nem mesmo dicas, de como se comportar quando os filhos vão para a universidade, quando você se divorcia aos cinquenta e cinco anos ou quando você sai com alguém que recentemente teve problemas de coração ou de rins. O primeiro amor nunca é único – não importa o quão milagroso possa parecer ao iniciado. O amor na segunda ou terceira vez, não importa o quão enraizado esteja em velhos hábitos românticos, é sempre nascido da necessidade criativa. Na primeira vez, seguimos as “regras”. Depois disso, temos de responder às nossas próprias ilusões e erros.” (Solomon, 1992, p.369-370).

INTRODUÇÃO

Em nossa prática clínica grande parte da população atendida é feminina e um dos assuntos mais recorrentes é a relação amorosa. Muitas mulheres divorciadas, na faixa dos 45-70 anos, chegavam ao consultório com questões semelhantes às trazidas pelas mais jovens: as histórias dos seus relacionamentos amorosos e dos seus rompimentos. Traziam, porém, outras demandas e dúvidas. Estavam longe do “*mercado matrimonial*” há muito tempo e não sabiam se os códigos de conquista e namoro aprendidos na juventude ainda eram válidos, nem se haveria espaço no mundo dos solteiros para mulheres acima dos cinquenta anos, ou seja, se poderiam pensar em relacionamentos futuros.

Outro aspecto desta realidade feminina referia-se, também, à vida sexual. Percebíamos, nessas mulheres recém separadas, um sentimento de desorientação ou de anulação em relação à própria sexualidade.

No passado, a vida sexual das mulheres esteve aprisionada ao casamento. Códigos de conduta e processos de controles religiosos, legais ou científicos buscaram ao longo dos séculos reprimir a possibilidade de agenciamento da sexualidade por parte das mulheres (Foucault, 1977). Portanto, não era de se admirar o pouco contato destas mulheres com o próprio desejo, mesmo na contemporaneidade.

O projeto social feminino, a partir de meados do século XX, vem sofrendo transformações em todo o mundo ocidental. As mulheres têm, atualmente, possibilidades de ações político-sociais, vivências profissionais e sexuais mais diversificadas do que em tempos passados. Seus objetivos de vida e prioridades deslocaram-se, paulatinamente, da esfera doméstica a esfera pública e em maior ou menor escala, dependendo de variáveis como, nível sócio-econômico, educacional, religião e cultura.

Para as mulheres pertencentes às camadas médias urbanas nas sociedades ocidentais: casamento, carreira, filhos, convivência social e prazer sexual fazem parte dos objetivos de vida - às vezes, de maneiras difíceis de conciliar.

Equilibrar tantas demandas, na maioria das vezes, não ocorre sem conflitos ou culpas, pois estes novos modelos ainda coexistem com perspectivas tradicionais que

designavam às mulheres, os cuidados com o lar e com os filhos.

De acordo com Rubin (1990), à medida que nos movemos em direção a novas maneiras de ser, confrontamo-nos com resistências sociais e psicológicas. Por isso, é importante refletir sobre esses assuntos, para que possamos promover mudanças nas instituições sociais nas quais vivemos, sendo a família uma das mais importantes.

No Brasil, a família tradicional encontra-se em dificuldade para se adaptar a projetos femininos ou mesmo masculinos, mais flexíveis (Figueira, 1987; Souza, 1994; Meirelles, 2001; Maciel Jr, 2006; Costa, 2008).

O modelo de família prevalecente nas camadas médias da sociedade brasileira até a década de 1950 poderia ser definido como “hierárquico”. Este tipo de família era relativamente organizado e “mapeado”. O poder do marido era superior ao da esposa. Esta superioridade fundamentava-se na relação privilegiada do homem com o trabalho fora de casa e no fato de que a expectativa de monogamia e fidelidade conjugal só era esperada em relação à mulher e relevada em referência ao homem (Figueira, 1987).

O desenvolvimento da pílula anticoncepcional libertou a sexualidade dos domínios da procriação e possibilitou à mulher o agenciamento do próprio corpo (Giddens, 1992). Além disso, a partir da década de 1970, a exponencial entrada feminina no mercado de trabalho, favorecida pelo conjunto de eventos políticos, movimentos de direitos civis, e econômicos (economia de serviços), redefiniu o balanço das relações entre homens e mulheres no espaço público e privado, porém, não de uma maneira equilibrada (Souza, 1994; Meirelles, 2001).

Esta nova realidade trouxe uma sobrecarga, especialmente às mulheres, por quererem e, muitas vezes, precisarem ganhar espaço no campo profissional, sem perder o domínio do território doméstico. Além disso, o aporte social não acompanhou essas mudanças, por exemplo, as leis trabalhistas brasileiras, ainda vigentes, foram elaboradas numa época em que os homens trabalhavam e as mulheres cuidavam da casa (Connel, 2002, Maciel Jr 2006). Tudo isso tornou mais complexa a vida da mulher contemporânea que cuida da casa, dos filhos, da carreira e ambiciona uma vida social e sexual gratificante.

Esta situação de transição, muitas vezes de sobreposição de projetos, exige capacidade de reorganização e flexibilidade, às mulheres e aos homens. Papéis femininos e masculinos engessados começam a incomodar ambos, ou pelos menos, já

não satisfazem como antes (Hime, 2004), com um agravante - não existem “*manuais sociais*” com respostas de como lidar com essas novas demandas - devendo cada um resolver-se com suas próprias dúvidas.

Uma saída a essa questão seria uma mudança nos relacionamentos entre homens e mulheres que os levasse a uma real equidade de poderes tanto no domínio público quanto no privado. Nesta nova situação de equilíbrio, tanto as tarefas de cuidado e intimidade quanto às tarefas de sustento, poderiam ser desempenhadas por ambos, de maneira mais flexível e menos estereotipadas.

Compreendemos que, para o projeto de equidade entre os sexos acontecer de fato, seria fundamental uma mudança mais ampla, baseada num jogo dialético de apego e separação, vínculo e autonomia, construído por cada casal a partir das necessidades específicas do relacionamento e do momento de vida.

Ao pensarmos muito além da convivência entre as diferenças, este processo precisaria envolver uma transformação social ampla, que envolvesse o seu contexto político, cultural e geográfico.

Uma atuação clínica responsável prioriza essas reflexões, pois, nós, psicólogos, podemos ser tanto agentes de mudanças ideológicas quanto perpetuadores de crenças reducionistas.

Esta dissertação, fundamentada nos estudos sobre gênero, concentrou-se nas mudanças ocorridas na sexualidade feminina. Por uma questão estratégica, optamos por investigar mulheres que se divorciaram após casamentos de longa duração, vinte anos ou mais. Mulheres que, provavelmente, estiveram durante muito tempo, afastadas dos códigos sociais de condutas sexuais aos não casados, facilitando-nos perceber as demandas e as transições necessárias entre normas, atitudes, valores e comportamentos.

Acreditamos que estas mulheres estejam numa posição favorável à revisão dos valores tradicionais recebidos, a respeito da própria sexualidade, pois alguém só pode reinventar-se quando vivenciou algum modelo anterior.

A relevância em estudar mulheres divorciadas após casamentos de longa duração é grande, ao observarmos que a taxa de divórcio cresce entre os estratos mais velhos da população: nos últimos anos, uma em cada cinco sentenças de divórcio envolveu casais com 20 anos ou mais de união. Os casamentos moldados na complementaridade provedor/dona de casa desestabilizaram-se e isso contribuiu para

a escalada do divórcio neste grupo de casais maduros. Essa situação pode ser particularmente difícil para as mulheres mais velhas, já que muitas se casaram no tempo do “*para sempre*” e não desenvolveram projeto de vida pessoal, fora dos domínios da conjugalidade e da família (Souza, 2008).

Pensamos ser importante questionar o que acontece com uma geração de mulheres, que foi educada em um modelo de relacionamento tradicional, viveu um casamento dentro dos moldes estabelecidos e em certo momento deparou-se com as limitações do mesmo. Esta questão nos suscitou as seguintes perguntas:

-Encontram modelos alternativos de relacionamento?

-Buscam os mesmos modelos anteriores, por meio de um novo casamento?

-Adaptaram-se ou não, às novas demandas dos relacionamentos contemporâneos?

Partindo destes questionamentos iniciais, o presente estudo teve como objetivo compreender se houve mudanças nas crenças, expectativas e comportamentos de mulheres que viveram casamentos de longa duração e passaram pela transição de uma sexualidade conjugal para uma sexualidade pós-conjugal.

Por fim, acreditamos na importância dos estudos sobre gênero para a sociedade contemporânea e na possibilidade de aplicação prática das questões levantadas por meio desta pesquisa no atendimento psicológico a mulheres e homens de todas as idades.

Para fundamentar nosso tema, foram abordados no **Capítulo I**, por meio de um esboço, fragmentos da história da sexualidade feminina no ocidente cristão, onde foram pontuados momentos específicos da história em que a sexualidade feminina foi reprimida e vigiada e, posteriormente, normatizada e confinada ao casamento.

No **Capítulo II**, foi discutido o conceito de gênero, como um importante marco nos estudos das ciências humanas e sociais, a respeito das relações de poder, não somente de homens em relação às mulheres, mas na sociedade como um todo, a partir da conscientização das hierarquias de privilégios estabelecidas e mantidas por meio dos discursos.

No **Capítulo III**, discorreremos sobre o divórcio na meia idade, a sobreposição de crises, característica deste momento, suas limitações e possibilidades em relação à

sexualidade feminina.

No **Capítulo IV**, apresentamos o método utilizado nesta pesquisa e no **Capítulo V** discutimos a análise dos resultados.

No **Capítulo VI**, tecemos as considerações finais.

1. CAPÍTULO

UM BREVE ESBOÇO SOBRE A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE FEMININA NO OCIDENTE CRISTÃO

“Água e sexualidade nada mais são do que manifestação da energia natural que é preciso captar e aproveitar. O erotismo é a forma de dominação social do instinto e nesse sentido pode ser equiparado à técnica [...] freio e espora da sexualidade, sua finalidade é dupla: irrigar o corpo social sem expô-lo aos riscos destruidores da inundação.”

Octavio Paz

Neste primeiro capítulo, buscamos sintetizar aspectos históricos da sexualidade na sociedade ocidental cristã, que ajudam a contextualizar o tema da nossa dissertação. Por meio deste esboço, enfatizamos períodos determinados da história da sexualidade humana no ocidente e de como, nesses momentos específicos, a expressão da sexualidade feminina foi inicialmente negada, posteriormente, reprimida, vigiada, até ser normatizada e confinada ao casamento e a procriação.

Temos consciência de que esse percurso histórico foi visivelmente mais rico, complexo e contraditório, mas não caberia no escopo desta dissertação nos deter demasiadamente nos aspectos históricos desta questão.

A história da sexualidade feminina está intimamente intrincada com a história do cristianismo e do amor no ocidente. Essa é uma história de múltiplos caminhos. No início deste capítulo, utilizaremos, principalmente, as pesquisas de quatro autores: Vainfas (1986); Flandrin (1981); Foucault (1977) e Ariès (1983), para falarmos da

moral cristã dos primeiros séculos. A fim de tornar a leitura mais fluida, especificaremos o autor quando a idéia original for sua, e não especificaremos se for um conceito compartilhado por pesquisadores do assunto.

No início do cristianismo, a primeira literatura de cunho moral enfatizava o ascetismo, cujos valores essenciais eram a virgindade e a continência. Essa literatura, sobre renúncia e castidade, extraiu sua fundamentação dos textos apostólicos. A visão apocalíptica dos textos, que falavam sobre o fim próximo do mundo, recomendava a renúncia da carne aos que tencionavam ganhar o Reino dos Céus.

Foi com base nas idéias, como as de São Paulo, que surgiu ao longo dos séculos III e IV, uma vasta literatura consagrada à virgindade, tema obsessivo e eixo central da moral cristã nesses primeiros séculos. A virgindade era a garantia do movimento ascendente rumo a Deus, o retorno à origem e à imortalidade.

Na antiguidade tardia, numa época em que o casamento tornava-se mais corrente e estável, a apologia cristã da virgindade dirigia-se às mães, para que fizessem ver às filhas a virtude da vida continente, um discurso de homens dirigido às mulheres. Alguns teólogos, a exemplo de São João Crisóstomo, sequer problematizavam a dificuldade, a qual a mulher teria para se conservar virgem, subjacente ao texto, havia a idéia de que para quem nunca experimentou o prazer carnal seria fácil guardar continência. Outros, como São Basílio de Ancira, problematizaram a questão de como seria possível às mulheres renunciarem ao prazer. São Basílio, que era médico, orientava as mulheres a controlar todos os sentidos, vistos como portas ao prazer genital. Descrevia as sutilezas da masturbação feminina para combatê-la e recomendava privações: não tocar, não ver, comer pouco e alimentos que deixassem o corpo frio e seco. Isolar-se ou isolar o corpo era a receita para que a mulher mantivesse a carne incorrupta e a alma pura (Vainfas, 1986).

Na Epístola aos Coríntios, em que defendia a virgindade e a continência, São Paulo pregava o casamento: que cada homem tivesse uma mulher e cada mulher, um homem (I Cor. VII, 1). Melhor seria que ficassem castos: “mas se não podem conter-se”, diz o Apóstolo, “casem-se”. “Porque é melhor casar do que arder” (id, VII, 8). O casamento era mais uma concessão do que um mandamento. No discurso dos padres, o casamento era desprezado como um mal, ao supor o pecado da carne, mas um mal menor, pois impedia a fornicção. Estavam, portanto, diante de um impasse, hostilizar e ao mesmo tempo advogar o casamento, já que homens e mulheres uniam-se de qualquer

modo e era importante normatizar essa união. O casamento era considerado o remédio contra a concupiscência, indicado aqueles que não conseguiam conter-se. Era o último grau da continência. Quem melhor colocou-se diante do impasse foi Santo Agostinho, principal teólogo ocidental do século V. Em *Casamento e concupiscência*, chegou a colocar-se a favor do casamento contra aqueles que o proibiam ou condenavam de um modo absoluto. Santo Agostinho foi o primeiro a destacar a relação entre sacramento e matrimônio (apud Vainfas, 1986, p.11).

Monogamia estrita e indissolubilidade formavam o corpo institucional do modelo cristão de casamento, em oposição ao concubinato e ao divórcio tão frequentes no Mundo Antigo. O fundamental nesta fase do cristianismo é a concepção de casamento comparável à virgindade, porém inferior hierarquicamente.

Os tratados acerca da virgindade pouco falavam de homens. Idealizava-se a virgem, dissuadia-se a mulher de se casar, cuidava-se do desejo feminino para extirpá-lo, mas quase nada era prescrito aos homens nessa literatura.

Em relação à imagem da mulher da época, podemos ter uma noção a partir das idéias de São Crisóstomo ao advertir que aqueles que se casassem teriam que suportar a desagradável companhia da mulher; além disso, recomendava a abstenção do ato carnal na vida conjugal, pois isto favoreceria a contemplação e a oração (Vainfas, 1986).

Voltado apenas à procriação, o casamento era um bem, embora fosse o pior dos bens, mas era preciso fazer dele uma união sagrada. Não foi uma tarefa fácil e houve resistências, mas no século XII, os adeptos do matrimônio acabaram por prevalecer. Foi o teólogo Pedro Lombardo, nas suas famosas *Sentenças* de 1150, quem deu o passo decisivo, incluindo o matrimônio no rol dos sete sacramentos.

São Tomás de Aquino, na *Suma Teológica* do século XIII, admitia que, mesmo não consumado, o matrimônio era um sacramento, mas eram as relações carnis que o tornavam indissolúvel. Sinal dos tempos: o casamento excluiu a castidade e passou a exigir o “pecado” da carne, transfigurado em mistério cristão.

A partir dos séculos XII e XIII, enquanto o matrimônio era elevado à categoria de sacramento, dava-se uma verdadeira explosão discursiva em relação ao desejo, sendo o foco de uma estrita normatização ao nível dos atos. O leito conjugal, uma vez sacramentado, tinha de ser devassado e ordenado. A confissão ao desempenhar um papel fundamental na vigilância dos casais, imposta como obrigatória pelo Concílio de

Latrão (1215), assumiria importância vital e duradoura na metodologia de poder e controle no mundo ocidental.

No tocante à vigilância e à ordenação do leito conjugal, os teólogos construíram um “sistema” baseado em três eixos fundamentais: 1) a imposição da relação carnal como algo obrigatório no casamento, sem a qual ele não teria sentido; 2) a condenação de todo e qualquer ardor na relação carnal entre os cônjuges, quase sempre entendido como “excesso” ou, às vezes, como prática antinatural; 3) a minuciosa classificação dos atos permitidos ou proibidos, tendo em vista a função procriadora da *comixtio sexus* (Vainfas, 1986).

De acordo com o primeiro eixo da ordenação do leito conjugal, obrigava-se ao ato carnal, sem o qual o casamento não teria sentido, mas condenava-se o excesso. As ideias de São Jerônimo contribuíram muito nesse sentido: “nada é mais imundo do que amar a sua mulher como se fosse uma amante”; “adúltero é também o amante muito ardente de sua esposa”; “um homem sábio deve amar a sua mulher com discrição e não com paixão e, conseqüentemente, controlar os seus desejos e não se deixar obcecar pela cópula”. O leito conjugal imaginado por São Jerônimo, no qual os esposos se uniam friamente, supunha um modelo de cópula quase desencarnado: os movimentos do ato deviam ser discretos, controlados, e neles não podia intervir a paixão. São Tomás de Aquino, para quem a conjunção dos sexos era signo do matrimônio, condenava rigorosamente o prazer: carícias e coitos desregrados eram pecados gravíssimos, ainda que no leito conjugal. O único prazer lícito, dizia o teólogo, era o que se destinava exclusivamente a fecundação (apud Vainfas, 1986, p.42).

O reconhecimento da cópula como algo inerente ao casamento implicou a valorização da antiga noção de *débito conjugal*. Os teólogos da Baixa Idade Média, sem excluírem a idéia do casamento como “remédio da concupiscência”, encontraram um aspecto mais “positivo” à dívida conjugal: pagá-la era o modo legítimo de representar o mistério do sacramento matrimonial e o meio de atingir a razão natural do casamento, isto é, a propagação da espécie. A dívida conjugal, antes signo da carne pecaminosa e, ao mesmo tempo, terapêutica do desejo, transformou-se aos poucos em ritual sagrado e prática racional (Flandrin, 1981).

Com isso, a concepção da mulher dos séculos anteriores, que oscilava entre o ser inferior/passivo e o ser diabólico/maligno, pouco a pouco se transformou na imagem da mulher igual, porém inibida, a quem se devia dar o “privilégio” de pedir, em silêncio, o

ato carnal. A mudança de imagem é, contudo, superficial: o que prevalece é a concepção grega da mulher passiva, inferior ao homem e a idéia apostólica/patrística, segundo a qual a mulher casada deveria conduzir-se como uma virgem de segunda categoria, demonstrando resistência ao ato sexual para acentuar suas virtudes e garantir sua fidelidade (Vainfas, 1986).

Flandrin (1981) levantou uma questão importante sobre as diferentes concepções dentro do próprio Cristianismo a respeito da igualdade de direitos entre homens e mulheres:

Mas, ao mesmo tempo, estabelecia-se em todos os meios, entre o ideal de comportamento masculino e o ideal de comportamento feminino, uma diferença radical, absolutamente contrária à doutrina da Igreja tal como ela era formulada pelos teólogos mais qualificados. Tenho a impressão de que a convergência no primeiro ponto provém do fato de a doutrina tradicional da Igreja se inspirar na sabedoria antiga e em atitudes correntes nas sociedades não cristãs. A divergência no segundo ponto relaciona-se talvez com o fato de a igualdade entre homem e mulher em matéria de sexualidade ser uma invenção cristã que contradiz as idéias tradicionalmente admitidas no mundo ocidental e que, aliás, só recentemente pode impor-se. Simples hipótese, no estado atual das investigações (1981, p.125).

Alguns historiadores, a exemplo de Vainfas (1986), questionam se não estaria embutido nesse “privilégio” feminino o medo da mulher diabólica, insaciável e levantam hipóteses sobre a imposição do recato ser uma maneira de conter o desejo feminino. De qualquer forma, é a fórmula de São Paulo que triunfa: o esposo é a “cabeça da mulher”, e deve decidir por ambos o momento adequado para o ato carnal.

Os apologistas do casamento exigiam o pagamento da dívida conjugal e fizeram da cópula uma obrigação dos esposos. Em momento algum, admitiram o prazer, quando muito, reconheceram o desejo como necessário a cópula e só a contragosto, aceitaram o prazer proporcionado. Em nome da procriação, toleraram o desejo e vigiaram o prazer. Salvou-se a cópula, sacramentada, ritualizada e racionalizada à propagação da espécie. (Vainfas, 1986).

Para exercer o controle sobre a sexualidade, os teólogos construíram e institucionalizaram um modelo de cópula conjugal austero, inspirado nos princípios de autocontrole e discrição, elaborados por São Jerônimo. Composto de uma rede de interdições e permissões relativas ao espaço, ao tempo e ao próprio ato.

A cópula conjugal possuía circunstâncias e forma apropriadas à sua execução, racionalizada como prática, ritualizada como sacramento. Os teólogos reduziram ao

mínimo, o tempo à cópula do casal. Antes do século XVI, o “casal devoto” deveria abster-se do coito em 273 dias do ano. Utilizavam-se do conceito racionalizante e explicativo da *natureza*, identificada à vontade divina. Segundo São Tomás de Aquino: “Qualquer que use a cópula pelo deleite que nela há, não conduzindo sua intenção para o fim ao qual tende a natureza, age *contra naturam*; e a emissão desordenada de sêmen é contrária ao bem da natureza que é a conservação da espécie” (apud Vainfas, 1986, p.45).

A Natureza firmou-se por essa via, como paradigma de reflexão moral. Quanto ao coito genital, admitia-se apenas uma posição como natural: o homem deitado sobre o ventre da mulher. As demais eram consideradas *contra naturam*, particularmente a *retro canino* (mulher de costas para o homem) e a *mulier super virum* (homem embaixo da mulher). Na primeira posição, o que denotava o *contra naturam* era a semelhança com a cópula dos animais, na segunda, a inversão da “natureza” dos sexos, ou seja, a passividade feminina e a atividade masculina. Extirpava-se todo o vestígio de “animalidade” do desejo humano, incluindo-se o sexo no domínio da razão natural. Reafirmava-se, por outro lado, a submissão da mulher, fazendo-a representar no ato um papel supostamente passivo lhe atribuído de antemão.

O controle e o medo instaurados pelo cristianismo, associados à repressão do prazer e a suspeita sobre o sexo, são inseparáveis da desvalorização simbólica e social das mulheres. A atribuição às mulheres de uma natureza própria, cuja “essência” é a maternidade, é um *continuum* no pensamento eclesial. As diferenças biológicas constantemente invocadas validam a atribuição das mulheres à esfera doméstica, reafirmando a legitimidade de sua exclusão da esfera pública e reiterando sua inferioridade social e política. (Rosado-Nunes, 2008). Crença esta que será questionada com alguma eficiência, somente a partir do século XX.

1.1 O amor romântico e a mulher maternal do lar burguês

Um segundo momento, o de compreensão da normatização da sexualidade feminina, refere-se ao discurso associado à ascensão da burguesia no cenário político social europeu. Segundo Almeida (1987), o nascimento da família burguesa deu-se no contexto da ascensão social da burguesia industrial, sendo decorrente, em parte, do desenvolvimento da família protestante e, em parte, da reação à decadência dos

costumes da aristocracia. A nuclearização da família correspondeu a uma restrição das relações sociais, o espaço do lar passou a ocupar o espaço que antes era da comunidade. A definição do vínculo afetivo entre o casal e dos cuidados com a prole estabeleceu-se como busca da felicidade, meio de ascensão social e perpetuação familiar (Almeida, 1987).

Formuladas entre os séculos XVIII e XIX, no limiar da revolução burguesa, as idéias sobre família inspiradas em Rousseau demonstravam que, embora todos os homens fossem iguais perante a lei, as mulheres eram, por natureza, diferentes. A desigualdade não era mais determinada por Deus ou pelo Rei, mas derivada da natureza, um fator imponderável e incontornável. Assim, foi principalmente sobre as mulheres que o recurso à naturalização incidu, ligando à maternidade aos cuidados com a prole e tornando o amor produto da natureza feminina. O lar transformou-se em refúgio e proteção, dessa forma a família adquiriu os contornos modernos (Souza, 1994).

Costa (1998) ressalta a importância das idéias de Rousseau, ao imaginar que a sexualidade poderia ser canalizada à construção da sociedade, unindo sexo, amor e casamento na unidade da família. De fato, o Iluminismo parece ter propagado duas idéias que favoreceram o florescimento do amor como base dos relacionamentos modernos: a idéia da igualdade e da felicidade individual.

No lar do casal burguês, o marido-provedor mantinha-se afastado no mundo exterior do trabalho e a casa transformava-se no domínio restrito das mulheres, o mundo doméstico da intimidade e dos relacionamentos. A relação entre o homem provedor e a esposa dona-de-casa emergiu como um novo modelo de casamento, no qual as mulheres deveriam preparar-se, a fim de garantir a felicidade conjugal, para tornarem-se esposas primorosas e mães dedicadas (Souza, 1994).

O amor romântico, a partir do século XVIII, tornou-se o ideal desse tipo de casamento. Nesse modelo de amor entre desiguais, a mulher é a responsável pelos cuidados da casa, dos filhos e do marido, o homem é o provedor, sendo o trabalho produtivo mais valorizado socialmente do que o trabalho reprodutivo. Dessa forma, estabelece-se o padrão hierárquico e assimétrico, o homem na posição de poder maior, considerado o chefe da casa.

A associação entre amor, sexualidade e casamento é uma invenção da era burguesa. O amor-paixão, sexual, como fundamento do casamento surgiu na

modernidade, trazendo um elemento revolucionário que enunciava uma nova ordem das coisas.

Costa (1998) apresenta-nos as seguintes injunções características do amor romântico e presentes nas crenças amorosas: a idealização de um sentimento pessoal, pleno, mágico, superior a qualquer outra experiência emocional e a desqualificação moral do exercício puramente físico da sexualidade, que apesar de livre, deveria ser submetida ao amor, o que a tornaria *digna*.

Esta crença é fortemente arraigada no imaginário feminino até a atualidade e pouco questionada. O amor romântico, apesar de elevar a figura da mulher na sociedade e idealizá-la como mãe e esposa, em relação ao seu aspecto sexual, funcionou como uma importante restrição ao seu exercício. Negando a existência da sexualidade feminina pura e livre da condição de apaixonamento, estabeleceu-se a crença na menor necessidade sexual feminina, e um modelo tipicamente feminino de desejar.

1.2 A família burguesa e as novas normatizações da sexualidade feminina por meio da ciência

Foucault (1977), pesquisador das questões sociais, colocou em foco as normatizações que incidiram sobre a sexualidade humana, ao longo da história, como formas de exercer controle e poder sobre os sujeitos. Localizou importantes rupturas na história da sexualidade: a primeira no decorrer do século XVII - nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, esquivia obrigatória do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem.

No fim do século XVIII, nascia uma nova tecnologia do sexo que escapava à instituição eclesiástica: a pedagogia, a medicina e a economia da época faziam do sexo, não somente uma questão leiga e pessoal, mas negócio de Estado, pois todo o corpo social e cada indivíduo eram convocados a ficarem em vigilância.

A medicina passou a intervir nos prazeres do casal, inventou-se toda uma série de patologias orgânicas, funcionais ou mentais, originadas nas práticas sexuais. O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e as condutas familiares tinham o objetivo de dizer *não* a todas as sexualidades errantes e improdutivas (Foucault, 1977).

O crescente reconhecimento médico sobre a importância da sexualidade na formação da personalidade ampliou aos médicos a possibilidade de intervir e supervisionar a educação dos filhos e da vida familiar. A “privatização” da vida familiar da classe média descrita, por Ariès, historiadores ingleses e americanos, aconteceu ao mesmo tempo em que outras influências abriram a família à supervisão e controle médicos (Lasch, 1997).

Foucault (1977) distinguiu quatro conjuntos estratégicos, os quais desenvolveram dispositivos específicos de saber e poder a respeito da sexualidade: a histerização do corpo da mulher, sendo, a “mulher nervosa”, a sua forma mais visível; a pedagogização do sexo da criança; a socialização das condutas de procriação através das incitações ou freios à fecundidade e, enfim, a psiquiatrização do prazer perverso, procurando uma tecnologia corretiva para tais “anomalias”.

A segunda ruptura, ou curva de mudança na história da sexualidade, aconteceu no século XX: é o momento em que os mecanismos da repressão teriam começado a afrouxar, passando a uma relativa tolerância às relações pré-nupciais ou extraconjugais, a desqualificação dos perversos atenuada e, sua condenação pela lei, eliminada em parte, diminuindo em grande medida os tabus que pesavam sobre a sexualidade das crianças. Houve uma mudança nos mecanismos de controle, o rito da confissão obrigatória do cristianismo foi recodificado por meio de operações terapêuticas, fazendo com que a sexualidade saísse dos registros exclusivos de culpa e pecado, excesso e transgressão e passasse a abarcar o regime do normal ou patológico, passível de diagnóstico e cura (Foucault, 1977).

A nosso ver, o mais importante é não perdermos de vista, nesta breve revisão histórica, o fato de que, ao longo do tempo, a atividade sexual foi objeto de preocupação moral e, como tal, submetida aos dispositivos de controle das suas práticas. Esses dispositivos, construídos com base nos valores e ideologias predominantes na sociedade de cada época, assumem formas diferentes à medida que a sociedade muda.

1.3 A sexualidade feminina na família brasileira

Quando a família real portuguesa chega ao Brasil, em 1808, ocorre uma re-europeização dos costumes, introduzindo-se os ideais burgueses da família européia nuclearizada. Mas essas idéias encontram uma realidade completamente diferente

daquela na qual havia sido gestada. Não havia uma classe burguesa cidadina, industrial ou comercial em ascensão, mas ao contrário, a sociedade colonial, baseada no latifúndio exportador, cuja mola essencial era o trabalho escravo (Almeida, 1987).

A família rural, transplantada às cidades do século XIX, havia sofrido modificações superficiais e a mentalidade patriarcal continuava dominante. A família no Brasil era uma unidade econômica, um núcleo centralizador de poder e um sistema de proteção. Ao patriarca cabia o cuidado dos negócios, a preservação da linhagem, da honra e uma grande autoridade que competia, e muitas vezes, excedia à da Igreja e do Estado (Souza, 1994).

A propriedade privada e o patriarcalismo são fenômenos análogos entrelaçados pela instituição da escravidão: a propriedade de seres humanos. A sexualidade masculina era vivida, sobretudo, fora desta família, realizando-se com as diversas categorias de escravas, amantes e prostitutas. Coube a Freyre desvendar o caráter poligâmico da família patriarcal e a expectativa ideal de que o macho branco tivesse as relações heterossexuais e ativas possíveis, pois ele era o dono da mulher, dos filhos e dos escravos. As mulheres negras eram potencialmente objeto sexual e a mulher branca, pertencente ao pai e depois ao marido, não era nem objeto sexual nem maternal, apenas cumpria a função de reprodutora da descendência legítima, caso fosse pega em adultério poderia ser morta ou castigada (Almeida, 1987).

Ressoando aos ecos do papel da ciência na normatização da sexualidade na Europa, a ação higienista dos médicos no Brasil, a partir do final do século XIX, foi porta-voz de uma nova visão dos relacionamentos familiares (Costa, 1983). Era um discurso claramente normativo, mas diferente daquele da Igreja e do Estado, revestia-se de cientificismo. O próprio espaço da casa colonial foi privatizado e reorganizado em nome da saúde, modificando de maneira radical a paisagem urbana. Passou-se a valorizar a família nuclear e os papéis dentro da família foram se modificando. A esposa colonial, que possuía apenas uma função procriativa, passou a ser a esposa, a mãe cuidadosa e afetiva. O casamento, um contrato político-econômico, passou a ser um contrato de saúde, pois apenas pais saudáveis poderiam ter filhos saudáveis, indispensáveis a uma nação em crescimento (Souza, 1994).

O aburguesamento no Brasil foi muito rápido e fez-se muito mais por meio de uma sobreposição, do que pela geração de um novo modelo. Embora, tenha sido privilegiado o papel da mãe, a estrutura de poder não se modificou, o aburguesamento

constituiu-se mais num verniz superficial sobre os hábitos das elites urbanas dos séculos anteriores do que uma mudança significativa (Almeida, 1987).

O ideal do amor romântico na escolha conjugal validou mais uma relação entre desiguais do que caracterizou uma modernização, pois o duplo padrão de sexualidade e a questão da honra permaneceram como regra. O discurso legal sobre a família desde a independência significou a preocupação com a legitimação do patrimônio e, portanto, da prole, mantendo-se a ênfase no poder masculino e na assimetria sexual (Almeida, 1987). Este modelo de relacionamento manteve-se até meados do século XX.

1.4 O modelo de família tradicional dos anos cinquenta

Ao objetivo desta dissertação é relevante abordarmos o contexto da infância e juventude das mulheres entrevistadas nesta pesquisa, a fim de compreendermos os modelos de família e casal considerados típicos da época.

As mulheres, entrevistadas nesta pesquisa, nasceram ou viveram sua infância nas décadas de 1950 e 1960, no Brasil. Suas mães eram mulheres socializadas de acordo com os costumes da época e educaram suas filhas de uma maneira mais ou menos consciente, influenciadas pelos padrões morais vigentes.

A historiadora social, Carla Bassanezi (1997) em seus estudos a respeito das revistas femininas dos anos 50, no Brasil, mostra-nos as idéias predominantes da época, a respeito da sexualidade conjugal. Em matéria do Jornal das Moças de abril de 1952, uma das revistas femininas da época, encontrou o seguinte teste:

Teste de Bom Senso: Suponhamos que você venha, a saber, que seu marido a engana, mas tudo não passa de uma aventura banal, como há tantas na vida dos homens. Que faria você?

1. Uma violenta cena de ciúmes?
2. Fingiria ignorar tudo e esmerar-se-ia no cuidado pessoal para atraí-lo?
3. Deixaria a casa imediatamente?

Resposta

*A primeira resposta revela um temperamento incontrolado e com isso se arrisca a perder o marido, que, após uma dessas pequenas infidelidades, volta mais carinhoso e com certo remorso.

*A segunda resposta é a mais acertada. Com isso atrairia novamente seu marido e tudo se solucionaria inteligentemente.

*A terceira é a mais insensata. Qual mulher inteligente que deixa o marido só porque sabe de uma infidelidade? O temperamento poligâmico do homem é uma verdade; portanto, é inútil combatê-lo. Trata-se de um fato biológico que para ele não tem importância (Bassanezi, 1997, p. 607).

Na prática, a moral da época favorecia as experiências sexuais masculinas, enquanto procurava restringir a sexualidade feminina aos parâmetros do casamento convencional. A iniciativa e o espírito de aventura que impulsionariam a entrada no mercado de trabalho era algo próprio da *masculinidade*. Não importavam os desejos e a espontaneidade feminina, o que contava eram as aparências e as regras.

O Brasil dos anos cinquenta viveu um período de ascensão da classe média. Com o final da Segunda Guerra Mundial, o país atingiu um crescimento urbano e industrial sem precedentes, fato que conduziu ao aumento das possibilidades educacionais e profissionais para os cidadãos. De maneira geral, ampliaram-se aos brasileiros as possibilidades de acesso à informação, lazer e consumo e as condições de vida nas grandes cidades diminuíram as diferenças entre homens e mulheres. Práticas sociais, do namoro à intimidade familiar também sofreram modificações (Figueira, 1987; Almeida, 1987; Carneiro, 1987; Dauster, 1987; Teixeira 2004).

Bassanezi (1997) observa, entretanto, como os papéis femininos e masculinos continuaram nitidamente distintos. A moral diferenciada permanecia forte e o trabalho da mulher, cada vez mais comum, era cercado de preconceitos e visto como subsidiário ao trabalho do homem, o “chefe da casa”. Se o Brasil acompanhou, à sua maneira, as tendências internacionais de modernização e de emancipação feminina, mudanças essas impulsionadas pela participação das mulheres no esforço de guerra e pelo desenvolvimento econômico, também foi influenciado pelas campanhas estrangeiras que, com o fim da guerra, passaram a pregar a volta das mulheres ao lar e aos valores tradicionais da sociedade.

Na família modelo dos anos cinquenta, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis tradicionais: cuidar da casa, dos filhos, do marido e das características próprias da *feminilidade*: instinto materno, pureza, resignação e

doçura. Este era considerado seu destino natural, e quem dele fugisse, estaria indo contra a natureza e não poderia ser “realmente feliz”. (Bassanezi, 1997).

Esta era a época em que as jovens eram classificadas entre moças de família ou levianas. As moças de família conservavam sua pureza sexual e não se deixavam levar por intimidades físicas muito avançadas com os rapazes. Eram aconselhadas a comportarem-se de acordo com os princípios morais aceitos pela sociedade, mantendo-se virgens até o matrimônio. Como eram vistas como ingênuas inconseqüentes ou deslumbradas, era grande a vigilância sobre elas para que não se desviassem do “bom caminho”. Para os rapazes era permitido e até incentivado ter experiências sexuais, neste aspecto é visível a dupla moral da época.

A moral da virgindade era válida para as mulheres, mas não se aplicava aos homens, o que é descrito nas pesquisas brasileiras de Teixeira (2004) sobre a *camisola do dia*, e na dissertação de Costa (2008), a respeito da atualização de crenças sobre sexualidade e envelhecimento em grupos de apoio terapêuticos (focados nas questões do envelhecimento).

Isso tinha sua lógica numa época em que as mulheres, por questões estruturais, não possuíam ingerência na vida política e econômica. Elas não contavam com uma renda própria expressiva e geralmente tinham menor escolaridade do que os homens, tornando-se dependentes deles. Como consequência, o casamento apresenta-se a elas como caminho natural a ser seguido. É compreensível as precauções destas e de suas famílias para casar bem ou fazer um “bom casamento”, como continua a ser dito em nossos dias (Teixeira, 2004).

As levianas ou fáceis, eram as moças que permitiam ter intimidades físicas com os homens. Na classificação da moral social estariam entre as moças de família e as prostitutas. Às levianas seriam negados o casamento-modelo e uma vida de “rainha do lar”, pois eram aquelas com quem os rapazes *aproveitavam*, mas não se casavam.

A moça de família manteve-se como um modelo das garotas dos anos cinquenta e seus limites eram bem conhecidos, ainda que algumas das atitudes condenáveis pudessem variar um pouco entre cidades grandes e menores, cariocas e paulistas, diferentes grupos e camadas sociais.

A moral sexual dominante dos anos cinquenta exigia das mulheres solteiras a virtude, muitas vezes confundida com ignorância sexual e, sempre, relacionada à contenção sexual e à virgindade. Para garantir a pureza das moças, era comum que as

informações sobre sexo chegassem a elas marcadas por censuras, reservas, silêncios e preconceitos. Mesmo os rapazes estavam sujeitos à desinformação e à falta de diálogo sobre o assunto.

Os manuais instrutivos mais popularizados e os artigos de revistas femininas que tratavam do tema não falavam de prazer, mesmo para as mulheres casadas, e sim em realidade a ser enfrentada, missão a ser cumprida - a maternidade, necessidades do casamento, obrigações conjugais. O ambiente era de silêncio sobre o interesse e o direito das mulheres ao prazer sexual, elas teriam que esperar as décadas seguintes para começar a ler sobre o assunto nas revistas femininas (Bassanezi, 1997).

Além da ignorância sobre a própria sexualidade, existia também o medo de “ficar para titia”. O problema não era apenas a solidão, às mulheres “decentes” não era permitido amenizá-la com aventuras amorosas ocasionais e teriam de se preocupar com o sustento já que, sem marido, iriam se tornar um peso à família e sofreriam por não terem cumprido seu destino *natural* como mulher: procriar e cuidar. Portanto, não se casar ou desquitar-se era sempre um estigma, evitado a todo custo e carregado de ônus social.

É importante salientar que este foi o contexto de época das mães de nossas entrevistadas, mas em certa medida vivido também por nossas pesquisadas, o que compreenderemos melhor após a discussão a respeito da “modernidade reativa” no final deste capítulo. Acreditamos que muitas mães que viveram neste contexto cultural educaram suas filhas a partir destes valores tradicionais.

1.5 A revolução sexual no Brasil. Qual?

Entre as décadas de 1960 e 1970 eclode a revolução sexual no Brasil com a chegada da pílula anticoncepcional. Livres da sífilis e ainda longe da AIDS, os jovens podiam experimentar de tudo: drogas, sexo e *rock`and`roll*. Estes comportamentos indicavam a rebeldia dos jovens em relação aos valores, a autoridade dos seus pais e a sociedade.

As idéias de paz e amor pregavam o uso de drogas como meio de liberação da mente e o sexo livre como novo modo de expressão. *Estúpido Cupido* (1959) e *Banho de Lua* (1960) de Celly Campello antecipavam tentativas de adaptação a esse mundo novo que se esforçava para ser rebelde (Del Priore, 2005).

A moral sexual tornava-se flexível e casais não casados já podiam circular socialmente, os maridos já não davam ordens às suas esposas como se fossem seus proprietários. Na cama, a sexualidade bucal estendia-se a outras partes do corpo, as preliminares tornavam-se mais longas, mas os prazeres da boca degustavam-se no escuro. É bom lembrar, que os jovens de 1960 foram educados por pais extremamente conservadores e regras de pudor muito estritas foram-lhes inculcadas (Del Priore, 2005).

Lia-se “*A função do Orgasmo*” de Willian Reich e a minissaia começava a despir os corpos. Era o início do direito ao prazer para todos, sem que as mulheres fossem penalizadas ao manifestar seu interesse por alguém. Deixava-se para trás a “tecnicamente-virgem”, aquela na qual as carícias sexuais acabavam na “portinha”. As mulheres começavam a desobedecer às normas sociais, familiares e parentais. Quando o amor acabava, as mulheres já podiam buscar a separação, outras optavam por ter “casos”, sobretudo nas elites, para sustentar casamentos burgueses e sólidos.

Giddens (1992) acredita que as mulheres comuns, que tratavam de suas vidas cotidianas, e as feministas foram pioneiras em mudanças de grande e ampla importância. Essas mudanças dizem respeito a uma exploração das potencialidades do “relacionamento puro”, um relacionamento “ideal” com igualdade sexual e emocional, explosivo em suas conotações em relação às formas preexistentes de hierarquia de poderes na sexualidade.

A emergência do que Giddens (1992) chama de sexualidade plástica, ou seja, a sexualidade descentralizada e liberta das necessidades de reprodução, é crucial à emancipação feminina implícita no relacionamento puro, assim como à reivindicação da mulher ao prazer sexual. Nos seus estudos sobre a transformação da intimidade nas sociedades modernas, o autor considera a intimidade como uma negociação transacional de vínculos pessoais, estabelecida por iguais, que implica uma total democratização do domínio interpessoal, de uma maneira plenamente compatível com a democratização na esfera pública.

Em 1987, entretanto, Figueira já comentava que o processo de democratização do desejo ainda está longe de ser realizado de forma plena, o que se observa na realidade é uma falta de parâmetros para os relacionamentos modernos e uma confusão entre os valores novos e arcaicos. Este fenômeno social que é descrito pelo autor como “modernidade reativa”, pode ajudar-nos a entender essa questão do “desmapeamento”,

compreendido não como a ausência de mapas, mas pelo contrário, pela convivência conflituosa de dois modelos: um tradicional e outro igualitário:

A modernidade reativa se deve, em última instância, ao fato de que a sucessão de ideais no processo de modernização, ao ser extremamente rápido, não dá ao sujeito a oportunidade de se modernizar realmente no seu funcionamento, profundamente nos seus conteúdos e na sua identidade. Preso no compasso entre a grande velocidade da modernização e a grande inércia da subjetividade, o único modo do sujeito conseguir ser moderno, tentar acompanhar as transformações, é através da modernização do conteúdo do comportamento, através da modernidade reativa (Figueira, 1987, p.29).

No modelo antigo, as identidades masculinas e femininas configuram-se demarcadas com precisão – o que cabe a um, exclui o outro. Ao masculino cabe a manutenção econômica da família e atitude protetora para com seus membros, à feminina cabe a preservação da sexualidade, fidelidade conjugal e dedicação ao lar e filhos. O casamento é considerado indissolúvel, monogâmico e ligado à reprodução (Féres-Carneiro, 2004). O modelo “novo”, mais igualitário, é marcado pela individualidade, peculiar aos grandes centros urbanos brasileiros e absorvido principalmente pelos segmentos médios, onde o processo de modernização expandiu-se intensamente (Velho, 1981, 1985).

É importante compreendermos melhor a diferença entre uma mudança real, produto da capacidade de reflexão e autonomia, em relação a uma mudança superficial, quando apenas se veste uma nova roupa sem se desfazer da antiga que fica por baixo. Muitas vezes, a regra moral muda, mas a subjetividade não muda na mesma velocidade, este é um aspecto que estará em foco no decorrer desta pesquisa.

A sexualidade foi desembaraçada da mão da Igreja, foi separada da procriação graças aos progressos da medicina, desculpabilizada e exaltada pela psicanálise. Porém, de forma oposta, agora é a falta de desejo que passa a ser perseguida e, muitas vezes, procura-se entender como conciliar o desejo sexual com a segurança do amor romântico duradouro. No entanto, apesar de todas essas mudanças, percebe-se que os ideais tradicionais continuam muito presentes nas subjetividades, criando uma sobreposição de mapas que confundem as relações no interior da família e na sociedade como um todo.

2. CAPÍTULO

FALANDO SOBRE GÊNERO

2.1 A construção social das diferenças

A sociedade estrutura-se com base na família e esta com base no casal, tradicionalmente um homem e uma mulher. No capítulo anterior, apresentamos como os discursos normativos (religioso, científico) utilizam-se das diferenças anatômicas para estabelecer as funções típicas e naturais a cada gênero.

Neste segundo capítulo, sinalizaremos, inicialmente, a importância de partirmos de uma perspectiva social para falar do feminino, mostrando como as várias formas de manifestação do feminino definem-se por sua relação com o masculino, este também em suas múltiplas possibilidades. No segundo momento, indicaremos como essas relações materializam-se em dinâmicas de poder no cotidiano conjugal.

Nos estudos das ciências humanas e sociais até a década de 1970, seguindo um ponto de vista positivista, herdado da biologia, os papéis eram definidos e as expectativas com relação a cada sexo eram claras. Pensar nesses termos dicotômicos, homem versus mulher, simplificava um assunto que, a partir de então, foi tornando-se cada vez mais complexo.

Os anos setenta trouxeram, à análise acadêmica e à visibilidade social, as questões dos direitos civis, propagados pelos movimentos feministas, dos negros e dos homossexuais, de modo que as relações de poder e submissão, pensadas como construção social das diferenças, foram gradativamente tomando corpo, o que levou à consolidação do conceito de gênero. Esse foi formulado pela primeira vez no início da década de 70, na obra da socióloga inglesa Ann Oakley, denominada “*Sex, gender and Society*”, para distinguir inicialmente o caráter biológico do sexo, do caráter sócio-cultural de gênero:

... sexo é um termo da biologia e gênero é empregado na psicologia e com relação a processos culturais. Poder-se-ia pensar que essas palavras são simplesmente dois modos de se considerar a mesma diferença e que se, por exemplo, uma pessoa é do sexo feminino, pertence automaticamente ao gênero correspondente (feminino neste

caso). De fato, não é assim. Ser homem ou ser mulher, menino ou menina, é tanto a maneira de se vestir, os gestos, as atividades, a rede social e a personalidade, como os órgãos genitais que uma pessoa tem. (Oakley, 1972, p. 158)

Partindo desta distinção, o objetivo era tornar conscientes os discursos normativos que *naturalizavam* as diferenças entre os sexos, usando como base os caracteres genéticos incontestáveis para justificar as diferenças de poder. Enquanto gênero é uma construção imaginária e simbólica, sexo é um conjunto de características genotípicas e fenotípicas presentes no corpo humano (Maciel Jr, 2006).

O feminismo, que nesta ocasião vivia sua “segunda onda,” chamou a atenção ao uso que se fazia da teorização psicológica como legitimação do *status quo*, especialmente da posição inferior das mulheres.

De fato, algumas abordagens tradicionais da psicologia social e da psicologia do desenvolvimento da época focalizavam a socialização dos papéis. Essas abordagens postulavam que as diferenças entre meninos e meninas eram absorvidas, desde tenra idade, porque os agentes socializadores (pais, família, escola, mídia) influenciavam, por meio de reforços ou processos de identificação, as expectativas, atitudes e comportamentos típicos a cada sexo, inculcando uma noção do que era ser homem ou mulher, do esperado, permitido e excluído a cada sexo. Essas noções demonstradas pelos estudos eram mantidas porque meninos e meninas tendiam a imitar os seus iguais, mais do que o sexo oposto, baseando-se na observação direta e na interpretação do que percebiam como “certo” para cada sexo (Féres-Carneiro, 2004).

Na época, os desempenhos esperados culturalmente: meninos fortes, independentes, agressivos e dominadores e meninas dependentes, sensíveis, afetuosas e não agressivas, formavam conjuntos de disposições diferentes a serem seguidas. E, conforme a hipótese clássica de Parsons (1964) orientando os meninos de uma forma instrumental, com ênfase na competência e capacidade à ação - respostas impessoais - e as meninas à dimensão expressiva, com foco na ternura e no cuidado dos outros, respostas pessoais (Féres-Carneiro, 2004).

Esses estudos clássicos mostravam como a aquisição de papéis estabelecia-se, mas não questionavam as hierarquias de poder implícitas neles. Foi a partir desta visão crítica, despertada pelas feministas, que se desenvolveram os estudos de gênero.

No Brasil, o movimento de mulheres, do qual o feminismo é uma das facetas, adquiriu uma feição própria, segundo Sarti (1988), tendo um caráter inter-classes e uma

forte tendência política em detrimento das questões mais específicas da mulher. Estes aspectos ganharam espaço posteriormente, nos anos oitenta, início do processo de redemocratização, quando os estudos multidisciplinares de historiadores, antropólogos e sociólogos permitiram uma releitura crítica das teorias e pesquisas sobre mulheres, desvinculando-se dos estereótipos sexuais e ultrapassando o reducionismo biológico.

A partir destas pesquisas, denominadas *estudos de gênero*, a feminilidade e a masculinidade passaram a ser compreendidas como culturalmente construídas, situadas no espaço e no tempo. Essa compreensão, porém, limitava-se aos meios acadêmicos, pois na vida cotidiana, como veremos no próximo tópico, a hierarquia das relações prevalecia.

Segundo De Barbieri (1991), a sexualidade é carregada de significados e de historicidade. A construção de seu sentido, em termos de valores, símbolos e representações do eu, vai muito além do prazer e da reprodução, sendo que a desigualdade entre homens e mulheres, que as inferioriza e submete-as, articula-se com outras, como raça, etnia e momento do ciclo vital.

O gênero não se refere apenas à identidade pessoal, mas é um fenômeno social, presente nas nossas interações diárias. Quando falamos em gênero, referimo-nos a uma ampla gama relacional, que implica questões sociais, econômicas, políticas, religiosas e familiares. Um olhar a partir dos estudos de gênero relativiza as atribuições sociais tradicionais que mutilam homens e mulheres, aprisionando-os em papéis rígidos e opostos (Hime, 2004; Macedo & Kublikowski, 2006). A partir de uma compreensão de gênero, fala-se de masculinidades e feminilidades como modos de agir, independente do sexo biológico.

Maciel Jr. (2006), em sua tese de doutorado, *Tornar-se Homem*, enfatiza que apesar da discussão a respeito das diferenças entre homens e mulheres ser antiga, continua muito em moda no cenário atual. Mas, enquanto na literatura de auto-ajuda as respostas apresentam argumentos, tais como, “Os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus”, a literatura científica tem produzido pesquisas e obras extremamente importantes sobre a questão: como e por que as diferenças entre homens e mulheres servem para justificar o privilégio e o domínio daqueles sobre estas?

Hoje, há, pelo menos no meio acadêmico, uma atenção maior aos discursos socialmente construídos que estabelecem o que são “coisas de homem” e “coisas de mulher”.

Neste trabalho, utilizaremos a definição de gênero da historiadora Joan Scott (1990), no artigo intitulado *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*: “[...] uma categoria social imposta sobre o corpo sexuado [...]; o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos [...] é um primeiro modo de dar significado às relações de poder (p.14).”

Esse artigo foi importante, pois pela primeira vez, um texto tinha como único objeto o gênero, no sentido de relação social e realizava a exploração metódica de seu campo conceitual. Além disso, como observou Soihet (1997), havia nesse artigo o propósito de ultrapassar os usos descritivos do gênero e formular uma proposta que permitisse utilizá-lo como categoria de análise, para deste modo, dar-lhe força suficiente a questionar e reformular os paradigmas históricos existentes.

Gênero, não é só um sistema de classificação machos e fêmeas, pelo qual as pessoas são vistas e socializadas em papéis sociais equivalentes, mas expressa a desigualdade universal entre homens e mulheres. Quando falamos de gênero, falamos de hierarquia, de poder e desigualdade e não apenas de diferenças (Connell, 2002).

Gênero é um eixo em torno do qual a vida social é organizada e por meio do qual compreendemos nossa própria experiência. Estudos sobre gênero tendem a compreender e explicar tanto a diferença quanto a dominação. As diferenças de gênero são um produto da dominação. A noção de diferença legitima a desigualdade, pois opostos são tidos como simétricos e esta concepção coloca um véu no processo de desigualdade social (Kimmel, 2004).

O objetivo dos estudos atuais é: entender como as masculinidades e feminilidades são construídas, produzidas e reproduzidas, assumindo, portanto que são variadas e mutáveis através do tempo (história) e do espaço (cultura), dentro de uma mesma sociedade, ao longo do ciclo vital e da biografia individual (Connell, 2002).

O conceito de papel sexual refere-se à identidade ou papel internalizado que reflete as normas e valores específicos de uma cultura, adquiridos dos agentes de socialização, como família, escola e mídia de forma geral.

Por meio da aprendizagem social, meninos e meninas tornam-se masculinos ou femininos – aprendem os traços e comportamentos “apropriados”, associados à masculinidade hegemônica e feminilidade exagerada - e então, negociam individualmente o padrão no qual se sentem bem. Hegemonia, nesse contexto significa: a dinâmica cultural pela qual um grupo reclama e sustenta uma posição superior na vida

social. (Connell, 2002).

Nos estudos iniciais sobre a aquisição dos papéis na psicologia da década de 1950, não se buscou estudar os efeitos das expectativas ou normas sobre a vida social – simplesmente assumiu-se que existiam. Essa tendência a considerar posições complementares, exagerava o papel das prescrições. E não dava conta da questão do poder implícito nestas diferenças.

O processo de aquisição de papéis não ocorre em um meio neutro. A família, a escola, o ambiente de trabalho e a sociedade reforçam e reproduzem as definições dominantes, e principalmente, disciplinam os desvios.

Concordamos com a observação de Kimmel (2004) no que se refere às pesquisas sobre semelhanças e diferenças entre homens e mulheres. Os estudos de psicologia do desenvolvimento atuais têm salientado que algumas das diferenças entre homens e mulheres que emergem conforme eles crescem, contrariando a visão generalizada da sociedade, são em menor número do que a variação dentro do grupo de homens e dentro do grupo de mulheres. Essa percepção amplia as possibilidades de ser, para homens e mulheres.

2.2 Os processos de gênero nos comportamentos da vida diária. Na mídia: revistas femininas e novelas

Nas décadas de 1960/70, mudanças nos valores, nos comportamentos e nas relações sociais, não eram desvinculadas da ascensão social dos estratos médios da população dos centros urbanos, da explosão imobiliária, da ampliação da oferta dos bens de consumo, da multiplicação dos cursos universitários, das grandes ondas migratórias no território urbano em direção às zonas residenciais mais valorizadas (Velho, 1981).

Na esteira destas mudanças, ressurgia o movimento feminista, como também apareciam discursos contrários a este movimento que advogavam a favor do retorno à “mulher de verdade”. As feministas eram acusadas de serem masculinas, mal-amadas e de estarem enfraquecendo os valores tradicionais da família brasileira. Na imprensa, na música ou na televisão, os temas sobre amor, casamento e sexualidade apareciam de forma a mostrar os conflitos vividos pela sociedade. A mulher conquistava novos espaços na sociedade, no entanto essa revolução tinha sua face oculta: a pressão do

grupo, a culpa, a diferença entre as mulheres *certas* - as que “não davam” - e as *erradas* - “as que davam”. A música, o cinema e a televisão continuavam a martelar o ideal do amor romântico, nas novelas o sexo antes do casamento já era recorrente, porém as estruturas tradicionais continuavam presentes, o lar era o lugar da mulher, e a vida pública, o lugar do homem (Del Priore, 2005).

Anterior a isso, a grande diferença era que a moralidade tinha um caráter mais estável, as relações sociais e familiares não eram objeto de problematização tão intensa como nos acostumamos a fazê-lo desde então (Santos, 1987).

A partir dessa época, os discursos, ora moralizantes, ora libertários sobre as mulheres, foram dando as feições da subjetividade feminina na última metade do século XX. Havia uma desorientação instalada.

Na sociedade, algumas revistas femininas continuavam a investir na figura da mãe e da dona-de-casa e agora a mulher enfrentava o desmoronamento da figura da “rainha do lar”, tão forte nos anos 50. Questionada pelos filhos, desvalorizada por mulheres mais jovens, ela temia ser trocada “por duas de vinte”. Nas colunas das revistas femininas surgiam matérias com o título sugestivo “Como salvar seu casamento”. Na outra ponta, dirigida às mulheres liberadas, as quais abraçavam a revolução da pílula, publicações falavam em oferecer informações que permitissem a essas eleitas entrar no fechadíssimo clube das cabeças pensantes, para fazê-lo, elas deveriam ter cabelos esvoaçantes, olhar penetrante e corpo sedutor, como as mulheres das capas de revista. O homem continuava a ser, entretanto, o objetivo e a razão de ser da mulher, que concentrava sua energia em agradá-lo e para isso investia em beleza, dietas e roupas (Del Priore, 2005).

Santos (1987), analisando a revista *Cláudia*, (uma publicação mensal da Editora Abril de São Paulo, publicada inicialmente em novembro de 1961) observou que a substituição da consultora leiga, D. Letícia - apoiada no conhecimento da tradição que sua experiência lhe conferia - em 1963 por Carmen da Silva, psicanalista ancorada no conhecimento e na experiência profissional, levou a uma mudança significativa nesse veículo de comunicação.

Carmen da Silva tornou-se porta-voz de novos valores que equiparavam o homem e a mulher, evitando o aconselhamento direto. O seu objetivo não era a conformação ou adaptação à situação presente, mas revolver convicções e questionar as atitudes mais típicas do sexo feminino, tendo como foco a “realização pessoal” e a

individualidade das escolhas. Desta forma, longe de procurar socorrer as angustiadas com respostas certas, Carmem da Silva era motor de agravamento da perplexidade e desorientação das leitoras. Uma sucessão de artigos de Carmen da Silva falava sobre *a crise no casamento*, que esta autora atribuía à secular desigualdade entre os sexos. E por meio de suas matérias nessa revista, incentivava a livre opção como valor primordial no cotidiano das relações conjugais da vida moderna (Santos, 1987).

Havia um discurso público de igualdade, mas no privado das relações mantinha-se formas mais sutis de desigualdade. Ou seja, houve uma mudança nos discursos, mas não na prática.

Com isso observa-se que apesar do movimento *hippie*, dos discursos a favor da liberdade e revolução dos costumes, a maneira de se relacionar com o homem, de lidar com sua tendência “natural” ao descompromisso e seu “medo de se amarrar” permanecia tal e qual a maneira de suas avós.

2.3 No cotidiano das relações conjugais

Na vida diária os processos invisíveis de gênero organizam os comportamentos em relação à arena reprodutiva (gravidez e cuidados com a prole), à divisão do trabalho e do dinheiro e à política dos desejos (Connell, 2002).

No cotidiano das relações entre homens e mulheres, os principais cuidados com os filhos ainda recaem sobre elas, em função do arraigado conceito de “instinto materno”. O mesmo acontece com a administração diária dos cuidados com a casa e gerenciamento dos empregados, delegados a elas, mesmo em casamentos de dupla carreira, quando ambos têm uma carreira profissional a qual precisam se dedicar (Meirelles, 2001).

Em relação à política dos desejos, a imagem social ainda é a de que as mulheres têm menos desejo sexual do que os homens e de que só conseguem experimentar o prazer sexual quando estão apaixonadas ou dentro de uma relação estável (Féres-Carneiro, 1987). Estas crenças, a nosso ver, continuam normatizando e domesticando o exercício da sexualidade feminina, que de outro modo, poderia se expressar de forma mais livre e espontânea.

Tradicionalmente as mulheres sempre foram consideradas responsáveis pela manutenção dos relacionamentos familiares e por todos os cuidados: por seus maridos,

por seus filhos, por seus pais, pelos pais de seus maridos e por qualquer outro membro da família doente ou dependente. Claramente, os cuidados aos idosos, que são, também em sua maioria, mulheres, é uma tarefa delegada às mulheres. Entretanto, cada vez mais, mulheres mais jovens unem-se à força de trabalho, e, assim, não estão disponíveis para prestar esses cuidados, a não ser com extrema dificuldade (McGoldrick, 1985).

Por mais difícil que seja às mulheres seguirem os padrões tradicionais, mudar o *status quo*, tem sido extremamente cansativo, uma verdadeira batalha. Mesmo quando as mulheres se rebelam contra a total responsabilidade que lhes recaem em manter a harmonia e conservar as tradições familiares, elas sentem-se culpadas. A culpa é o resultado da maternidade “menos que perfeita”, e do desempenho profissional “menos que perfeito”, porque não é possível, cuidar de tudo ao mesmo tempo, quando os empregos ainda estão estruturados para homens, cujas esposas cuidam dos detalhes da vida cotidiana e as casas ainda estão estruturadas para as mulheres, cuja única responsabilidade é cuidar de suas famílias (Friedan, 1985).

Frente à emergência de novas expectativas de comportamentos masculinos e femininos no âmbito público, evidenciam-se tentativas de equilíbrio no domínio doméstico.

Existe uma forma de casamento que é descrita por Levinson (1996) como neo tradicional. Esse modelo que oscila entre o tradicional e o moderno é mais igualitário do que o tradicional, pois nele geralmente existem sentimentos tais como amizade, respeito mútuo e afetividade, mas conserva ainda uma hierarquia entre o masculino e o feminino e domínios prescritos para um e para outro. As mulheres priorizam o bem-estar familiar em detrimento próprio e a realização profissional fica em segundo plano, pois em primeiro lugar ficam sempre os filhos e a família.

Muitas mulheres sentem-se desconfortáveis ao priorizarem suas carreiras em detrimento dos papéis de mães e esposas e tendem a acumular e sobrepor funções nos domínios familiares e profissionais. (Meirelles, 2001).

Pesquisadores dos relacionamentos conjugais encontraram em diversas famílias mulheres com ganhos financeiros superiores aos de seus maridos, mas perceberam que nessa condição não se confirmava o ditado popular “quem traz a grana manda na choupana”, pois a culpa pelo exercício do “papel masculino” transformava-se num fator de manutenção do *status quo* e muitas vezes essas mulheres encontravam artifícios para que o maior poder financeiro não afetasse a manutenção de seu casamento (Amador

Pereira, 1978; Féres-Carneiro, 1987, 1995; Meirelles, 2001).

As mulheres são, além disso, envolvidas com uma rede maior de pessoas pelas quais se sentem responsáveis, família, amigos e colegas. A multiplicidade de papéis deixa-as mais sobrecarregadas quando acontecem os estresses imprevisíveis da vida, tais como doenças, divórcio ou desemprego (Souza, 2008).

É de surpreender que as mulheres continuem tão idealistas e sonhadoras em relação ao casamento e a maioria dos homens tão vacilantes, já que o casamento tem se mostrado tão mais vantajoso para eles do que para elas (McGoldrick, 1995).

Friedan (1985) alertou que se o movimento das mulheres não passasse para um segundo estágio e assumisse os problemas de reestruturar o trabalho e o lar, uma nova geração estaria vulnerável ao retrocesso. Mas, o movimento não avançou para esse segundo estágio necessário, de modo que as mulheres, lutando com esses novos problemas, vêm-nos como puramente pessoais, não políticos e não buscam mais o movimento para soluções. Friedan insiste para que coloquemos a questão em primeiro plano, para libertar a nova geração de mulheres dessa nova dupla carga de trabalho, culpa e isolamento.

2.4 A sexualidade nos casamentos neo tradicionais

Nos novos modelos de casamentos neo tradicionais, a política desigual dos desejos se mantém. Costa (2008), na pesquisa com grupos sobre envelhecimento, num hospital escola da cidade de São Paulo, dos quais participaram doze adultos de ambos os sexos com idades entre 55 e 79 anos, observou um discurso que reconhece a importância da satisfação sexual no relacionamento conjugal, mas que na prática há uma desqualificação da sexualidade por parte das mulheres, as quais não se mostram dispostas a atualizar seus valores para alcançarem uma satisfação nessa área, pois acreditam que o casamento seja uma instituição social a se conformar e não um espaço de convívio que pode ser transformado no decorrer do tempo.

Na sua pesquisa com cinco mulheres viúvas e separadas de um Município de Minas Gerais, com idades entre 40 e 59 anos, Menicalli (2004) observou que a sexualidade feminina para suas entrevistadas estava vinculada ao casamento, com predomínio dos modelos de papéis femininos, repetidos da família de origem no casamento atual, vividos com submissão e negação das dificuldades sexuais. Para elas,

o casamento constitui um ato social que “autoriza” a sexualidade que enquanto organizador feminino mantém-se atrelada à maternidade e é associada à procriação, independente do prazer. Percebe-se em seus discursos questionamentos quanto à condição feminina, mas na prática, os valores da família de origem são mantidos, mesmo tendo acesso às informações e acompanhado o tempo de abertura trazido pelos movimentos de emancipação feminina (Menicalli, 2004).

Setton (2008) corrobora essas observações, citando que do ponto de vista da discussão social, muitas pessoas aceitam e defendem a liberalização dos costumes em relação à sexualidade, entretanto, no momento de levar essa autonomia preconizada à vida pessoal, de transmitir seus valores e padrões na família, isto requer da mulher um nível de reflexão não aprendido com a geração anterior. Esta autora, em sua pesquisa, trabalhou com oito duplas de mães e filhas da comunidade judaica, com idades de 45 a 55 anos no grupo de mães, e de 20 a 30 anos no grupo de filhas. Seu objetivo era compreender o processo de transmissão de valores referentes à sexualidade feminina nesse grupo específico. Explicou nos seus resultados, que apenas uma das entrevistadas conseguiu transpor esse limiar do discurso à prática, incorporando em sua vida uma autonomia preconizada pelo discurso da revolução sexual, mas com isso enfrentou muita resistência em seu meio familiar e social (Setton, 2008).

As pesquisas de Féres-Carneiro (2001) sobre escolhas amorosas contemporâneas, encontraram resultados que confirmam as diferentes socializações de homens e mulheres que culminam em práticas diferentes. As mulheres descreveram a escolha amorosa como “apaixonada”, como “amor à primeira vista” e definiram casamento como “relação amorosa”, realçando uma perspectiva romântica e subjetiva. Os homens ressaltaram a “atração física” na escolha da parceira e definiram casamento como “constituição de família”, enfatizando aspectos práticos e objetivos (Magalhães, 1993; Féres-Carneiro, 1987, 2001, 2004).

Por outro lado, apesar dos resultados das pesquisas brasileiras citadas, existem visões mais otimistas como a de Hime (2004), que acredita que nas últimas décadas as diferenças entre os gêneros vêm se estreitando, na medida em que os homens começaram a expressar seus sentimentos, a aspirar a relações de maior intimidade e as mulheres a entrar no domínio público, reivindicando igualdade de oportunidades e remuneração. Segundo essa autora, pode-se abrir assim, um caminho à democratização, emergindo várias possibilidades de “Masculino” e “Feminino”, em relações flexíveis e

plurais.

Na sua tese, essa autora observou que a desvinculação entre sexo e amor e a validação da sexualidade como busca do prazer, com intimidade e afeto, porém sem compromisso, foi uma conquista recente e importante à mulher adulta em qualquer momento do ciclo vital e pode representar uma mudança significativa nos padrões morais anteriores, mas ainda vigentes, a respeito da sexualidade feminina (Hime, 2004).

As desigualdades de gênero começam a ser revistas: homens e mulheres desenvolvem a autonomia e o cuidado das relações, ambos ocupam os domínios, público e privado, as mulheres deixam de ser divididas em “certas” e “erradas” para assumir uma sexualidade mais livre e completa. O novo Masculino compartilha desse Feminino, que se atualiza e se apropria de vivências e espaços que lhe eram vetados. Questiona-se a “feminilização” do amor, ocorrida a partir do século XVII, pois antes desta época, o amor era prerrogativa das relações masculinas. A “masculinização” do sexo, ativo, conquistador e dominador é colocada em cheque (Costa, 1998). Homens e mulheres podem ter experiências amorosas e sexuais dentro de um raio amplo de escolhas possíveis (Hime, 2004).

É necessário, no entanto, considerarmos os conflitos resultantes dessas novas possibilidades, já que há mudanças na vivência pessoal e no âmbito social. O amor é um sentimento e uma narrativa social, tendo sido reinventado inúmeras vezes no decorrer da história: assim como pode perpetuar as desigualdades de gênero, pode também ser transformador. O romantismo ao vincular a sexualidade ao apaixonamento e tendo nas mulheres suas maiores seguidoras, reduz e normatiza a sexualidade feminina de uma maneira sutil, porém muito eficiente (Costa, 1998).

As narrativas das suas relações amorosas e sexuais revelam como as mulheres são influenciadas pela época histórica em que vivem e como dão forma a ela (Levinson, 1996). Se a poucas décadas, observava-se uma inércia na subjetividade ao passo que as transformações sociais eram mais aceleradas (Figueira, 1987), hoje as mulheres revelam uma revolução silenciosa, que emerge das suas narrativas amorosas e sexuais, mostrando que o indivíduo é capaz de mudar sua própria história. Esse movimento configura-se como um caminho à transformação social, conclui Hime (2008).

O aprofundamento das questões de gênero faz-se muito importante às ciências humanas, onde se inclui a psicologia, por ser um aspecto da identidade do homem e da mulher que normatiza seus comportamentos, gerando expectativas que vão se

transformando em padrões rígidos, tornando-se reguladores e controladores de seus comportamentos. As desigualdades de gênero permeiam nossa vivência pessoal e profissional e, portanto, as relações que estabelecemos. A perspectiva de gênero as denuncia e pode ser uma importante contribuição às teorias e à prática psicológica.

Em geral, na privacidade das relações conjugais, a demanda por equilíbrio na divisão das tarefas domésticas, cuidado de filhos, desenvolvimento de projeto profissional e as questões de gênero permanecem como grandes desestabilizadores do casamento. Os conflitos a esse respeito, embora privados, referem-se ao programa público de transição a uma sociedade com igualdade de oportunidades, equidade de poder e de reconhecimento, em processo. Homens e mulheres são educados de modo diverso, assumem responsabilidades e ocupam posições de poder diferentes na sociedade em geral e na relação conjugal em particular (Souza, 2008).

Nós, psicoterapeutas e pesquisadores das relações sociais, somos responsáveis por abriremos novas perspectivas, pela reconstrução de significados na prática terapêutica e nos estudos empreendidos. Deste modo, ao invés de reforçar o *status quo*, devemos buscar soluções mais criativas aos relacionamentos entre homens e mulheres.

O filósofo francês Lipovetsky (1997), questiona a persistência dos papéis tradicionais dos sexos, mesmo em tempos democráticos. O autor acredita ser insuficiente a hipótese de atraso histórico sustentado pela força de inércia dos hábitos culturais, pelo conservadorismo das mentalidades, pelo peso dos papéis herdados da história: “Para além das lógicas de dominação de um sexo sobre o outro e do peso dos determinantes culturais, é preciso ver no envolvimento doméstico das mulheres um fenômeno em que intervém uma busca de sentido, estratégias de poder e objetivos identitários” (p.253).

Colocando em nossas palavras, é preciso um ceder de espaços e de poderes, em ambos os sentidos, entre homens e mulheres, em busca de uma identidade mais complexa e menos dividida, desvinculada dos antigos territórios rigidamente demarcados.

3. CAPÍTULO

QUANDO O DIVÓRCIO SE ENCONTRA COM A MEIA-IDADE FEMININA: A SOBREPOSIÇÃO DE CRISES

3.1 A crise do divórcio

O divórcio, que já foi considerado pela igreja e por grupos conservadores da sociedade como um perigo à estabilidade social, por enfraquecer a instituição familiar ou servir como porta de entrada ao amor livre, só passou a fazer parte das leis brasileiras em 1977, ano da promulgação da Lei número 6.515 no Brasil.

Antes de 1977, enfrentando o preconceito social, os cônjuges podiam dissolver seu relacionamento por meio do desquite, mas existiam restrições legais quanto a novos casamentos. Essa lei continha imposições relativas ao tempo de separação necessário para que o divórcio fosse possível, bem como limitava o número de uniões futuras. Foi somente em 1988, com a nova Constituição Federal da República, que essas restrições foram derrubadas. Desta forma, a lei acompanhava uma necessidade social, o crescente número de separações conjugais seguidas de novas ligações amorosas dos ex-cônjuges.

No levantamento bibliográfico realizado por meio da BVS (Biblioteca Virtual de Saúde) em março de 2010, utilizando de forma isolada a palavra-chave, *divórcio*, foram encontradas 177 referências na Base de Dados Bibliográficos, sendo 38 indexados em Periódicos Técnicos, 4 em Divulgação Científica, 11 em Teses, 16 em Livros, 104 no LILACS e 4 no Google Acadêmico. Na Base de Dados de Texto Completo foram encontradas 38 referências, sendo 16 em periódicos eletrônicos em psicologia (PePSIC) e 22 no SciELO.

Procedendo à leitura dos títulos e resumos destes trabalhos, observou-se uma predominância de estudos a partir da perspectiva dos filhos, crianças ou adolescentes a respeito do processo de separação dos pais. Trabalhos sobre possíveis causalidades do divórcio, mediação de conflitos conjugais, guarda dos filhos e famílias reconstituídas.

Encontramos pouquíssimos trabalhos acadêmicos que pesquisassem sobre a satisfação sexual feminina após a dissolução da conjugalidade. Foram localizados apenas quatro trabalhos sobre aspectos relacionados à satisfação ou possibilidades de desenvolvimento pessoal após o divórcio, que serão comentados a seguir.

Na dissertação de mestrado de Grzybowski, L.S. (2000): *Satisfação vital em mulheres separadas/divorciadas*, a autora relatou um panorama pessimista para mulheres separadas, encontrando em seus resultados mulheres insatisfeitas após o divórcio em várias áreas das suas vidas e realizando-se, quase que exclusivamente, na relação com os filhos.

O artigo de Costa, L.F.; Penso, M.A. & Féres-Carneiro, T. (1992), *Reorganizações Familiares: as possibilidades de saúde a partir da separação conjugal*, faz uma análise a partir da perspectiva familiar, não enfocando a situação da mulher separada especificamente. A pesquisa citada no artigo, enfatiza que a competência das famílias não depende do fato de serem casadas, separadas ou recasadas, mas da qualidade das relações estabelecidas entre seus membros.

O terceiro trabalho foi uma revisão da literatura, a respeito do divórcio, realizada em Portugal, que contemplou artigos de todas as línguas, empreendida por meio da base de dados PsycINFO (Lamela, 2009). O artigo comenta que no último século, é visível uma evolução conceitual e desestigmatizante da dissolução do casamento, trazendo uma visão mais atual do divórcio como potencial promotor de crescimento pessoal e podendo funcionar como um marco de *empowerment* na vida das pessoas (Bailey & Robbins, 2005; Pals, 2006). Essa é uma visão que está de acordo com as pesquisas mais recentes sobre o divórcio realizadas nos Estados Unidos e no Brasil (Hetherington & Kelly, 2003, Souza, 2008).

Para o objetivo deste trabalho, que se concentra na condição da mulher separada, precisamente em relação à sua satisfação sexual pós divórcio, foi muito útil o capítulo de Souza (2008), *Começar de Novo: as Mulheres no Divórcio*, que será bastante comentado no decorrer desse capítulo, enfatizando como a crise disparada pelo divórcio pode traduzir-se em oportunidade de reinvenção para muitas mulheres.

O divórcio pode disparar uma situação de crise para os envolvidos, todos os pesquisadores do assunto concordam quanto a esse aspecto (Ahrons, 1995; Hetherington & Kelly, 2003; Féres-Carneiro, 1987, 1995; Souza, 2008) e quando acontece num momento do ciclo vital em que questões sobre o envelhecimento começam a aparecer, podemos pensar numa sobreposição de crises.

Para este trabalho utilizaremos o conceito de crise descrito por Caplan (1980) como um desequilíbrio entre a dificuldade e a importância do problema, por um lado, e os recursos internos ou externos disponíveis ao sujeito para resolvê-lo, de outro.

Ao tratar do conceito de crise, Caplan destaca o princípio da *homeostase*. Quando esta é perturbada por alguma situação, o indivíduo desenvolve mecanismos para a solução do problema, havendo nesse processo uma tensão mínima natural. Numa situação de crise, essa tensão é mais intensa, pois o problema, num primeiro momento, tende a parecer insolúvel. Quando o reequilíbrio é restaurado, novo padrão de comportamento tende a surgir diferente do anterior, levando a um novo grau de adaptação (Caplan 1980).

É durante o casamento que a crise geralmente se inicia, as pessoas descrevem um processo de desapego emocional que ocorre em ritmo diferente para cada um dos parceiros, menos porque briguem e mais porque, inicialmente, um deles desiste de lutar pela relação. Em algumas situações a crise leva à separação do casal.

O processo de crise no divórcio envolve o enlutar-se pelo cônjuge, principalmente quando a decisão da separação partiu do outro, implica um conjunto semelhante de sentimentos e sintomas como os descritos no luto por morte: torpor, desejo do retorno da pessoa, desorganização, desespero e, finalmente, reorganização (Parkes, 1998). Porém, no caso do divórcio há uma especificidade, como observou Hetherington, que o diferencia da viuvez: o ex-cônjuge continuará vivendo e a mulher o assistirá vivendo sem ela (Hetherington e Kelly, 2003).

Após o anúncio do divórcio, instaura-se um período geralmente maior de crise, o que significa que o sistema familiar como um todo e cada membro do casal irá viver à sua maneira, uma fase de desorganização, após o rompimento, seguida de recuperação e reorganização, o que eventualmente pode levar a um novo padrão de equilíbrio. Crise não pode ser confundida com depressão ou doença, pois é um processo natural de ruptura e busca de novas respostas, em que geralmente emerge grande quantidade de sofrimento, mas na qual atuam e podem ser deflagrados processos de adaptação muito positivos (Souza, 2008).

Quando bem elaborada a crise disparada pelo rompimento conjugal pode traduzir-se em oportunidade de se rever e revelar, em experiência de crescimento, porque em última instância elabora-se que não se possui o outro, o que pode favorecer a diferenciação e a tolerância em outros relacionamentos amorosos, e a aceitação mais fácil de uma relação com filhos adultos e independentes (Souza, 2008). Além disso, a separação “interna” do parceiro implica desinvestir no projeto a dois, o que pode disponibilizar mais energia para a priorização do “si mesmo”.

É interessante observar, que, mesmo quando o pedido de divórcio é consensual, na maior parte das vezes são as mulheres que expressam verbalmente a insatisfação com o relacionamento e buscam saídas, inicialmente chamando à conversa, mais conhecido como “discutir a relação”. De maneira geral, o que se observa nos relacionamentos é que as mulheres lutam mais para manter um casamento, mas também se cansam primeiro. As mulheres sentem-se cansadas, tristes, vazias, pouco interessadas pela vida e pensam mais que há algo errado consigo do que com o relacionamento conjugal (Souza, 2008).

As queixas mais frequentes são: falta de comunicação, de carinho e de interesses compartilhados, divisão injusta do trabalho doméstico e do cuidado dos filhos, violência e infidelidade e insatisfação sexual (Ahrons, 1995; Hetherington e Kelly, 2003).

Féres-Carneiro, em estudos sobre ruptura e manutenção de casamento (1995) e sobre a construção da identidade conjugal (2001) observou que as mulheres frequentemente expressam expectativas igualitárias, enquanto os homens mostram-se mais apegados aos valores tradicionais, o que sugere que as diferenças entre os gêneros, ainda hierarquizadas, podem estar sobrecarregando as mulheres que almejam renovações e rupturas com as desigualdades de condições vividas. A autora, em trabalho desenvolvido com Negreiros (1996) com mulheres de meia idade com escolaridade superior, dos estratos médios urbanos, registrou uma identidade profissional acoplada a papéis masculinos, em contraposição a uma nostalgia narcísica do modelo materno, generoso, sábio e uma aspiração de volta, algo mágico ao mundo privado, do resgate de um “reinado” no lar pleno de paz e aconchego. O incômodo resulta provavelmente da ambivalência em relação aos dois modelos – há uma percepção da inadequação das pautas tradicionais, mas por outro lado os padrões que os substituem não estão trazendo a sensação de realização esperada, e muitas vezes são percebidos como pesados, frustrantes e incompletos (Féres-Carneiro, 2004).

Muitas mulheres estão em crise, insatisfeitas nos seus relacionamentos e nesse panorama, muitas vezes, o divórcio pode ser considerado um momento divisor de águas em suas vidas, quando muitas descobrem em si potenciais há muito adormecidos:

O divórcio é um processo, o que significa que leva tempo e produz as mais variadas e contraditórias emoções e sentimentos. Implica perdas e, portanto, dor para todos os envolvidos, mesmo para aquele que o pediu. O divórcio é um espelho para o autoconhecimento de aspectos

positivos e negativos da própria personalidade e, por isso, uma oportunidade para superação e crescimento (Souza, 2008, p.52).

A crise quando vivida e superada pode transformar-se numa nova oportunidade de buscar a satisfação pessoal. Como o aumento crescente do índice de divórcios entre os estratos mais velhos da população mostra, os valores associados à satisfação conjugal e pessoal tornaram-se proeminentes, mesmo para aqueles que se casaram na época do “para sempre” e se mantiveram por longos períodos sustentados por motivos outros que não a satisfação com o relacionamento (Souza, 2008).

Pesquisas têm demonstrado que satisfação conjugal é um conceito, cujo conteúdo pode variar de cultura para cultura e dentro da mesma cultura em diferentes momentos históricos. É, no entanto, consenso que a satisfação na conjugalidade é subjetiva, implicando ter os próprios desejos e necessidades satisfeitos, assim como corresponder, em maior ou menor escala, ao que o outro espera, definindo um dar e receber recíproco e espontâneo. (Souza, 2008). É importante salientar que a satisfação conjugal é processual, não estática e varia na mesma relação ao longo do tempo.

O que se concluiu na maioria das pesquisas é que sentimentos de bem-estar, contentamento, companheirismo, afeição e segurança são fatores que propiciam intimidade no relacionamento. Esses sentimentos são decorrentes da congruência entre expectativas e aspirações que os cônjuges têm em comparação à realidade vivenciada no casamento (Olson, 2000; Olson e Stewart, 1991; Miranda, 1987; Gottman e Krokoff, 1989; Farias, 1994). Quando não se encontra mais isso no relacionamento conjugal, algumas pessoas optam pelo divórcio ou separação. Mas o que se observa é que as pessoas geralmente não desistem do projeto amoroso, apenas desistem “daquele projeto” e partem em busca de novas oportunidades (Féres-Carneiro, 2004; Souza, 2008).

A presente pesquisa pretende contribuir para os estudos sobre gênero, buscando conhecer sobre a sexualidade feminina, desvinculada do contexto do casamento tradicional.

Nessas mulheres, que provavelmente foram educadas para terem um único parceiro sexual na vida, pretende-se acompanhar através das suas narrativas, as inquietações, percepções e transformações pelas quais vêm passando após o divórcio e a entrada na meia idade.

A vivência de qualquer fase da vida, seja a meia idade ou velhice, não pode ser analisada de forma absoluta, é um processo subjetivo, contínuo e complexo, onde aspectos como: boa condição de saúde física e psicológica, atividades em grupo e bom convívio social influenciam de forma positiva na sensação de bem-estar.

O prolongamento do ciclo vital gera uma ampliação da vida adulta e divisões etárias anteriores, como infância, adolescência, maturidade e velhice, passam a ser revistas. A imagem que se tinha de uma pessoa idosa há poucas décadas atrás era a de alguém na faixa dos 50 anos. Hoje, essa percepção não faz sentido à grande maioria da população mundial e chamar uma pessoa nesta faixa etária de adulto, está mais de acordo com as mudanças ocorridas na nossa sociedade.

As relações afetivo-sexuais são aspectos centrais da vida adulta e a qualidade destas relações está intimamente relacionada à saúde física e mental, principalmente nos anos de maturidade e velhice. Em decorrência desta importância, muitos pesquisadores ao longo do século XX demonstraram interesse em compreender a vida amorosa e conjugal.

Foram realizadas muitas revisões da literatura sobre o tema da satisfação na conjugalidade (Dela Coleta, 1989; Hicks & Plantt, 1970; McNamara & Bahr, 1980; Spanier & Lewis, 1980; Norgren et al., 2004) buscando-se compreender as relações conjugais a partir de uma visão mais ampla dos processos envolvidos nas relações satisfatórias.

Norgren e colaboradores realizaram estudos com casais brasileiros pertencentes às camadas médias da população, casados há mais de vinte anos. Os aspectos mais desejados, tanto por casais satisfeitos, quanto insatisfeitos, foram: concordância sobre comportamento sexual; satisfação sexual mútua; evitar a repetição e o tédio, bem como o equilíbrio entre individualidade e conjugalidade (Norgren et al., 2004). Nessas pesquisas, a sexualidade, ao lado de outros fatores foi considerada um aspecto importante nos casamentos satisfatórios de longa duração.

Quando o casamento para a maioria da população, efetivamente era para sempre, a congruência estrutural entre amor romântico e parceria sexual estava bem delimitada (Giddens, 1992). E o confinamento da sexualidade feminina ao casamento era importante como símbolo da mulher “respeitável”, sendo seu único modo de existir.

Na contemporaneidade, a partir da flexibilidade dos valores morais em relação à sexualidade feminina, um projeto amoroso para mulheres separadas antes dos quarenta

anos é quase uma certeza, após essa idade, apenas uma “possibilidade”. Para mulheres que já passaram dos quarenta anos, podemos imaginar que se somam as angústias e incertezas em relação a um futuro relacionamento.

O presente estudo pretende fazer um recorte diferente das pesquisas citadas. Partindo de mulheres divorciadas, suscita-se a questão: como essas mulheres, divorciadas, se reinventaram ou não? Que tipo de mulheres eram antes do divórcio? Que mulheres são hoje? Com o que tiveram que romper? Como se reorganizaram? Que mudanças experimentaram nas suas sexualidades, antes do casamento, durante e depois de separadas?

Muitos casamentos não sobrevivem à saída dos filhos de casa ou mesmo à independência destes em relação aos pais e se desfazem nesta fase. No Brasil, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2008), em torno de 39% dos divórcios concedidos em primeira instância ocorreram em casamentos de mais de vinte anos.

Quando se estuda casamentos de longa duração e o divórcio nesse momento do ciclo de vida familiar, deve-se considerar que esses casais, se tiveram filhos, esses provavelmente são pré-adolescentes, adolescentes ou jovens adultos e os ex-cônjuges devem estar pelo menos na meia idade. Por isso, é importante contextualizar brevemente esta fase do ciclo vital e suas especificidades para as mulheres.

3.2 A crise da meia-idade feminina

A meia-idade é uma fase do ciclo vital adulto favorável à revisão de valores de vida, quando as partes do “si mesmo” que foram negligenciadas em função de outras necessidades ou escolhas nos anos anteriores pedem passagem, podendo disparar um processo de busca maior por individuação e uma preocupação menor com valores da sociedade (Levinson, 1996).

O casamento pode ser questionado nesse momento em que os cônjuges terão mais tempo para ficarem juntos, uma vez que os filhos, que já não são mais crianças, geralmente estão mais independentes e podem não estar morando mais na casa dos pais.

A mudança física mais importante que ocorre à mulher na meia-idade e que pode disparar uma crise é o climatério, período no qual ela perde sua capacidade reprodutiva e sintomas tais como: calores, secura vaginal, disfunção urinária e alterações de humor

podem ocorrer. A menopausa, nome que designa a ocorrência da última menstruação do ciclo fértil da mulher, muitas vezes é utilizada no mesmo sentido do climatério, que se refere a toda a fase de transição do período reprodutivo ao não reprodutivo.

O climatério e a menopausa são condições naturais da evolução da vida reprodutiva feminina, e não constituem doença. Apesar disso, não pode ser negada a modificação do equilíbrio hormonal feminino que pode provocar alterações emocionais significativas. Além disso, tendo em vista a subjetividade feminina, torna-se importante considerar essa fase à luz da integração dos diversos fatores presentes nesse período de mudanças hormonais, psíquicas e relacionais na vida da mulher (Marraccini, 1999).

Da mesma forma que o psíquico pode refletir os impactos da condição biológica em mudança, não é possível negligenciar a importância dos significados atribuídos por cada mulher à vivência do climatério, enquanto anúncio de encerramento de sua vida reprodutiva. As mulheres respondem ao climatério de diferentes maneiras, umas lidando positivamente em direção a uma nova e saudável integração, outras caminhando em direções mais patológicas e depressivas (Lax, 1982).

A vivência da sexualidade, a nosso ver, pode ou não ser afetada pelos sintomas do climatério. As pesquisas a respeito da meia idade feminina, em sua grande maioria, estudam a população feminina de baixa renda - muitas vezes, em tratamento em função de queixas depressivas - e nos critérios de seleção das amostras, não entram características a nosso ver muito importantes, tais como: nível de escolaridade, profissão, presença de renda própria e hábitos de vida, como observado nas pesquisas de Carvalho & Coelho, (2006) e Gonçalves & Merighi (2009).

Acreditamos que essas variáveis são extremamente importantes no modo como as mulheres poderão ressignificar os desafios da meia idade, uma vez que fatores de ordem biológica, psicológica e sociocultural estão presentes e são determinantes aos sentimentos de bem estar e realização pessoal, fundamentais a um enfrentamento positivo das transições características do período da meia-idade feminina.

Houve nas pesquisas que partiram de uma visão mais biológica dessa fase, uma ênfase muito grande nas perdas vividas neste momento do ciclo vital feminino (Mori & Coelho, 2004) e um olhar reduzido sobre a importância dos fatores sociais e individuais, tais como o maior ou menor poder social e financeiro, além do nível educacional, que influenciam na capacidade de resiliência dessas mulheres e no agenciamento do próprio corpo.

Indivíduos resilientes são aqueles que além de evitarem os efeitos negativos envolvidos na condição de risco, demonstram uma adaptação adequada ou superior ao enfrentarem eventos desafiadores, tais como o divórcio e o envelhecimento (Cowan, Cowan e Schulz, 1996).

Soares (2006), em sua investigação de três casos clínicos, observou que as rupturas provocadas pelas mudanças de ciclo de vida, que põem em evidência o envelhecimento, podem provocar um abalo na identidade pela perda das auto-representações e pela dissonância dessas com as leis mediadas pela sociedade contemporânea que valoriza mais o novo que o maduro. Mas observou também que as mulheres ao desembaraçarem-se de antigos modelos e preconceitos, por meio do processo psicoterapêutico, puderam desenvolver recursos internos para transformarem a experiência do envelhecer, conferindo um novo sentido às suas vidas.

Márcia Jorge (2005) em estudo com mulheres entre 50 e 60 anos, da população urbana de Belo Horizonte, procurou compreender como a perda das referências identificatórias mais tradicionais do feminino: a maternidade e o suposto lugar de objeto de desejo do outro, eram vividas pelas participantes de sua pesquisa. Nesse momento de mudanças fisiológicas acarretadas pelo climatério - e vividas numa sociedade que prioriza valores efêmeros de consumo e tem seu padrão estético na juventude - queria investigar as possibilidades para novas identificações durante o processo de envelhecimento.

Esta autora observou que a menopausa, e a perda da capacidade reprodutiva, contribuíram para a conotação negativa do envelhecimento feminino, pois a feminilidade, muitas vezes, é relacionada à maternidade, como expressa uma entrevistada da pesquisa de Jorge (2005, p.52) “a gente não se sente mais aquela mulher poderosa..., poder ter filhos...”. Este comentário revela a crença de que *ser mulher é ser mãe*.

Por outro lado, as perdas físicas e corporais eram contrapostas a ganhos cognitivos e psicológicos da maturidade. O aspecto profissional foi um dos projetos mais comentados, as mulheres queriam trabalhar, mantendo-se produtivas e realizadas financeiramente, além de afetivamente. Tendo os relacionamentos com amigos uma importância grande também nessa fase de vida, concomitantes à construção de uma vida mais tranqüila, mais espiritual e voltada para si mesma (Jorge, 2005).

Esta autora pode concluir a partir da sua pesquisa que, várias das mulheres entrevistadas puderam lidar positivamente com as transformações trazidas pelo envelhecimento, investindo em novos projetos na maturidade, cada uma à sua maneira. Uma vez que não havia referências identificatórias marcantes à mulher de meia-idade como existem à mulher jovem, cada qual a seu modo buscou referências próprias para realizar-se nesta etapa de vida (Jorge, 2005).

Marraccini (1999), em sua pesquisa com “Grupos de Encontro de Mulheres”, localizou que a convivência social e a atualização de informações em relação ao mundo foram assinaladas como essenciais pelas mulheres entrevistadas, para combater a tristeza e a solidão que divisavam no envelhecimento. A limitação à vida doméstica foi vista pela maioria como fator empobrecedor diante dos recursos que compõem o mundo atual. Sentiam-se realizadas no papel de mães, mas almejavam realizações em outros campos de interesse para sentirem-se vivas e inteiras. Havia grande interesse em discutir o relacionamento entre homens e mulheres, examinar a relação conjugal e suas mudanças ao longo dos anos. As insatisfações, a rotina e a perda do romantismo inicial foram alvo de discussão. O reencontro com o parceiro na maturidade colocava em foco o desejo de contar com um parceiro mais presente, afetivo, companheiro, se possível, mais romântico e sexualmente estimulante. Marraccini identificou na maioria de suas participantes dos grupos, processos de elaboração do luto pelas mudanças e revitalização de recursos pessoais adormecidos. Além disso, observou que no caso das mulheres que exerciam uma profissão, essas estariam mais capacitadas a encontrar compensações criativas para as perdas narcísicas do climatério (Marraccini, 1999).

Em relação ao aspecto sexual, Weg (1989) afirma que apesar das perdas reprodutivas, o prazer sexual e o desejo podem continuar por toda a vida para ambos os sexos. King (1996) descreve as relações sexuais diminuindo nesse período da vida de forma gradativa, sendo que diversas vezes, as causas dessa redução não são fisiológicas, mas sim, emocionais ou relacionadas ao estilo de vida. Observou, por outro lado que, muitas vezes, com os filhos fora de casa, os casais experimentam maior liberdade para reinvestirem no seu relacionamento sexual.

Macedo e Kublikowski (2000) realizaram uma revisão da literatura a respeito do climatério feminino e observaram que o mesmo vem sendo historicamente construído de forma negativa, ao contrário do discurso que se refere aos homens. E sugerem que

uma revisão dos discursos poderia facilitar a ressignificação dos tormentos femininos como obstáculo ao desenvolvimento das mulheres.

A maturidade faz, de forma geral, com que as pessoas conheçam melhor seu corpo e suas necessidades, conseguindo respeitar mais o tempo do parceiro e seu próprio tempo e permitindo-se experimentar outras formas de prazer. (Papalia, 2006).

O que acontece, porém, quando exatamente neste momento de maior maturidade e conhecimento de si, a pessoa está sem um parceiro fixo?

Essa é uma questão importante descrita por Paschoal (2006) e relativa à “pirâmide invertida da solidão feminina”. Esse fenômeno é causado pelo desequilíbrio de gêneros no envelhecimento, quando diminui de forma significativa o número de homens disponíveis a um relacionamento. As possibilidades restringem-se mais no caso de mulheres heterossexuais, pois além dos homens serem em menor número, aqueles que se separaram, não permanecem sozinhos por muito tempo, costumando casar novamente ou mantendo relacionamentos fixos com mulheres geralmente mais novas.

Essa é uma das principais questões do envelhecimento para as mulheres separadas ou divorciadas: a escassez de parceiros para relacionamentos afetivo-sexuais. Este aspecto não pode ser negligenciado pelos pesquisadores do tema. Além da escassez de parceiros masculinos na maturidade e velhice, muitas vezes a vivência da sexualidade ainda é condicionada para muitas mulheres, e por uma questão de moralidade, a existência de um relacionamento estável.

Costa (2008), em sua pesquisa de dissertação sobre o atendimento de “Grupos de Amadurecimento” entre 2002 e 2007, percebeu o quanto os indivíduos têm uma perspectiva estreita com relação à vivência da sexualidade, em geral vinculada única e exclusivamente ao casamento, visão essa carregada de preconceitos e valores que foram sendo construídos ao longo do tempo.

Por isso, é importante fazer-se pesquisas que contribuam para ampliação dessa visão reducionista. Pesquisas que tragam visibilidade à revolução silenciosa, que muitas mulheres maduras estão fazendo ao buscar novas formas e possibilidades de prazer que não dependam exclusivamente da presença de um parceiro fixo.

Sabemos, no entanto, que nem todas as mulheres poderão transmutar a dor da separação numa possibilidade de transformação positiva na vida, permitindo-se a outros relacionamentos, pois essa capacidade depende de fatores de proteção múltiplos: pessoais, familiares, religiosos, financeiros e sócio-culturais.

Proteção refere-se a fatores que diminuem a probabilidade de risco de efeitos negativos após uma crise, e vulnerabilidade consiste em processos que aumentam a probabilidade de emergirem tais efeitos após uma crise (Cowan, Cowan e Schulz, 1996).

A crise disparada pelo divórcio, somada às questões trazidas pela meia idade (ao se confrontar com as questões sobre o envelhecimento e a finitude da vida) pode traduzir-se em riscos à saúde emocional e física de qualquer indivíduo, mas a partir de um bom enfrentamento da crise, uma pessoa pode tornar-se mais resiliente, demonstrando uma adaptação adequada ou superior e desenvolvendo novos aspectos que talvez não se fizessem presentes sem a crise.

Uma vez reduzidas as responsabilidades do papel materno e contando com a experiência acumulada na bagagem, a mulher pode gerar no meio da vida novas possibilidades mais criativas de viver suas relações pessoais e familiares (Marracini, 1999), bem como se inserir no âmbito profissional e social, servindo de inspiração para outras mulheres por meio de modelos de feminino mais realizados.

O que esses estudos demonstram é que existe uma realidade múltipla, complexa, rica de possibilidades e que apesar de imprevisível, a maturidade favorece o autoconhecimento, tão importante no desfrutar de uma sexualidade mais livre de rótulos e receitas.

4. CAPÍTULO

MÉTODO

O método de pesquisa adotado nessa dissertação foi o qualitativo, pois a pesquisa qualitativa permite a obtenção ampla de informações e favorece as descrições das realidades vivenciadas pelas participantes. Além disso, nesse tipo de pesquisa, as situações e interações complexas podem ser analisadas em seu contexto, a partir do ponto de vista dos participantes. Dessa maneira podemos refletir melhor sobre os comportamentos humanos, considerando seus significados e intenções (Guba e Lincoln, 1994).

Nessa perspectiva, a objetividade científica é questionada e substituída pela idéia de uma realidade construída, por meio de negociações de significados, sendo as variedades de “verdades” produzidas a partir da intersubjetividade. Concebe-se que a construção da realidade é um processo individualmente cunhado e socialmente legitimado, de maneira recursiva entre indivíduo e cultura (Guba e Lincoln, 1994).

O que se busca alcançar por meio da pesquisa qualitativa é a compreensão em profundidade de um assunto específico, as verdades possíveis e não a pretensa verdade, por isso, nesse tipo de pesquisa não é possível se fazer generalizações. Outras de suas características específicas são: o envolvimento do observador no sistema observado, o compromisso com a reflexão pessoal do pesquisador e a descrição dos participantes da pesquisa inseridos num determinado contexto social, no qual as suas ações não são isoladas, mas recebem influência e influenciam o meio circundante. (Macedo, Kublikowski, Santos, 2004).

4.1 Participantes

Os critérios para inclusão na pesquisa foram: mulheres que estiveram casadas por vinte anos ou mais, que estão separadas ou divorciadas há no mínimo dois anos e pertençam às camadas médias da população urbana. Optamos por este marcador social por acreditarmos ser este grupo formador de opinião, além do fato do divórcio ser um fenômeno social, predominantemente vivenciado nas camadas médias da população. O período de dois anos desde a separação ou divórcio foi pensado como um tempo mínimo de elaboração da perda da relação anterior e a possibilidade de a mulher já estar pensando sobre e/ou vivendo um novo envolvimento amoroso (Hetherington & Kelly, 2003).

Foram realizadas entrevistas com cinco mulheres, na faixa etária de 46 a 70 anos. Utilizamos o critério de saturação para delimitação do número de participantes. Decidimos por este número de cinco entrevistas quando observamos que o material coletado apresentava-se bastante rico para a compreensão do fenômeno que nos dispusemos a investigar.

Todas as participantes possuem nível superior completo, trabalham e têm filhos. Chamaremos as entrevistadas de: *Angela, Bárbara, Laura, Penélope e Rosa*, nomes fictícios.

A tabela 1 apresenta algumas características das participantes:

Tabela 1: Características das participantes

Nome	Idade atual	Tempo de casamento	Tempo de Separação	Número de filhos	Idade dos filhos	Horas de trabalho, média semanal
Angela	53 anos	20 anos	8 anos	2	Entre 20-30 anos	40h
Bárbara	46 anos	21 anos	2 anos e meio	2	Entre 10-15 anos	60h
Laura	49 anos	22 anos	7 anos	3	Entre 20-30 anos	55h
Penélope	70 anos	25 anos	20 anos	3	Entre 35-45 anos	16h
Rosa	56 anos	25 anos	11 anos	3	Entre 30-35 Anos	40h

4.2 Procedimentos

As participantes foram indicadas por meio da rede de contatos da pesquisadora: colegas e amigos, num procedimento conhecido como “bola de neve”. As pessoas foram contatadas por telefone ou e-mail, quando foram explicados os objetivos, o método da pesquisa, averiguado o interesse e a possibilidade de participação na mesma.

Os encontros foram realizados em local indicado pelas entrevistadas, privilegiando sua comodidade, cuidando para que mantivessem condições como conforto e privacidade.

As entrevistas aconteceram entre dezembro de 2010 e junho de 2011. Três foram realizadas nas residências das entrevistadas, uma no local de trabalho, após o expediente e outra no consultório da pesquisadora. De início, foi esclarecido o propósito do estudo sendo lido o termo de consentimento e solicitada a assinatura pelas participantes¹.

Na escolha do instrumento optamos pelo uso da entrevista semi-estruturada, a partir de um roteiro pré-estabelecido. A entrevista deu-se por meio de um encontro entre pesquisadora e entrevistada, foi conduzida de acordo com a necessidade e a possibilidade de tempo da entrevistada. As entrevistas tiveram a duração média de 1 hora e meia.

Comprendemos que o resultado desses encontros foi uma co-produção partilhada. A influência da pesquisadora fez-se presente pelo dado de gênero enquanto uma categoria de análise relacional, pois se tratou de uma mulher entrevistando outra mulher.

O tema da conversação partiu das questões pré-estabelecidas, que serviram de embasamento a outras questões que foram surgindo espontaneamente e que, por sua vez, ampliaram e enriqueceram o roteiro de investigação.

¹ A presente dissertação está de acordo com todas as normas da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos tendo sido submetida e aprovada pelo comitê de ética da PUC-SP mediante Protocolo de Pesquisa no 347/2010.

A seguir o roteiro original utilizado nas entrevistas:

Roteiro de Entrevista

- Como você percebe esta fase da sua vida? O que é diferente das fases anteriores?

- Como você pensa que a sua família, amigos e conhecidos percebem esse momento de sua vida?

- Como foi a sua vivência de sexualidade antes do casamento, durante o casamento e agora?

- Como foi ou tem sido para você a experiência de ter se separada/divorciada?

- Quais as transformações que ocorreram na sua sexualidade após a separação?

- Quais as suas expectativas em relação a relacionamentos afetivo-sexuais nesse momento de sua vida?

- No caso de não haver novo relacionamento afetivo-sexual no momento: como você tem encaminhado suas necessidades afetivo-sexuais?

- Quais as suas expectativas, de modo geral, em relação ao seu futuro?

4.3 Análise dos resultados

A entrevista gravada foi transcrita na íntegra e transformada em texto, de maneira que se chegasse a uma compreensão geral de seu sentido, passando então por um processo de interpretação, no qual foram destacadas as narrativas que evidenciavam crenças, expectativas e comportamentos de cada participante em relação ao tema da sexualidade.

Para a análise dos resultados foram utilizados três eixos temáticos *a priori*:

1º EIXO: Os valores adquiridos a respeito da sexualidade feminina

2º EIXO: A crise conjugal e suas resoluções

3º EIXO: Os comportamentos atuais e expectativas futuras

Estes eixos surgiram a partir da literatura pesquisada e aparecem “implícitos” no roteiro de entrevista.

Em cada um dos três eixos temáticos, por sua vez, foram identificados os temas que apareceram recorrentemente, organizando-se categorias de análise criadas, posteriormente, a partir da leitura minuciosa e análise dos textos das entrevistas realizadas.

5. CAPÍTULO

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo compreender se houve mudanças nas crenças, expectativas e comportamentos de mulheres que viveram casamentos de longa duração e passaram pela transição de uma sexualidade conjugal a uma sexualidade pós-conjugal. Buscamos explorar se, e como, essas mulheres estão experimentando novos modelos de relacionamentos.

Para compreendermos as transições do projeto sexual feminino na contemporaneidade, foram analisadas as mudanças percebidas por essas mulheres pesquisadas, em relação a sua sexualidade na conjugalidade e pós-conjugalidade.

Ao falar-se em mudanças, é fundamental que se localize o *antes* e o *depois* expressos nos eixos temáticos da seguinte forma: **Os valores adquiridos a respeito da sexualidade feminina** representam o *antes*, **A crise conjugal e suas resoluções** demonstram o processo disparador das mudanças e **Os comportamentos atuais e expectativas futuras** abordam as perspectivas de futuro, o *depois*.

1º Eixo - Os valores adquiridos a respeito da sexualidade feminina

Categorias:

- A importância da virgindade e a entrega sexual vinculada ao compromisso conjugal
- O casamento para toda a vida
- A expressão condicionada do desejo feminino
- A fidelidade
- A introjeção da culpa

2º Eixo - A crise conjugal e suas resoluções

Categorias:

- O casamento
- A separação
- A possibilidade de expansão da vivência sexual pós-separação

- Maturidade - priorizando a si mesma
- A Menopausa e o desejo sexual

3º Eixo – Os comportamentos atuais e expectativas futuras

Categorias:

- O assumir da responsabilidade pelo próprio prazer
- O conhecer novas pessoas por intermédio de amigos
- Os homens casados: a estirpe mais facilmente encontrada
- O namoro com o ex-marido
- Os homens mais jovens
- Os casos passageiros e romances de viagem
- A *internet* e as redes sociais como ponto de encontro
- As expectativas em relação ao futuro
- As expectativas em relação a um futuro companheiro

5.1 PRIMEIRO EIXO - OS VALORES ADQUIRIDOS A RESPEITO DA SEXUALIDADE FEMININA

Nossas entrevistadas nasceram nas décadas de 1940 a 1960, no Brasil, e viveram sua adolescência ou início de vida adulta nos anos 60/80, quando o movimento da contracultura com as propostas de mudanças de valores e de uma vivência de relacionamentos mais livres e igualitários, já havia ocorrido (Figueira, 1987, Hackstaff, 1999). Estiveram expostas aos novos modelos, mais modernos e simétricos, embora não tenhamos identificado a ocorrência de expressão destes novos valores em seus comportamentos enquanto estiveram casadas.

Na tabela 2, localizamos as nossas entrevistadas em relação à época em que viveram a adolescência e se casaram:

Tabela 2: Informações demográficas sobre as participantes

Nomes	Ano em que nasceram	Década em que viveram a adolescência	Ano e idade em que se casaram	Condição ocupacional durante casamento
Angela	1957	70	Em 1983 com 25 anos	Trabalhava
Bárbara	1965	80	Em 1987 com 22 anos	Trabalhava
Laura	1961	70	Em 1980 com 19 anos	Trabalhava
Penélope	1942	60	Em 1965 com 23anos	Trabalhava
Rosa	1954	70	Em 1976 com 21 anos	Trabalhava

Como nos mostram as vinhetas a seguir, nossas entrevistadas mantiveram-se nos valores tradicionais e hierárquicos de relacionamento durante a adolescência e enquanto casadas, o que emergiu nas seguintes categorias: **A importância da virgindade e a entrega sexual vinculada ao compromisso conjugal; o casamento para toda a vida; a expressão condicionada do desejo feminino; a fidelidade; a introjeção da culpa.**

5.1.1 A importância da virgindade e a entrega sexual vinculada ao compromisso conjugal

Identificamos que com o mundo em transformação, algumas mulheres continuaram “tecnicamente-irgens” antes do casamento e outras não. Das cinco mulheres entrevistadas nessa dissertação, quatro tiveram uma educação tradicional, na qual a virgindade antes do casamento era considerada um valor importante. No namoro geralmente eram permitidos apenas os beijos e os “amassos”:

Bem, com o Afonso, é o que a gente chama: os amassos, porque naquela época era isso (...) é, os beijos e os amassos! (Penélope)

Eu era muito rígida, na minha cabeça, mulher tinha que casar virgem e por mais que eu tivesse num meio propício, eu não me dei essa chance, eu não vivi isso, não vivi! Então antes do casamento, era beijo, amasso, no máximo, um amasso... mais íntimo. (Rosa)

As entrevistadas que “perderam” a virgindade antes do casamento, fizeram-no com namorados que lhes transmitiam a sensação de segurança. Relataram ser importante que a relação fosse considerada um compromisso e que tivesse perspectivas de futuro casamento.

A paixão era um elemento importante no momento da entrega sexual, mas deveria estar vinculada a um compromisso conjugal:

Então, eu vou te contar, lógico, na minha época, eu sempre fui muito assim..., na minha época não era comum, ou até era comum, mas era enrustido, dormir, transar antes do casamento, e lógico que eu fiz isso, mas eu era muito imatura, muito imatura! Muito assim, rígida! (Angela)

Então, antes do casamento também tinha ainda esse ranço dessa coisa assim, moça que casa não virgem é puta, namora muito é puta, então assim, tinha, eu vivi isso e eu era bastante namoradeira, mas tive minha primeira relação sexual com um namorado de muito tempo,

meu grande amor, vamos dizer assim. Isso foi bem saudável, bem lindo, bem gostoso. (Laura)

A pouca experiência fazia da sexualidade algo vivido “às pressas”, geralmente trazendo uma sensação de conflito entre o prazer e a moral: “(...) naquele primeiro momento que era uma coisa assim, é..., primeiro namorado transava muito rápido, era uma coisa muito pouco curtida, era muito da curiosidade.” (Laura)

Bárbara, hoje com 46 anos, a mais jovem das entrevistadas, recebeu uma educação menos tradicional e experimentou uma sexualidade mais livre na adolescência. Ela, no entanto, relata a gravidez precoce de uma das suas irmãs, como um acontecimento que influenciou sua decisão por relacionamentos que lhe trouxessem a sensação de segurança. Isso encurtou sua fase de experimentações e lhe recolocou no caminho das meninas “certinhas”:

(...) começou quando eu estava absolutamente na idade e disposta com dezesseis, quinze anos a começar minha vida sexual com o namorado, e era muito bacana e eu era muito apaixonada por aquele namorado, e era com ele que eu queria, só que ele não me passava segurança nenhuma (...) e naquela época a gente achava que a gente devia..., podia transar, não tinha preconceito, mas transar com alguém que a gente achasse que iria casar, mesmo que não desse certo depois (...) eu estou vivendo esse conflito com ele, ele querendo transar e eu ainda não sabia, quando minha irmã mais velha engravidou muito jovem também, eu com dezesseis, ela com dezoito, e aí ela engravidou e ninguém esperava isso dela, esperassem mais de mim talvez, com dezesseis, do que dela com dezoito. E aí foi um caos na família, na casa, na vida de todo mundo, e quando eu vi aquilo, aquilo me atrapalhou no momento que eu ia fazer esse processo (...) achei que meus pais sofreram muito, e que não mereciam sofrer desse jeito, que estava tudo errado e que eu tinha que cuidar desse assunto. Era tudo muito pouco..., eu era muito ignorante, era muito confusa a questão de engravidar e transar, era tudo muito perto, como é que eu ia tocar a vida sexual desse jeito com esse menino que não me dava segurança? (...) aí aconteceu esse episódio que me tirou assim do prumo e eu

resolvi que eu iria ser assim uma “mocinha”, com dezesseis anos.
(Bárbara)

Bárbara segue contando como esse conflito foi vivido na solidão, pois não havia espaço na época para conversas abertas sobre a iniciação sexual feminina:

Vou te falar! É brincadeira isso, muito esquisito isso, imaginar que tudo isso se passava pela minha cabeça e ninguém via! Porque a essa altura era uma loucura total na minha cabeça e ninguém sabia. Ninguém tinha noção (...) como eu sempre vivi esse conflito entre ser mocinha e ser bandida, assim, é uma característica minha de, às vezes estar maluca e, às vezes estar certinha..., não saber exatamente como é que iria ser. Eu sabia que tinha gente que desde o início tinha aquela carinha de menina comportada que iria ser mocinha, que iria constituir família e ser socialmente adequada e eu sempre transitei entre essas duas coisas. (Bárbara)

Bárbara acabou optando pelo caminho socialmente adequado, pois se sentia mais segura nesse modelo. Havia internalizado o valor tradicional no qual para a mulher a segurança afetiva, garantida quando o afeto do parceiro era maior do que o seu por ele, era mais valiosa do que o sentimento da paixão.

A paixão colocava a mulher numa posição ainda mais vulnerável, poderia perder seu valor social, pois seria presa fácil da conquista masculina. Caso se “entregasse facilmente”, poderia ficar “mal falada”, diminuindo as chances de um compromisso conjugal (Bassanezi, 1997).

E esse “um” se apresentou como esse garoto que vai casar, e já pediu em namoro, e queria apresentar a família e mandava flores e aquilo, e eu falei: é com esse que eu vou ficar. Eu lembro claramente que naquela época eu tinha um conceito que era assim: eu prefiro..., eu não agüentava mais ver sofrimento, é muito melhor ser amada do que amar, essa parte eu resolvo, essa parte de não amar eu seguro minha onda, essa parte de não ser amada, eu não seguro não. Essa insegurança que vem, esse sexo que faz e vai embora, essa gravidez

que pode não ter pai, esse sofrimento da família. Essa parte eu não seguro não. E aí eu achei que era perfeito esse namorado, porque era o que queria casar, e ele era apaixonado por mim e eu não precisava ser por ele. E era até melhor eu não ser por ele e assim foi logo depois de ‘eu não ter transado com o que eu era apaixonada’. E aí esse, como eu tinha meus planos, virou namoro, virou noivado, virou quase casamento. (Bárbara)

Bárbara, nesse momento da entrevista, teve um importante *insight* sobre os caminhos trilhados na sua sexualidade, que nos mostram a força dos valores tradicionais na contenção dos desejos e da expressão da sexualidade feminina. Os valores sociais são internalizados sem uma reflexão, o que pode vir a ocorrer muito tempo depois, como no caso dela. A consciência do próprio desejo era considerada algo perigoso, isso pode ter levado a entrevistada a utilizar-se de mecanismos inconscientes de defesa ao longo da sua vida, como o engordar para diminuir o contato com a própria sensualidade:

Os caras que me estimulavam sexualmente, eles eram sempre uns caras inadequados do ponto de vista do que parecia certinho, promissor, justo e certo, sabe?

Eu ainda estou querendo entender se tudo isso que eu fiz esse tempo todo não foi muito mais uma prisão ao meu instinto meio exagerado, de fazer o que eu quero sem freio, inclusive o instinto sexual exagerado, isso tudo está num bolinho só que eu...

Pesquisadora: - Que você se auto-impôs..., esse limite...

Esse limite de ficar ali, nas relações seguras, tranquilas, mais mornas e, nem sei quantas vezes eu engordei para não ficar sexualmente atraente nem atraída, e botar tudo isso num lugar que eu achava mais confortável. (Bárbara)

Das cinco mulheres entrevistadas, todas tiveram sua primeira relação sexual dentro de relacionamentos de namoros estáveis, sendo que três tiveram sua primeira relação sexual com o cônjuge, e duas delas casaram-se virgens: Penélope e Rosa. “Eu casei virgem! Fui educada para isso (...) eu sempre respeitei muito essa coisa, é de criação mesmo, isso não é muito bom às vezes não, viu?” (Penélope)

A situação vivida por Rosa na sua Lua de Mel é bastante representativa da dupla moral vigente na época, a virgindade feminina era uma importante garantia da fidelidade da futura esposa:

Hoje eu posso lhe dizer que meu casamento acabou na primeira noite de Lua de Mel.

Pesquisadora: - Por que na primeira noite?

Eu era virgem, nunca tinha transado nem nenhum tipo de relação sexual e não sangrou na primeira noite! E ele queria me devolver no dia seguinte para meu pai e minha mãe, e eu, nossa! Eu sabia o que estava acontecendo comigo, mas ele não sabia o que estava acontecendo comigo, e eu tinha que provar, e aí não deixei ele. Não, não, eu vou lhe provar, eu vou, te..., sei lá o que vou fazer, vou resgatar isso, é uma questão de honra, porque eu tive antes dele um namorado de três anos. Foi o único namorado, o resto foi coisa de criança, então ele achava que eu tinha omitido isso dele, ele achava que eu já tinha tido relacionamento sexual, mas não, não era verdade (...) o Luis ficou muito tempo achando isso. Teve até uma época que ele falou que iria procurar meu antigo namorado para conversar com ele, não sei se procurou se não procurou. (Rosa).

Concluimos que apesar da diversidade do panorama de valores disponíveis para essas mulheres num mundo em transformação, elas introjetaram os valores rígidos da época de suas mães. Estes valores estão presentes nos comportamentos da maioria delas na época do namoro e do casamento o que também foi verificado nas pesquisas de Hime (2004) e Costa (2008).

Esse processo nos conduz às explicações de Figueira (1987) no que concerne ao processo de modernização dos valores relativos à família e sexualidade no Brasil.

Na *modernidade reativa* como solução ao *desmapeamento*, muda-se o conteúdo da regra, a idéia, mas não muda o processo de escolha que continua sendo determinado de fora do sujeito e não calcado na individuação e no direito a opção. Percebemos, “que tudo só muda rapidamente na superfície, e que o novo e o moderno convivem com o arcaico e o antiquado” (Figueira, 1987, p.13).

5.1.2 O casamento para toda a vida

A lei do divórcio é de 1977, portanto duas das nossas entrevistadas, Penélope e Rosa casaram-se antes da promulgação da lei do divórcio, em 1965 e 1975, respectivamente. Elas casaram “para sempre” e com comunhão universal de bens, pois assim era a lei. Isto mudou a partir de então, mas o que observamos é que na subjetividade, o casamento para toda a vida continuou como um ideal forte mesmo para as mulheres que se casaram da década de 1980 em diante:

Olhe, nunca é uma coisa boa, eu não me casei para me separar. (Rosa)

É..., bom, eu nasci em 1961, 1961 ainda é o fim daquela década de que a função da mulher era trabalhar em casa, cuidar dos filhos e ser uma boa esposa. Então eu acho que eu fui gestada nessa cultura, apesar de ter uma mãe que em 59, já era formada, então isso deve ter um peso na minha história, “né”? Mas, mãe essa, que se separou, e volta para mim à questão da minha gestação cultural, que assim, o certo, o bonito, o bacana, é o casal ficar casado para todo o sempre. Então acho que essa é uma questão que tem um peso aí, ainda, dentro, entendeu? (Laura)

O casamento eterno não era mais uma lei, mas permaneceu como o ideal: “o certo, o bonito e o bacana”. Como nos mostra Laura, para a cultura da época, separação e divórcio eram permitidos, mas considerados como algo “feio”: “(...) de uma cultura, de um momento, ter sido criada nesse lugar, onde era feio ser separada.” (Laura)

Com isso, percebemos, mais uma vez, como o processo de modernização é lento e como aspectos característicos dos relacionamentos tradicionais, a exemplo da indissolubilidade dos casamentos, ainda eram muito valorizados mesmo depois das décadas de 1970 e 1980.

A “menos valia” associada à separação conjugal, entendida como fracasso, indicava a diferença entre a legalidade da lei/regra que aceitava o divórcio e os *controles internos da subjetividade*, que o tinham como última saída, principalmente para as mulheres criadas tradicionalmente (Hackstaff, 1999).

5.1.3 A expressão condicionada do desejo feminino

Na sexualidade o aspecto tradicional foi, muitas vezes, nomeado como *rigidez, fechamento, passividade*. Como se o movimento de busca do encontro amoroso, ou a demonstração do desejo sexual, não pudesse fazer parte do repertório feminino. A iniciativa sexual, tida como uma característica naturalmente masculina, provavelmente não era estimulada, nem bem vista na sociedade:

Nossa, foi aquilo que eu lhe falei lá no começo eu sempre fui uma pessoa muito fechadinha, muito certinha, regradinha... (Angela)

Eu sou da época em que você não se lança, não procura, como eu não procurei Armando para casar, não procurei ninguém para casar, estava na minha, na minha (...) depois ele começou a encontrar outras coisas que eu tinha, mas não sabia dar..., eu nunca agi com segunda intenção de agradar isso, para ganhar isso. (Penélope)

Das cinco entrevistadas, quatro relataram uma vivência sexual satisfatória no casamento. Para essas mulheres, esse não era um aspecto problemático na relação conjugal, apenas conservavam uma reserva, em alguns casos uma timidez que poderia ser compreendida como uma herança da criação rígida recebida:

Olha, eu nunca tive problema na relação sexual com o Luis, meu marido. Mas eu era aquela pessoa rígida... Mas, eu achava que eu nunca tinha tido problemas. Mas, depois você se abre, sei lá, eu me abri. (Rosa)

Minha mãe era uma pessoa extremamente carola no sentido: Ah, isso não pode, isso é nojento. E isso é uma coisa que ficou muito enraizada dentro de mim, não sei das minhas irmãs, acredito que até de algumas, sim. Mas eu, acho..., de mim foi muito ruim. E eu aprendi sabe, eu não fazia coisas que eram tão normais entre casais e que, às vezes, eu comentava com as pessoas e elas diziam: nossa, mas você não faz isso? Não! E eu achava assim, nossa, que absurdo a pessoa achar um

absurdo eu não conseguir (riso). Mas, enfim, eu me permiti, isso foi genial. (Angela)

Ah! Sim, e quando eu comecei a querer usar um pouco de carinho com Armando, ele disse para mim, ele já não tinha mais interesse: você nunca foi carinhosa? Qual é agora?(...) Então, foi isso com Armando, mas ele falava para mim, ele sentia muito, ele dizia: meu Deus, toda mulher se queixa por não ser procurada e você..., mas ele não falava com esse jeitinho todo, não. Em outras ocasiões, ele dizia o negócio do cio, que eu só queria quando eu estava no cio. Ele manifestava isso, mas não de uma forma agradável, de uma forma que a mulher entende e que ela merece. (Penélope)

A narrativa tradicional acerca do desejo feminino é que: as mulheres não conseguem desvincular a sexualidade de uma condição de apaixonamento (Kimmel, 2004). Com a rotina dos anos de casamento, sem um investimento no aspecto sexual, por si só importante, o desejo geralmente diminui junto com a paixão.

Amor e paixão nem sempre se integram no mesmo relacionamento e ambos podem crescer, diminuir, modificar-se ou desaparecer ao longo de um relacionamento, sendo sentidos de modos diversos em diferentes fases. A paixão é subversiva, na medida em que arrebatava o indivíduo e dificulta ao apaixonado dar conta das suas obrigações cotidianas. O apaixonamento “cego”, normalmente tem o seu próprio tempo e a desidealização do ser amado, característica do processo de convivência, pode levar ao término do relacionamento ou à sua transformação em amor (Costa, 1998, Hime, 2004). Laura investia na sua vivência sexual, Bárbara não:

(...) Então, eu acho que a sexualidade é uma coisa que tem a ver com saúde, eu tive uma sexualidade saudável (...) a gente investia, apesar de que para o meu sentimento de cinderela dos contos de fada, faltava assim, mais romance... Mais... Como todas as mulheres se queixam até hoje, acho que faz parte do gênero, “né”? Quer dizer, faltava, eu sentia falta disso, mas..., não deixava de transar, então isso era uma coisa importante. (Laura)

Toda a vez que eu fazia sexo, mesmo com Flávio, eu tinha prazer, eu tinha prazer e gostava. Eu não tinha era vontade de começar, eu associava isso a uma falta de apetite sexual por aquela pessoa. Não quer dizer que eu não queria o sexo, demorava a querer..., demorava em começar, mas depois tudo bem. Não era uma questão travada, puritana, era de verdade: eu não quero, não tenho vontade. Eu associava isso a uma emoção, a estar apaixonada. (Bárbara)

Bárbara ilustra bem o duplo padrão do desejo, no qual se acredita que as mulheres têm menos necessidades de sexo do que os homens. As mulheres foram ensinadas a viver a sexualidade condicionada ao apaixonamento. Em nossa cultura é repetido através de literatura pseudo-científica e do senso comum que as mulheres possuem menos desejo sexual do que os homens e que só conseguem obter satisfação no sexo quando apaixonadas (Del Priore, 2005; Kimmel, 2004). Não é de se espantar que muitas mulheres internalizem essa “verdade”, que serve para perpetuar a desigualdade de gênero e se privem de algo tão natural e saudável como a vivência do prazer sexual com ou sem paixão.

5.1.4 A fidelidade

Compactuando com os valores tradicionais acerca da natureza da sexualidade feminina e masculina, nossas participantes submetem-se ao duplo padrão de gênero no que se refere à maior tolerância a infidelidade masculina. Das cinco entrevistadas, quatro mulheres foram fiéis durante o tempo de casadas e tiveram conhecimento de infidelidades conjugais de seus maridos em algum momento do relacionamento:

(...) parecia que o que tinha de afeto, de amor, de tudo dentro de mim em relação a ele, tinha ido embora! Acabado mesmo. Porque o que eu tinha era raiva, teve uma traição no meio dessa história e aí, e isso, por mais..., e a gente continuou depois dessa traição, foi um absurdo. Era uma pessoa que eu conhecia... Eu falei, caramba, eu estou dentro da minha casa, cuidando dos meus filhos, cuidando dele, querendo ou não eu estou cuidando dele, trabalhando feito uma “mula”, de repente o cara, vem, chega à minha cara, me agride verbalmente, “né”? Porque tinha todas as outras agressões, ofensas, porque precisa fazer

isso, aquilo. Porque para ele naquela época, eu nunca fui uma boa dona de casa, na verdade ele me colocava meio como a mãe dele, porque a mãe dele só tinha sido dona de casa a vida inteira. E eu dizia isso claramente: eu não sou tua mãe. E isso em contextos que agora são irrelevantes. E aí é isso, por mais que eu tivesse achado que tinha perdoado, isso ficou dentro de mim... (Angela)

Também foram as circunstâncias, “houveram” traições, foram várias traições com várias mulheres e eu descobri tudo e isso doeu muito, muito, muito (...) mas não foi isso que me fez terminar, não foi essa dor, não foram as traições, foi a falta de respeito... (Rosa)

Aí aconteceu que ele encontrou outra pessoa, depois de..., já devia ter tentado com muitas (...) todas essas coisas que a gente diz que são as regras cristãs, as leis cristãs dos relacionamentos, realmente eu sempre observei, e nunca pulei a cerca: “De você ser fiel, de não trair, de não trair jamais, jamais, de não aceitar, não trair”. (Penélope)

Pensando na dimensão social das situações extraconjugais vividas por nossas entrevistadas durante o casamento, percebemos, por exemplo, que ainda persistia o padrão tradicional, a dupla moral: para o homem a maior aceitação de relações extraconjugais e para as mulheres não.

Revelam-se as questões de gênero, pois se considera “natural” o homem desvincular sexo e amor e assim sua infidelidade é justificada, sendo esse o discurso repetido socialmente. A mulher, por ter “outra natureza”, a partir do momento que vivenciasse uma relação extraconjugal, seria vista incorrendo num erro muito mais grave, posto que não aceito socialmente.

Como pudemos observar, persistiu durante o casamento dessas mulheres um duplo padrão de fidelidade, mesmo quando elas perdoaram ou não, as traições, o lugar da mulher que tinham internalizado era o lugar da mulher honesta, fiel, que cuida, perdoa e se sacrifica pela família (Del Priore, 2005).

Essas narrativas evidenciam o quanto essas mulheres que viveram a adolescência na década de sessenta e setenta, estiveram em contato com os valores da contracultura e dos movimentos feministas, mantiveram-se nos valores tradicionais, enquanto casadas. E mesmo nossas participantes que tinham um bom nível de poder no

relacionamento, derivado do próprio trabalho remunerado, toleraram em algumas situações, as infidelidades, em nome da manutenção da família.

5.1.5 A introjeção da culpa

Meirelles (2001), em sua dissertação, pesquisou “casais de dupla carreira”, ambos possuíam uma carreira profissional igualmente significativa e observou que, na contemporaneidade, vem se construindo um feminino sobrecarregado, superlativo, que internalizou a exigência de ser competente tanto no espaço privado da casa, como no espaço profissional. As mulheres percorreram um caminho em direção à visibilidade ocupacional e ao reconhecimento de sua capacidade produtiva, porém continuam sentindo-se culpadas quando não desempenham o papel de mãe segundo as expectativas sociais e as próprias.

No modelo de casamento tradicional recai sobre as mulheres a responsabilidade pela manutenção da família. São as “guardiãs dos valores do coração”, dos sentimentos e da coesão familiar. Em função desta especialização/obrigação, que lhe é atribuída como um dom natural, surge a culpa pelo divórcio e o sentimento de ter falhado na missão de conservação da família:

E quando ele foi, foi uma dor absoluta. Eu me sentia profundamente culpada, eu me trabalhei muito em terapia essa culpa, muito, muito, muito, muito, (...) eu me consumi pelo que eu provoquei nos meus filhos. Fui eu que provoquei, porque eu, eu que quis me separar.
(Angela)

E acontece que aí ele começou a transgredir, talvez por eu não ter dado a ele..., uma vez ele falou para mim, você nunca gostou de mim. De repente, sabe como você tem uma reação assim..., eu passei a gostar dele! Quando já estava a coisa degradingolando. Eu não percebi o manancial, a potência de Armando, enquanto homem, enquanto pai e principalmente enquanto homem de negócios, ele é, ele é, ele é. E eu ali no ladinho também, "né"? (Penélope)

O Luis sempre foi uma pessoa, minha mãe costumava dizer: o Luis é um filho que toda pessoa gostaria de ter, “né”? E então ele sempre foi

muito valorizado..., e meus pais pediram para ter paciência, porque percebiam que ele é uma pessoa muito agressiva na postura, eu também sou, mas ele é bem pior que eu. Mas não era uma pessoa ruim, muito afetivo com os filhos..., então eu tive muita paciência, muita paciência, muita, muita, muita e assim muito esforço para tentar resgatar aquele casamento que há muito tempo estava falido (...) tem muita coisa aí, eu também fiquei 24 anos casada por conta dos meus filhos... (Rosa)

Existe um valor social ainda muito arraigado do perdão, da paciência e da resignação como qualidades eminentemente femininas, por isso pode ser muito conflitante a uma mulher identificada com aspectos do modelo tradicional, desvencilhar-se de situações abusivas ou insatisfatórias por medo de prejudicar os filhos ao “desestruturar” a família (Souza, 2008).

Em termos gerais, o que podemos considerar no todo deste eixo, que se refere a valores praticados/introjetados, é que a oportunidade de conhecer ou presenciar a emergência de novos valores pode gerar uma maior tolerância a sua presença social, que Figueira (1987) identificou como *modernidade reativa*, no que se refere aos valores atrelados a família e a sua modernização no Brasil, sem que necessariamente o indivíduo as incorpore ou pratique em sua vida. Se aceita a mudança no outro, mas os valores internalizados da família comandam o “eu” e as relações conjugais, conservando a ordem de gênero tradicional, na qual masculino e feminino tem “naturezas” diferentes e cabe à mulher a maior responsabilidade pelo cuidado/manutenção da relação conjugal e familiar.

Nos próximos eixos veremos como mudanças se processam evidenciando em qual mundo cada uma destas mulheres está escolhendo viver após a separação conjugal ou que tipo de mesclas e novos arranjos estão conseguindo reinventar em relação aos valores, comportamentos e hierarquia de poderes.

5.2 SEGUNDO EIXO - A CRISE CONJUGAL E SUAS RESOLUÇÕES

Neste segundo eixo de análise, foram enfatizadas as percepções das mulheres entrevistadas a respeito da crise no casamento, o divórcio e os ganhos observados em relação ao processo de amadurecimento sexual que estão vivenciando.

A crise conjugal e a separação produzem um contexto favorável à revisão de valores, podendo levar a transformações que podem ser sentidas como mais positivas para alguns indivíduos, e mais negativas para outros.

Os autores que lidam com o divórcio tendem a apontar que este, como uma situação de crise, tanto pode conduzir a uma melhor qualidade de vida quanto a um declínio, dependendo de fatores múltiplos de vulnerabilidade e proteção ao risco que cada pessoa demonstra quando sob o efeito de uma crise (Cowan, Cowan & Schulz, 1996). O principal risco do divórcio é permanecer em tentativas auto ou heteroagressivas de reter o outro, não sendo capaz de descolar-se do parceiro e mantendo-se em tentativas desesperadas de restituição do passado (Souza, 2008).

5.2.1 O casamento

Levinson (1997), em seu estudo da biografia de mulheres norte-americanas, verificou que muitos dos casamentos se referiam a um padrão que denominou de neo tradicional: incorporava-se o trabalho feminino e algum nível de equilíbrio dos gêneros, mas as mulheres permaneciam com a responsabilidade pelos aspectos tradicionais do feminino, a saber, o *cuidar*, sendo que Meirelles (2001) verificou condição semelhante nas suas entrevistas com casais brasileiros.

Analisando os relatos de nossas participantes, podemos pensar que o modelo de casamento vivido pelas mulheres entrevistadas foi o neo tradicional, pois todas elas exerciam atividades profissionais, tinham momentos de parceria e companheirismo com os cônjuges, mas como é característico deste tipo de casamento, as necessidades dos filhos e do marido estavam à frente das necessidades pessoais:

Primeiro, eu vou falar de mim, eu sempre fui uma pessoa que sempre foi muito dedicada à família, trabalho e só. Eu, eu deixava de lado, de escanteio. (Angela)

Muitas vezes, eu priorizei muito os filhos, o marido, e o que sobrava era ainda para investir na minha profissão, então assim, espero agora

cuidar de mim (...) e acho que a sexualidade entra nisso também.
(Laura)

A gente sempre acha que vai ser impossível, e as crianças... (Bárbara)

Neste tipo de casamento, os homens podem incentivar as mulheres em suas carreiras profissionais, mas as tarefas que dizem respeito à casa e aos filhos continuam sendo prioritariamente responsabilidade delas, independente de quem tenha a maior carga horária de trabalho fora de casa, ou seja, há uma flexibilidade de alguns valores sem o questionamento da ordem de gênero (Connell, 2002).

5.2.2 A separação

A separação conjugal implica mudanças emocionais que retomarão experiências anteriores de perda, sendo mais difícil para quem tem vínculos primários pobres e pendências familiares. Produzirá sentimentos de ansiedade, tristeza, raiva, instabilidade. Há, em muitos casos, uma desilusão quanto ao projeto social de casamento atemporal, vivenciando a sensação de fracasso por não ter sido um dos eleitos do “para sempre”. É preciso elaborar a desilusão e a mágoa em relação ao parceiro que a rejeitou, confrontando a própria incompetência e impotência por não ter sido capaz de enganar a finitude (Souza, 2008).

Das cinco mulheres entrevistadas, três relataram uma crise vivida com muita dor no final do casamento e durante a separação:

Pesquisadora: - E como foi para você a experiência de ter se separado?

A dor que eu sentia, eu posso lhe dizer, eu enxergava, eu imaginava uma betoneira passando em cima de mim (...) porque ele começou a me agredir fisicamente e eu fui procurar um advogado, fui orientada a começar a fazer boletim de ocorrência, e aí foi quando ele soube, ele nunca mais me encostou a mão. E aí eu entrei nesse processo de separação, eu pensei ou você resgata sua dignidade, ou você nunca mais vai ter. Foi assim muito sofrimento, nos primeiros cinco anos, meu Deus, eu sucumbi, sucumbi! (Rosa)

Muito dolorida, eu perdi um pedaço de mim (...). Carlos, jamais se separaria de mim, na vida inteira. Mas se a gente tivesse continuado naquela época, a gente jamais estaria junto hoje. Não sei se você consegue entender (...) mas nós trabalhamos essa separação, a gente combinou uma data. Foi assim, logicamente que a gente foi conversando muito com as crianças que nem eram tão crianças assim... (Angela)

Sofri bastante, sofro, ainda sofro.

Pesquisadora: Ainda machuca “né”?

Nossa..., não adianta a maioria das feridas elas não cicatrizam. Aliás, cicatrizam, mas o que sobra? A cicatriz.

Pesquisadora: - De vez em quando dói?

É muito desagradável (...) mas eu sinto isso, não é bom, separada, e da forma como eu estava com ele também não foi nada bom. Na fase já dos desmandos, dos conflitos, dos desgostos, das traições. E de todo aquele arsenal de situações que provocam sentimentos dolorosos, “né”? É isso. (Penélope)

Apesar da crise vivenciada por todas, observamos que essas três entrevistadas relataram maior sofrimento: Rosa, Angela e Penélope. Bárbara e Laura parecem ter atravessado a crise do divórcio de maneira mais serena.

Estas descrições nos levam a concordar com Souza (2008), quando esta autora descreve o rompimento conjugal como uma experiência extremamente dolorosa para todos os envolvidos. Mas, além das conseqüências descritas como negativas, também se evidenciam as positivas. Na presença, por exemplo, de apoio social e na retomada de contatos e amizades, muitas vezes negligenciadas durante o casamento, percebem-se mudanças com efeitos positivos.

Bárbara conta da experiência de ter recebido apoio e em troca ter compartilhado o processo de separação e das suas descobertas subseqüentes com suas amigas casadas e do enriquecimento para todas a partir dessas conversas:

(...) e aí no primeiro momento a gente fica cercada por essas amigas, fica apoiada ali pelo grupo, e aí chegou um momento assim que eu compartilhava muito, eu pensava assim: eu estava recebendo um

monte, delas, naquela hora que era companhia, que naquele primeiro momento, especificamente, eu queria companhia, porque eu resolvi que não queria sofrer com essa história, queria separar e pronto, às vezes, eu precisava de companhia para não sucumbir a uma idéia de que eu não queria me separar, na verdade não era isso, eu não queria estar só, estava acostumada a uma presença do meu lado ali, então eu pedia muita companhia. E aí eu senti com o tempo que o que eu dava a elas era de uma generosidade enorme, que era compartilhar com elas essas coisas que eu sentia, que eu pensava e que eu vivia, e cada uma aproveitou muito bem tudo isso. (Bárbara)

Embora os pesquisadores do divórcio argumentem que os motivos de uma separação são múltiplos e complexos (Ahrons, 1995; Hetherington & Kelly, 2003) nossas participantes elaboraram suas próprias justificativas. Bárbara faz uma auto-análise sobre o que determinou o fim do seu casamento:

(...) O que aconteceu é que não existia mais o casal. Existia o pai e a mãe daquela família, os donos daquela casa, os companheiros de anos, os ex-namorados, então você vai ficando com essas coisas, mas o casal em si foi sumindo, sumindo. E aí uma hora tem que assumir isso, entendeu? Como sumiu muito, muito antes em mim, existia uma diferença que era assim: ele sofria muito! E eu não, porque quando é você que não ama é mais fácil de encarar do que quando você ama e não é amado. Porque quando..., a crise dele era muito maior do que a minha. E a minha eu conseguia de alguma forma me suprir das coisas que eu tinha e que eram boas, do convívio tranquilo, harmonia em casa, filhos, trabalho e aquilo ia suprindo, mas..., ele que se sentia rejeitado nessa relação e aí ficava difícil porque você tem uma cobrança dele, depressão..., e você está do lado de uma pessoa que não está bem, não está bem por que..., não estamos bem. Eu poderia ficar mais tempo assim, teoricamente, “né”? Mas quem quer a relação e vê que o outro está distante sofre mais. E aí acho que é assim a separação. (Bárbara)

No caso de Bárbara existia a família, mas não existia mais o casal. Para Laura o que levou ao final do seu casamento foi a descoberta das diferenças entre ela e o

marido, ou talvez o cair das fantasias e idealizações a respeito de si, do outro e da relação de casamento:

Tinha uma paixão, tinha um encantamento, tinha tudo isso que os contos de fada contam, (riso), eu mergulhei nisso e vivi muitos anos isso, até descobrir que não era bem assim, o príncipe encantado era um ogro, (riso), eu também sou uma ogra, (riso), com muito orgulho, (riso) e, então, acho que o casamento acabou também no momento que a gente viu isso, viu as diferenças. (Laura)

A psicoterapia foi relatada por três mulheres como um recurso fundamental na resolução da crise conjugal. Angela e Rosa falam do seu processo de psicoterapia pessoal e Bárbara explica como a análise fortaleceu seu ex-marido para o divórcio:

Fiz terapia, também, claro, fiz terapia, pelo amor de Deus! Os anos de terapia. Nossa! Isso para mim foi, tudo! Fiz por doze anos, sei lá! Então é isso! E aí depois com a separação, eu voltei para a terapia, mas com um cara aqui da minha cidade, eu gosto muito dele, ele é um terapeuta legal, ele é psicólogo. E eu cheguei para ele, pronta! Eu falei, eu vou começar a terapia, mas eu não vou mais jogar o meu dinheiro fora (riso). Eu joguei muito dinheiro fora em terapia, porque a gente foge, desliza e com ele eu decidi comigo, chegar e falar: vai ter começo, meio e fim. E aí foi bárbaro, nossa, porque aí eu consegui, eu consegui falar tudo e mais um pouco do que me incomodava (...), lógico, claro, com o resto das vivências... (Angela)

Também, quando eu percebi que não tinha mais jeito, eu voltei para minha terapia e fiquei um ano e meio praticamente só trabalhando a minha separação. E essa é uma revolta muito grande do Luis, porque ele acha que eu me preparei para a separação e ele não. Eu o peguei de supetão, mas é isso. Foi muita dor, “né”? Nunca é bom, mas hoje eu acho que precisava disso para ser essa pessoa melhor que eu sou hoje. (Rosa)

Bárbara detalha o percurso da separação e reconhece o doloroso processo vivido pelo marido para conseguir sair da relação do casamento. Seu marido sofria muito por não sentir-se desejado sexualmente por ela. Para Bárbara, a situação era cômoda, sabia que existia uma falta de desejo da sua parte, mas não queria pensar nisso, pois se realizava com a vida familiar harmoniosa e com seu sucesso profissional que muito lhe ocupava:

Mas, ele estava no sofrimento, cada hora se sentindo pior dentro da relação, começou a se preparar, ficar forte para conseguir sair. Ele achava que era meu o desejo, “né”? Aí, foi se preparando, tomando remédio, psicoterapia, psiquiatra, tomar antidepressivo, aí, se cuidou, se cuidou, se cuidou e até uma hora que ele conseguiu sair. (Bárbara)

Bárbara descreve o sentimento de alívio que sentiu após o divórcio, quando não precisava mais corresponder aos desejos sexuais de seu marido. Sentia-se, de certa forma, culpada quando se negava a fazer sexo, pois sabia que isto fazia parte do acordo de casamento:

Quando separa, a primeira coisa que dá, a não ser a parte ruim, é certo alívio, entendeu? Você pode estar triste, mas você dorme melhor. Eu dormia e acordava melhor. Porque era assim, o que tinha que ser feito, foi feito. Não tinha aquele peso, cobrança. Claro, se isso é triste é triste, mas não dava para me cobrar o que eu tinha que fazer. Aí obviamente, eu saí desse casamento, pensando: que ótimo, agora eu vou ser eu sem nenhum homem, sem nenhuma cobrança, sem ninguém que quer transar comigo e eu não quero transar com ninguém, então está tudo certo. Então é fácil isso para uma mulher que é realizada, que teve o casamento que quis ter, que foi amada, que tem dois filhos. Chegou uma hora..., acabou essa história, tá ótimo. Quarenta e tantos anos, agora eu me aposento (...) aí quando ia fazer dois anos que eu estava separada, sem nenhuma intenção, sem nada, esse negócio mudou. Algumas pessoas falam para mim que o luto dura dois anos, “né”? (Bárbara)

O que nos chama a atenção nesta última vinheta é o quanto Bárbara internalizou que o problema da falta de apetite sexual era seu, não questionou o modelo de casamento tradicional, o quanto a rotina e a previsibilidade do seu relacionamento eram os responsáveis pelo adormecimento da sua sexualidade. Fato que veio a acontecer dois anos após seu divórcio. Esse dado pode levar-nos a crer que o divórcio, e a crise disparada por ele, funcionou como um dos importantes eventos desencadeadores dessas reflexões e posteriores mudanças de crenças e comportamentos, não apenas em Bárbara, mas em todas as participantes desta pesquisa.

5.2.3 A possibilidade de expansão da vivência sexual pós-separação

As cinco mulheres entrevistadas surpreenderam-se com uma expansão da capacidade de experimentar o prazer após a dissolução do casamento. Podemos observar que o divórcio funcionou como um importante ritual de passagem de um modelo de mundo para outro: “daqui para frente tudo vai ser diferente...” e de revisão de valores que favoreceu a expansão da vivência sexual destas mulheres, da mesma forma que já havia sido identificado em algumas das participantes da tese de Hime (2004).

É interessante notar que, mesmo em Angela que manteve o mesmo parceiro, porém num modelo de namoro, essa expansão foi percebida, ao retomar o relacionamento com seu ex-marido permitiu-se uma abertura sexual não experimentada durante o casamento:

Eu era muito imatura, muito imatura! Muito assim, rígida! Tanto que quando eu casei, eu continuei nessa rigidez, eu não era uma pessoa aberta de forma nenhuma, tanto que continuava com a aquela coisa, ”tchan, tchan”, pronto, acabou, cada um para o seu lado e dorme. Era isso que existia, o sexo em si. Eu não sabia da minha sexualidade, do potencial que eu tinha dentro de mim. (...) Eu emagreci cinquenta e tantos quilos, voltei ao que eu era, porque eu nunca fui gorda em minha vida, foi um resgate e essa parte do resgate, a gente já começou a ficar junto novamente, e foi muito legal, pois eu despertei coisas em mim, que eu jamais tinha me permitido. Eu não tive outros parceiros não. Lógico antes de casar, eu tive outro namorado, mas não sei se..., e também não foi legal, você entendeu? E com o Carlos hoje em dia a

gente se relaciona profundamente bem. Eu me libertei! É muito legal a gente entender que não é só fulana que faz isso, ou aquilo. A vida é tua! As paredes são tuas, o parceiro é teu e você faz o que quiser com ele, entendi isso profundamente, e a gente se dá muito bem, é isso (...) eu resolvi deixar aflorar uma mulher que tinha dentro de mim, uma fêmea. Não é nem uma mulher, porque mulher eu sempre fui, é uma fêmea. Que eu nem entendi o que era, eu comecei a me permitir e de repente eu achei bom. (Angela)

É importante observarmos no discurso de Angela, a diferenciação que faz entre mulher e fêmea. Para ser mulher, no modelo antigo, não é necessário ter desejo sexual, porque o feminino tradicional prioriza a fidelidade, o cuidado e não a sexualidade.

Para o homem é muito diferente, como nos mostra Aleotti (2004) na sua tese de doutorado. Essa autora pesquisou a teia de significados envolvidos na disfunção erétil e constatou que a maioria dos homens deixa de se sentir homem quando perde a capacidade de ter ereções firmes e freqüentes, ou mesmo quando se depara com a diminuição da prontidão do desejo decorrente do envelhecimento.

Concluimos a partir disso, que o desejo sexual “sempre presente” está atrelado à construção do masculino forte, dominador e infalível. Quanto à construção social do feminino, é mais provável que uma mulher sinta-se deprimida por estar acima do peso, do que por não ter desejo sexual. Esse aspecto denuncia o lugar ainda reservado ao feminino, de objeto do desejo do outro ao invés de sujeito do próprio desejo.

Enfrentar a crise do divórcio favorece desestabilizar todo o quadro sólido de valores atrelados à manutenção da família e domesticação do desejo feminino, descrito no eixo anterior. Há que enfrentar novas ansiedades e com elas, novas descobertas. Laura por exemplo, ficou assustada diante da possibilidade de sua primeira relação sexual com um homem que não fosse seu ex-marido, mas logo descobriu que a separação era uma segunda oportunidade de investigar sua sexualidade, conhecendo mais deste aspecto de si mesma:

Depois de separada é que eu acho que eu fui descobrir de fato a minha sexualidade, eu acho também que tem a ver com a minha idade. Eu tinha quarenta e dois anos, que eu acho (...) que é realmente o momento que a mulher está liberada para a sexualidade, porque é um

momento que ela já conquistou algumas coisas na vida dela, com os filhos, com o casamento ou não, com o trabalho, mas ela não tem mais que fazer uma “performance” que tem a ver com a beleza, com o que esperam da gente. Então acho que aos quarenta e dois anos, mais ou menos, para mais ou para menos, a maioria das mulheres aprende a transar, e eu acho que isso aconteceu comigo, lógico, facilitado pela separação também, eu tive um acréscimo, eu tive um “plus”, porque lógico, você de novo, tem que se arrumar, se enfeitar, pensar como é, como são os códigos para namorar, para paquerar de novo. Eu não sabia, eu lembro que a primeira vez que eu transei com outro homem depois do meu casamento eu tive medo de ser violentada, de ser feita em picadinho, quase assim entregue ao desconhecido total, entendeu, (riso), uma coisa assim bem dramática. Não precisava ser dramática, (riso), porque na verdade eu só ia ali transar, (riso), no fundo tinha uma coisa assim, meu Deus, eu vou correr um risco de vida! (riso), então assim eu acho que tem esse efeito, você ficar vinte e dois anos, casada... (Laura)

A maioria delas sentiu-se surpresa frente ao seu potencial/interesse sexual não antes explorado, como nos mostram os depoimentos de Rosa e Bárbara:

Eu aprendi muito com o Luis (ex-marido). Sim, eu achava que eu tinha aprendido tudo, mas depois que eu me separei, eu percebi que eu tenho um potencial enorme. Depois que eu tive esse relacionamento, depois de cinco anos de separada, eu me entrego a tudo, o que pintar eu vou fazer, para me conhecer mesmo. Então eu tenho..., acho que foi um crescimento muito bom, na hora que eu me descobri como mulher e tem sido cada vez melhor. (Rosa)

(...) quando separei passou a ser a minha questão e passou a ser um dos motivos da separação e aí eu ia falando e com o tempo esse assunto, sexo, passou a ser mais presente assim na nossa vida, sabe? De uma forma muito engraçada, com amigas que eu nunca falei isso, hoje a gente fala bastante, elas falam, e eu falo e às vezes a gente brinca, e era um assunto que não existia cada uma muito fechada na sua, apesar de serem amigas que compartilhavam até crises mais

graves. E depois que eu me separei esse assunto ficou bem mais freqüente (...) e começou uma transformação dentro de mim, um resgate de uma pessoa que eu não via há muito tempo. Do nada, ela vinha cada vez mais forte. Era impressionante aquilo! (Bárbara)

Outro aspecto da revisão do projeto feminino com reflexos na vida sexual refere-se ao momento do ciclo vital familiar, quando os filhos crescidos saem de casa. Algumas mulheres parecem sentir uma maior liberdade, que favorece a expansão da vivência sexual:

É muito legal transar numa casa onde no quarto ao lado não está o seu filho... (riso), eu tive um namorado (...) essa criatura trouxe outra casa, que não é um motel e os filhos dele não moravam nesta época com ele, então assim, poder ocupar esse quarto dessa casa, sem um filho, qualquer filho, sabe, porque não é meu filhinho, qualquer outra pessoa nesta casa e você poder gritar, falar, sair pelada pela casa, faz muita diferença! E isso é uma coisa que uma mulher casada tem mais dificuldade, é muito difícil, ou essa mulher coitada vai para um hotel de final de semana, que também tem uma restrição, acho que tem um afogamento no casamento. Um casal fica afogado pelo social. Então a casa de um casal sozinho é uma coisa, a casa de um casal com família é outra coisa, a sexualidade é outra. A sexualidade é algo restrito a um quarto, então você tem aí todo um encolhimento corporal, energético, dos sentidos, então assim, isso é muito forte. (Laura)

Nesse diálogo de Laura, podemos perceber que o “ninho vazio” pode favorecer a expansão da vivência sexual, liberando o espaço, antes dominado pela família e pelos filhos, agora só ao casal.

A indefinição das regras dos encontros amorosos aos casais mais velhos (Solomon, 1994) a princípio deixou Rosa confusa, mas ela pode permitir-se tomar a dianteira na escolha do local do segundo encontro e sentir-se *moderna*, o que pode ser interpretado como um início de agenciamento de sua sexualidade, favorecido pela revisão de crenças acerca de si mesma:

Ele falou: eu lhe convidei para um jantar, aí no próximo final de semana é você quem vai dar a idéia do que você quer fazer. Eu disse: tá bom, mas você me liga “né”? Porque depois do primeiro encontro, pelo amor de Deus, você tem que ligar para o cara!? Eu falei: vamos ver. No final da outra semana, ele ligou e falou: aí, o que você pensou? Eu falei três possibilidades, vou falar a que eu mais gosto: a gente passar o final de semana na praia. Meu pai tem um apartamento lá, não vai ninguém para lá, vamos para lá? Bem moderninha, “né”? (riso). (Rosa)

Outras crenças acerca do amor e do envelhecimento, que nos conduzem as observações de Solomon (1994), são expressas por Bárbara que descreve sua surpresa ao se perceber apaixonada na fase madura, na qual se encontra. É muito interessante observarmos as transformações de crenças e valores ocorrendo. Nesta última vinheta, Bárbara observa perplexa como computava o apaixonamento a algo típico da fase da juventude e percebe quanto o modelo de casamento tradicional dificultava a vivência dessas emoções na fase adulta:

(...) eu comecei a ficar naquela conversa e eu comecei a me sentir completamente louca, eu fiquei com sentimentos completamente adolescentes, a primeira vez que vêm esses sentimentos, olha que loucura você ficar casada tanto tempo, você fica adulta sem sentir mais a emoção..., é a primeira vez que você fica adulta, e sente. Você computa aquilo à juventude e não ao ser adulto, ao ser feminino. As emoções, os sentimentos, o coração batendo, é você sentir tudo, tudo, sentada na mesa de trabalho. E eu dizia assim: Meu Deus! Que loucura é essa! O coração disparado, o pé tremendo, o não sei quê, e uma conversa tão adolescente, um pensamento tão adolescente. Eu dava muita risada comigo mesmo. Como é que eu posso achar que eu controlo tudo desse jeito, eu não controlo “porra nenhuma”. Veio sem eu saber, numa hora que eu não estava preparada, eu estava aqui só achando engraçadinha a conversa, sem nenhuma intenção real de encontrar ele, só achando aquilo distraído como quem vê um filme na televisão, e aquele negócio começou a tomar conta de mim, tomar conta, tomar conta, e como eu não sou muito de..., o que vem eu me

jogo assim, eu não estava nem aí, sentindo e achando divertido sentir.
(Bárbara)

5.2.4 A maturidade - priorizando a si mesma

Outro aspecto observado nas entrevistas, relatado por quatro das cinco pesquisadas, foi o momento de maior maturidade emocional que vivenciaram após a crise do divórcio. Essa maturidade, favorecida pela idade e pela resolução da crise pós-divórcio, contribuiu ao movimento de expansão da vivência sexual:

(...) é muito diferente, na verdade é assim: é uma experiência totalmente inédita, como eu fiquei casada por vinte e um anos, na verdade eu nunca tinha tido vida adulta de verdade sem ser casada, se você for pensar uma pessoa de vinte e um anos, vinte e dois, não tem nenhuma condição ainda de ter segurança, de maturidade, ainda está começando..., por mais madura que eu fosse então é a primeira vez que eu fico solteira adulta! E isso é muito diferente, essa é a principal diferença, ser solteira adulta é uma novidade enorme (...) o resumo disso é: eu não sei se..., olhe a loucura que é a minha primeira experiência sexual adulta, eu falo adulta é adulta de verdade, madura, consciente, dona de mim, com minha auto-estima bem, sabe assim?
(Bárbara)

Podemos pensar que depois de terem cumprido com o *script* tradicional de cuidadoras da família, dos valores atrelados à sua manutenção e ao se deparar com suas limitações, essas mulheres sentiram-se mais liberadas para reinventar suas próprias regras.

Com os filhos crescidos e mais independentes, essas mulheres sentem-se mais livres, maduras e seguras, diferentes do modelo de mulher que foram enquanto casadas. Nas novas regras, elas experimentam um aspecto central, o priorizar-se e o cuidar de si. No aspecto específico da sexualidade, isso significa priorizar o próprio prazer. Podemos perceber isso nos relatos de Bárbara e Angela:

Eu falei para ele: eu estou completamente centrada nas minhas emoções e conectada com o meu prazer! (Bárbara)

No decorrer do tempo, na própria relação familiar e de casal foram acontecendo, foram acontecendo tantas coisas que desgastam qualquer relação e pela minha falta de maturidade, falta dele também claro, fomos deixando destruir, destruir, destruir e chegou uma hora que não dava mais. E o que eu vejo hoje em dia que é a tua pergunta é assim: é uma maturidade, é uma reconstrução de mim mesma, um resgate que eu fiz comigo e que eu resolvi virar gente, entendeu? (...) A maturidade, a maturidade sem dúvida nenhuma e assim, eu me permiti tirar uma coisa tão rígida que eu tenho dentro de mim.

Pesquisadora: - A maturidade ajudou, a terapia ajudou e você se permitiu?

Ah, sim! E assim, o fato de..., da separação em si, do retorno. Eu que..., a falta..., você entender que é uma coisa orgânica, a falta que você sentia, de repente você voltar e voltar de uma forma diferente, você se permitir uma coisa aqui, uma coisa ali. A falta, a falta!

Pesquisadora: - A “falta” teve esse papel de te soltar, de valorizar?

Também, também. Tudo a ver comigo mesma, é a maturidade, as vivências que a gente enxerga (...) eu gosto de prestar atenção em algumas coisas, você entendeu? E isso para mim, é um fator facilitador, porque, eu vou trabalhando comigo essas coisas. (Angela)

Nesta priorização do prazer, a mulher sai do lugar de objeto de desejo do outro, para o lugar de sujeito do próprio prazer. Nesta nova situação de agentes do próprio desejo, a culpa desaparece ou diminui sensivelmente. Mais importante ou tão importante quanto satisfazer o outro, é tirar satisfação da situação sexual. Com isso, aspectos que eram centrais para a mulher no modelo anterior, como os estereótipos de beleza e juventude, vão diminuindo de importância e aproximando-se dos modelos definidos como tipicamente masculinos. O transar apenas pelo prazer já faz parte do seu repertório, não é mais uma exclusividade masculina:

Tem outra dimensão, então se eu não tiver aquela “performance”, se eu não tiver aquele orgasmo, se eu não tiver aquela barriga de

tanquinho, eu não vou deixar de ser feliz, entendeu? Não vou deixar de gozar, não vou deixar de rir, não vou deixar de aproveitar, sabe?

Pesquisadora: - Parece que tem uma liberdade maior com a maturidade...

Enorme, que está em tudo e está na sexualidade também. Então, também se o casado, o "ficante", o não sei que "ante", levar quinze dias para aparecer, também não tem sofrimento. (Laura)

Laura aprendeu que, mais importante do que o clima externo, era estar em sintonia com seu corpo e com seu desejo, resultando em uma sexualidade com muito mais qualidade na maturidade:

No primeiro relacionamento, eu era zero! "né"? Muito difícil, era uma coisa complicada, um desastre, quase. Durante o casamento foi bom, mas eu sinto que a vida de separada, essa coisa da novidade e dessa responsabilidade sobre o prazer comigo mesmo, então assim, a frequência maior de me masturbar, a frequência maior de cuidar do meu corpo, não no sentido estético, porque eu nem faço esse padrão. Estou no sobrepeso, não é isso, não é o modelo, a figura da revista, não estou na capa da Nova.

É nesse sentido, é muito mais de me conhecer, de me perceber. De saber quando eu estou com desejo, quando eu realmente quero, quando eu realmente estou disponível. Isso aumentou muito a qualidade das relações sexuais no sentido orgasmo, ter prazer!

E ter vários orgasmos numa relação, porque eu estou mais cuidando de mim, do que cuidando do outro. Porque eu estou mais cuidando de aproveitar muito aquele momento, porque eu não sei quando vai ter outro. Então assim, isso me deu outra dimensão. Apesar de que eu nunca fui uma mulher sem orgasmo, durante todo o casamento, eu tive. Mas nem sempre era bom, às vezes ficavam faltando às velas, as flores e o violino, que não era nada disso! Era muito mais eu estar dentro do meu corpo, eu estar bem com o meu corpo, eu estar bem comigo mesma. Então eu acho que mudou, mudou bastante, faz diferença. Essa é outra experiência que vale a pena separar, (riso), é isso. (Laura)

O climatério, para algumas das nossas entrevistadas, coincidindo com esse momento de maior maturidade e pós-divórcio, não deixou de ser sentido com suas mudanças físicas e emocionais, mas um aspecto salientado foi que, ao contrário das expectativas, o desejo sexual, ao invés de diminuir, aumentou.

5.2.5 A menopausa e o desejo sexual

Pesquisadora: - Você sentiu alguma mudança com a menopausa?

Uma diferença orgânica que eu senti por causa da menopausa é o ressecamento do canal da vagina, e essa coisa que nunca foi desse jeito, “né”? Muito difícil mesmo para a penetração. Mas correu tudo bem, de lá para cá só alegria, “né”?(...) Eu não sei se foi coincidência com o meu momento de descoberta, eu hoje acho que sou uma pessoa que tem muito mais vontade, sinto muito mais falta da relação sexual do que antes. Porque teve uma época, os cinco primeiros anos que eu fiquei separada, eu sublimei, fui fazer tapeçaria, fui fazer um monte de coisa para canalizar aquela energia e depois disso..., coincidiu com a minha menopausa, climatério, se houve alguma mudança foi para melhor. (Rosa)

Pesquisadora - Então você não sentiu nenhuma mudança física nem psicológica?

“Ahhh”, não, senti, senti, física e psicológica! Assim, quando eu comecei a “menopausar”, quando faltaram as primeiras menstruações, eu fiquei muito mal, fiquei muito mal, tinha calores, tinha insônia, meu sono é mais leve até hoje, foi nesse momento que eu terminei meu namoro de cinco anos, porque eu olhava para aquele namoro e via que eu não tinha um companheiro, e eu estava ali me enganando, aquele homem não ia se tornar, não ia conversar comigo... Foi um ano difícil, foi um ano em que eu..., não foi um ano, foram assim uns seis meses em que eu sentia que o meu corpo estava mudando, muito, muito. Eu tinha a impressão de que ia acontecer um desastre, que eu ia ter uma doença, eu achava que ia ter uma doença, na verdade eu estava dentro do vulcão da menopausa, eu tinha insônia, eu tive essa inquietude de saber de meus projetos, eu tive vontade de ter clareza, o que eu queria de ali até morrer (...). Meu Deus eu tenho que ver, tenho

que enxergar o que eu vou fazer comigo. Então naquele momento eu fiquei bem confusa, bem enrolada. (...) eu acho que eu vivi intensamente a crise de uma grande TPM, menopausa, minhas mudanças. Então não acho que nenhuma mulher vai passar barato por aí, não (...). É, então estou “menopausando”, o que não diminuiu absolutamente o meu desejo. (Laura)

Tinha época que eu não tinha a mínima, tinha não, tem ainda, que eu não tenho vontade. E de certa forma, ele respeita, de outra certa forma, eu faço, às vezes, coisas que eu também não estou afim porque eu acho uma sacanagem. Então todo esse entendimento eu acho legal. Não é que eu estou me corrompendo, ele está sendo sacana, não, não é nada disso. Eu acho que é um consenso de cada cabeça, claro. Entendeu? Mas, nossa, mexe profundamente com a sexualidade porque eu, tanto que isso foi levado para o meu ginecologista. Ele me passou medicação para ver se melhorava a libido, essas coisas e... (Angela)

Não, eu acho que melhorou, pelo menos do meu lado! A minha procura, talvez porque na menopausa, você já esteja tranqüila com outras questões da vida, diferente, “né”? Então você se vê mais a você própria, os filhos já encaminhados, criados nunca estão. (Penélope)

Se vier e eu ficar encucada com isso, eu vou ser a primeira, a saber: menopausa, menopausa, socorro, socorro, socorro! Mas eu a princípio..., a sensação que eu tenho é que ela vai vir, mas eu não vou querer saber muito dela não. Talvez por isso ela não me traga nenhum transtorno físico mais chato... (Bárbara)

Podemos concluir que a vivência do climatério é diferente em cada mulher e apesar das mudanças fisiológicas previsíveis, os aspectos psicológicos podem tornar os transtornos físicos irrelevantes. O mais importante nesse momento, é saber o quanto a mulher está madura, do ponto de vista emocional, para lidar com as adaptações necessárias nesse momento do seu ciclo vital.

Concordamos com a visão de Laumann, Paik e Rosen (1999), quando argumentam que, após a menopausa e andropausa, as pessoas sentem-se mais livres para

ter relações sexuais com mais prazer, porque não têm mais preocupações com a gravidez e, em geral, têm mais tempo para dedicar-se inteiramente ao parceiro e ao próprio prazer.

Mas, isso só pode acontecer, na medida em que as crenças acerca da feminilidade que concebem a sexualidade feminina voltada à procriação são revistas e a perda do potencial procriador conduzindo as mulheres à perda do desejo sexual, questionado. Observamos que a disponibilidade interna para se conhecerem e se descobrirem na área sexual superou nessas mulheres, não só os preconceitos sociais, mas também os incômodos trazidos pelas vicissitudes do climatério.

5.3 TERCEIRO EIXO - OS COMPORTAMENTOS ATUAIS E EXPECTATIVAS FUTURAS

O maior interesse/desejo sexual de muitas mulheres na maturidade depara-se com a limitação do número de parceiros disponíveis. Nesse terceiro eixo de análise, foram abordados os comportamentos atuais, as soluções encontradas pelas entrevistadas para manterem-se sexualmente ativas após o divórcio e as expectativas futuras.

Tudo que não fizeram num primeiro momento, durante sua adolescência e casamento, puderam fazer após a crise disparada pelo divórcio. Mulheres que foram expostas aos valores da contracultura, mas que permaneceram conduzidas por valores tradicionais acerca do casamento e do papel social feminino, não os sustentam mais pós-divórcio. Mais flexíveis emocionalmente, com uma concepção de si, menos atrelada a convenções sociais estreitas, ultrapassam as múltiplas crises (divórcio, envelhecimento físico, menopausa, saída dos filhos de casa) e se permitem mais autonomia, assumindo a autoria da própria vida e o prazer de serem *donas de si mesmas*.

5.3.1 O assumir da responsabilidade pelo próprio prazer

Muitas mulheres, quando na falta de um parceiro sexual têm a possibilidade de manterem-se sexualmente ativas e no processo de redescobrimto sexual, utilizam-se da masturbação. Muitas, não recorriam a esta prática por preconceito, quando casadas,

ou por acreditarem que o marido fosse o único responsável pelo seu prazer, ou falta dele. Mas, após o divórcio, na falta de alternativas, descubrem o caminho à auto-satisfação. Essa prática, uma vez experimentada, pode manter-se como mais um recurso que enriquece a vida sexual *solo* ou a dois, tanto no sexo presencial como no virtual:

O povo “dizia”, você está bonita com o olho brilhando...

Eu estou apaixonada, não quer dizer que estou amando ou sendo amada.

O povo falava: você está namorando!

Eu ria. Como eu ia explicar que eu não estava namorando, eu estou apaixonada, isso me basta, é tão “doida” essa questão sexual.

Claro que eu quero ele, eu ainda quero, mas talvez o processo seja maior eu comigo mesma, minha viagem, minha curtição é maior do que o fato em si dele, entendeu?

Por isso que eu proroguei tanto. Cada vez que eu faço isso com ele (sexo pela internet), imagina, eu comprei um vibrador, eu consegui gozar um dia só de falar! Só de ouvir a voz dele, eu sentia tudo, emoção prazer, coração batendo, tudo, tudo, tudo.

Como eu vou jogar isso fora? Eu curtir essa história toda. Ela foi prorrogada um pouco por ele e um pouco por mim, é difícil para as pessoas entenderem. Eu sou a “tarada” da internet, não posso falar essa maluquice para todo mundo (risos). Essa história não é dele, é minha, é nossa, e tem uma parte que é minha. Eu senti que precisava dizer “não” para ele uma vez, mas se eu chegar para ele e disser hoje, se eu tiver afim e tiver “tarada” de noite e ele estiver lá, eu jogo fora tudo que eu falei e fico com a minha sexualidade, entendeu? Na hora, porque eu sei que esse cara não vem, mas eu resolvo, “ok”, mesmo assim eu quero. Eu fico com a sexualidade, muito doido. (Bárbara)

Na masturbação, ou na procura de alguém para transar, evidencia-se uma postura ativa, tradicionalmente identificada como masculina e pouco valorizada nas mulheres, em relação ao aspecto sexual:

Eu dizia: você não entendeu nada. Eu não sei da onde vieram essas palavras. Agora eu estou pronta, agora eu estou lhe esperando, agora eu estou com “tesão”. Amanhã eu não sei o que é que eu quero, e eu não vou almoçar com você (...) um dia ele tomou coragem e me

perguntou se eu estava chateada, eu disse: de jeito nenhum, ele só tinha me feito bem. Depois disso não tinha mais volta, era um processo meu, que não tinha mais volta e tinha uma parte que eu adorava isso que estava acontecendo. E eu dizia que ele só tinha me feito bem. E essa história continuou... (Bárbara)

Experimentando assumir a responsabilidade pelo próprio prazer, independente dos meios, as mulheres resgatam uma parte importante de si mesmas e se reconhecem como seres sexuais:

(...) você não pode querer ficar estimulada sexualmente pela paixão, ela não fica. Hoje eu acho diferente, o que tem que nos estimular sexualmente é a gente mesmo. Não tem que ser o outro. E o engraçado é que eu tenho falado isso para as minhas amigas casadas que têm problemas: não tenho que esperar o cara que entra ali todo dia, que o casamento está na rotina, entrar, eu olhar para ele e dizer assim: aí que vontade de transar com ele, não. Eu tenho que eu sozinha, falar assim: aí que vontade de transar, aí que bom tem um aqui, meu marido, está fácil, está na mão, vamos, eu acho que é uma coisa da gente com a gente. E eu computava isso ao outro (...) mas hoje eu acho que é diferente. Se eu tivesse uma relação hoje mais fixa, eu iria tentar dissociar o sexo da paixão. Eu faria da sexualidade uma coisa mais minha, mais individual, tanto que pela primeira vez eu fui experimentar isso, fui em “*sex shop*”, falar com minhas amigas sobre isso, li sobre isso, comprei vibrador, independente do outro que vem. Vem outro que é só para transar, outro com paixão, outro com prazer, eu me masturbando sozinha, na internet. Tem um elemento comum aí que sou eu, sozinha, eu me masturbando, eu com namorado, eu na internet, eu tenho que me achar nisso aí. (Bárbara)

Laura não projeta mais suas carências no companheiro, nem acredita que cabe a ele resolvê-las e nos conta como esse aprendizado aconteceu, em parte pelo processo psicoterapêutico, em parte facilitado pelo divórcio:

(...) porque quando você passa vinte e dois anos casada, você começa a culpar o outro, você começa a projetar no outro, não tem análise,

nem terapia, porque eu faço a vinte anos, que dê conta de você libertar o outro ser que está a seu lado totalmente, você acaba jogando nele suas frustrações, então quando você se separa, você joga muito menos no namorado, no “ficante”, no “paquerante”, entendeu? Você vai viver a sua sexualidade por você, não é bem pelo outro, “né”?

Pesquisadora: - Você acha que você se responsabiliza mais pela sua sexualidade?

Muito mais, totalmente! Acho que é o grande ganho, se você me perguntar, o que foi de muito bom em ter se separado, no quesito sexualidade: eu sou a responsável pelo meu prazer!

Pesquisadora: - Interessante.

Ou me masturbando, ou transando, ou procurando alguém para transar, entendeu? Ou caçando e saindo para fazer isso que não é muito meu hábito. (Laura)

É importante observar que a maioria das entrevistadas utilizou-se de diferentes estratégias em diferentes momentos do seu processo de *reinvenção sexual*.

Angela descobriu que seu ex-marido, apesar de muitos “defeitos”, tinha inúmeras qualidades e realmente gostava dela, o que a fez reinvestir num novo modelo de relacionamento com o mesmo homem. Penélope sente que sua idade é um empecilho, mas não deixa de ter os sonhos mais róseos e de viver seus casos de viagem. Laura terminou sua última relação ao perceber que seu ex-namorado não seria esse companheiro que sabe conversar e agora sai com seus “ficantes”. Rosa não suportou ficar na final da lista da agenda de compromissos de seu último relacionamento e rompeu o namoro porque agora ela quer mais para si mesma. Enquanto, o novo companheiro não aparece, essas mulheres vão encontrando alternativas para seguirem conhecendo-se sexualmente.

5.3.2 O conhecer novas pessoas por intermédio de amigos

O modo mais habitual de encontros amorosos apareceu nas histórias de Laura e Rosa, ambas foram apresentadas ou conheceram futuros namorados por meio de amigos em comum:

E no final do ano agora, já fazia um ano e tanto que eu estava sem me relacionar com ninguém, eu conheci, conheci não, encontrei o Pedro. O Pedro eu conheço há três anos (...). Ele é tio da minha nora, que casou com meu filho. E a gente se conheceu no casamento deles (...) a gente dançou muito, brincou muito, riu muito. Foi uma delícia, de lá para cá a gente continua se encontrando nas festinhas de família, e o engraçado é que eu sentia certo interesse para saber dele (...). Aí a "sobrinhada" toda forçando ele a vir falar comigo, empurrando sabe, querendo aproximar, a família inteira, e a gente acabou conversando um pouco nesse dia. Ele estava mal, bem mal mesmo, aí ele me convidou para um jantar. (Rosa)

Eu mantive um padrão, eu sempre fui apresentada a pessoas possíveis. Alguém diz assim: poxa Laura, conheço “fulaninho de tal”, que é muito legal, você não quer conhecer, não? Eu digo assim: quero..., entendeu? Eu não tenho esse pré-conceito. Já aconteceu de encontrar “fulaninho de tal” e não ter nada a ver comigo, uma vez um casal de amigos me levou para conhecer um primo dela, aí o cara foi lá, lindo e cheiroso, arrumado. Eu também fui toda linda e cheirosa e jantamos, conversamos, conversamos e não deu em nada, não tinha química nenhuma, “tchau, tchau”, cada um deu seu telefone, mas não aconteceu nada. Esse padrão já era o meu. (Laura)

5.3.5 Os homens casados: a estirpe mais facilmente encontrada

Três das entrevistadas, Rosa, Laura e Bárbara mantiveram por algum tempo, um relacionamento com um homem casado. Todas relataram essa experiência como tendo sido importante ao processo de auto-descoberta sexual. Rosa, no princípio relutou, mas depois se apaixonou e chegou a ter esperanças que ele rompesse o casamento:

E depois conheci uma pessoa que nem estava aberta para relacionamento nenhum, nem nada, mas aconteceu, e aí foi uma pessoa fundamental para o resgate da minha sexualidade, da minha

valorização, eu me sentir mulher novamente. (...) Fiquei apaixonada, foi uma paixão cega! Então eu me abri, eu ganhei muito, foi muito melhor. Embora eu não tivesse tido tantos orgasmos ou mais, a relação, a entrega, a cumplicidade foi assim uma coisa fora desse mundo, que eu não imaginava que pudesse acontecer. (Rosa)

Rosa segue contando sobre o processo de ressignificação de valores que vivenciou ao se permitir ter essa experiência com um homem casado:

O casamento não ia bem e eu pensava: o casamento não vai bem porque o nenê está com oito meses e a mãe deve estar amamentando, deve estar se sentindo..., mas a gente começou a conversar muito, ter muita intimidade na conversa, e eu acabei antes esse processo de fisioterapia, e no dia que eu fui me despedir da turma toda, levei bombom para todo mundo, aí ele pegou e me deu o cartão. O que significa isso? Na minha cabeça rígida, “né”? Mas aí, o que aconteceu, ele continuou lá, descobriu meu telefone, era próximo do meu aniversário, ele deu uma ligada (...) eu tinha uma amiga que falava assim: Rosa, quando um cara, não importa se ele é casado ou não, quando ele se interessa por mim, eu vou “tirar a limpo”. Eu pensei, eu vou “tirar a limpo” com esse cara, eu vou ver aonde ele vai chegar! “Puts”, não prestou! Aí foi uma paixão avassaladora dos dois lados, “né”? Conclusão, ele não se separou, ele ainda acha que vai se separar, tem muita coisa aí, eu também fiquei vinte e quatro anos casada por conta dos meus filhos, então eu entendo um pouco a questão dele, mas eu me separei dele, me afastei (...) A gente se separou, voltou, se separou, voltou. Esse tempo ao todo, agora tem dois anos que eu não o vejo, mas ele manda bastante e-mail para mim, quase que cotidianamente. (Rosa)

Laura tinha a clareza que a relação era apenas sexual para ambas as partes, e que passado o momento da curiosidade inicial por uma pessoa diferente, o caso terminaria.

Com esse comportamento, Laura rompe com um importante padrão atribuído ao feminino: ao desvincular o prazer sexual da busca amorosa e do apaixonamento, subverte a lógica machista de que as mulheres têm menos necessidade sexual do que os

homens e que raramente experimentam a sexualidade como algo satisfatório quando desvinculada do romance:

É isso, tem um “ficante”, nesse momento, infelizmente, ele é casado e isso não me agrada, mas essa é uma estirpe muito fácil de você conseguir. Tem um grupo que me enoja, que aquele que diz assim: eu estou mal com a minha mulher. Eu já não quero esse cara, porque ele está mentindo! Ele não está mal com a mulher dele, está curioso para saber como é transar comigo! Então neste momento eu consegui encontrar um “cara de pau” que é honesto, e a honestidade dele me pegou. E nesse momento me pegou sem um namorado mesmo. Porque é assim, desde que eu me separei nesses sete anos, e quando eu estava namorando, apareceram muitos casados, muitos. O fato de não ser, de não estar casada..., abriu assim, muitos convites, e de quarenta e dois anos para cá, também. Não sei se era o fato de ser separada...

Pesquisadora:- E o que você espera dessa relação?

Nada, só transar. Que coisa horrível, "né", transar (riso)!

Porque talvez passe essa fase, essa curiosidade dele por outra mulher e ele possa retomar e ver, o valor que tem mesmo aí outra construção, que é a família, os filhos, em viver a sexualidade também com a mulher dele... eu acredito que possa ser bom, que pode fazer um bem, eu acredito que isso é possível, é realmente possível. (Laura)

Bárbara tenta encontrar uma teoria para explicar porque os homens casados são uma das alternativas mais facilmente encontradas:

Porque é complicado achar homens hoje que não sejam casados? Acho que os homens que fazem cinquenta..., porque mais novo não tem, solteiro não tem, ou é doido ou é problemático.

O que está separado, ele está como a gente, pior ainda, porque é homem, querendo namorar, se sentindo potente porque saiu daquela relação, se sentindo carente porque com certeza estava uma “bosta”, sexualmente falando, querendo arrumar uma menina mais nova, pois ele tem a sensação que são os últimos anos da potência dele, porque o homem tem a questão da ereção, ele quer aproveitar aquilo, ele quer o sexo, que era isso que ele não tinha no casamento. (Bárbara)

Bárbara levanta uma diferença interessante em relação às mulheres solteiras de trinta anos. Essas mulheres que ainda não experimentaram o modelo de casamento tradicional encontram-se ansiosas para “encontrar um marido”. Elas representam a fatia de mercado mais interessante e mais interessada nos homens separados:

Eles querem as meninas, uns não são homens, são "bichas" ou loucos, só sobram os casados ou separados, os separados não vão namorar com mulheres de quarenta e poucos, estes vão lá para as de trinta, no máximo, as de trinta estão loucas por um homem de cinquenta, estável, até porque muitas não casaram, se não casaram, elas querem mesmo a experiência com o homem mais maduro, não estão nem aí para isso.

Aí, o homem casado, ele olha para a mulher da mesma idade da mulher dele, mais bonita, mais cuidada, mais viva, mais alegre, mais independente, é separada, domina sua vida própria, rola um interesse, porque ele está de “saco cheio” daquela mulher lá de “pijão” em casa, entendeu? Ele te olha com interesse, ele te acha atraente em relação ao que ele tem. Então é o homem casado! (...) Isso perturba algumas mulheres casadas porque a gente quer ter o conceito que é a mulher que é safada quando o cara trai, e eu digo para minhas amigas: a mulher não tem nada a ver com isso, se o cara está traindo, o problema é dele, é ele que tem uma mulher. Essa é a imagem que eu passo para minhas amigas hoje, algumas ficam um pouco assustadas com essa história, porque não estão ouvindo de qualquer uma, estão ouvindo de mim que conhecem e tudo, sabem referências, e que elas confiam e não tem como me tachar de “louca, safada, puta”, entendeu? (...) esse meu amigo “fofo” que eu transei, que foi uma delícia, que é casado, tudo bem para mim ele ser casado, eu não quero ficar com ele, eu não conheço a mulher dele, eu conheço ele desde que a gente tem doze anos de idade, eu não tenho nenhum problema com isso. (Bárbara)

Com menores opções dentro do “mercado matrimonial”, as mulheres mais velhas estão tendo que buscar alternativas mais criativas. Além disso, podemos pensar que as mulheres que viveram a experiência do casamento tradicional, cumprindo com o

script social, não desejam mais constituir uma família, querem experimentar novos aspectos da sexualidade que não viveram, como por exemplo, a variação de parceiros, pois a maioria delas teve um ou poucos parceiros sexuais antes de se divorciarem.

Pensando na frequência alta das relações extraconjugais nos dias de hoje, seja entre homens ou mulheres casadas, Hime (2004) observa que este pode ser um sinal de que o casamento não está suportando tantas demandas. Nos dias de hoje, “... além disso, o homem casado pode ser uma escolha amorosa ou sexual para a mulher de qualquer estado civil” (2004, p.133).

5.3.4 O namoro com o ex-marido

Algumas vezes, o que é reinventado é a própria relação do casamento, mantendo o parceiro, o que muda, é o modo de se relacionar. O viver em casas separadas pode, inclusive, contribuir para a diminuição do estresse da convivência diária. Nessa situação, conservam-se alguns aspectos do casamento, mas também se resgatam outros que se aproximam mais de um namoro:

É assim, pelo próprio..., determinação dele, amor, afetividade, sabe..., entrega demais, isso foi me fazendo voltar, a querer estar novamente nesta relação, que querendo ou não é um homem que eu conheço profundamente. (...) E, sabe toda essa dor aí, quando eu aprendi que eu podia lidar muito bem com isso, e a culpa não era minha, a culpa era nossa, da nossa relação. Do próprio desgaste, da própria imaturidade de ambos, aí foi legal, daí foi uma coisa, foi a tal da tentativa de retorno. É isso. Ele mora em São Paulo e eu moro aqui. Ninguém mora mais junto (...). A gente se dá muito bem, a gente viaja muito, sabe... Mas, assim..., tá bom. Ele lá e eu aqui. Ele ronca quando dorme, isso me incomoda muito. Então, parece uma coisa tão boba, mas não é. Então chega fim de semana eu me preparo psicologicamente para o meu não dormir, para o meu descansar de outras formas, para a gente fazer..., e assim para eu me entregar o tanto que ele quer da forma melhor possível e eu faço do lugar onde a gente está o melhor lugar do mundo. (Angela)

No caso de Angela mantendo-se a fidelidade conjugal como fator primordial, ela e o ex-marido propuseram-se a experimentar esse novo jeito de se relacionar, em casas separadas e em viagens de final de semana. Prepararam-se para os encontros amorosos reinvestindo no aspecto da conquista e do prazer sexual. Ela reconhece os ganhos deste novo modelo, mas não descarta a possibilidade de novas mudanças num momento futuro.

O que podemos concluir até o momento, é que depois dos anos 1970 surgiram maiores possibilidade de escolhas e com isso aumentou a complexidade para se estabelecer nos relacionamentos, o que é o *certo* e o *melhor*. Cada casal pode, a partir de então, buscar estabelecer suas próprias regras com maior flexibilidade.

5.3.5 Os homens mais jovens

Esse é outro aspecto que questiona a ordem de gênero tradicional (Connell, 2002), pois põe por terra a hierarquia de poderes entre os gêneros. Tradicionalmente, é mais adequado que o homem seja mais velho do que a mulher na relação, o que por si só reforçaria a hierarquia entre eles. Quando mulheres mais velhas se relacionam com homens mais jovens, geralmente elas têm mais poder financeiro e social do que eles:

É, mas eu tive um romance com um jovem, muito jovem. Nossa! Aquilo era um sexo, chegava do animal ao anjo, sabe? Do divino..., como é que a gente fala Dionísio, “né”? E o oposto de Dionísio, diga aí? (...) Bom, essa coisa foi um espetáculo, aí eu vi o que era realmente o sexo, com muito ciúme (...) porque Fabinho era um “pé rapado”, jovem, o que se espera “né”? Não teve tempo de..., hoje ele está até bem mais ou menos de vida, eu acho que está ainda (...) ele era assim, ele tinha ciúmes, ele tinha aquele tempero! Pimenta, sabe? (Penélope)

O que se observa nesses casos é que as mulheres experimentam muito prazer sexual nas relações com homens mais novos. Normalmente, relatam sentir “um tempero” diferente e especial. Podemos cogitar que gostem da sensação de poder, que, muitas vezes, a maturidade e a situação hierárquica propiciam neste tipo de relação, embora possamos considerar que com essas experimentações, homens e mulheres

podem sair enriquecidos. As mulheres se experimentam como seres “desejantes” e os homens como “desejados”, de um ângulo diferente do habitual, pois nessas relações o que normalmente está em jogo é o poder de atração física do homem e não a sua capacidade de ser provedor.

5.3.6 Os casos passageiros e romances de viagem

Nessa estratégia, evidenciam-se mudanças no comportamento, porém convivendo com um entorno social que não avança na mesma velocidade, muitas vezes para não entrar em conflito com o meio em que vivem, essas mulheres experimentam aventuras amorosas com homens fora do *padrão*, em silêncio, ou com uma determinada distância, como nos romances de viagem:

Eu atraio! Não sei por que, eu falo. Não é Papai Noel! (riso), “né”? É. No Nepal eu entro numa loja com duas amigas, o vendedor..., o dono da loja, “né”? Tem até foto dele aí. Cismou comigo! E bem mais novo, e ele queria saber a minha idade! E eu falei, mas eu sou muito mais velha que você. Mais quanto? Muito, mas muito mais! (riso). Eu me mato de rir comigo mesmo, e acabou dando um romance com nós dois, sabe? É. Com o árabe, eu sabia que era uma coisa assim de viagem mesmo, (riso). Ele não beija a boca, será que são todos? Eu acho que aí tem alguma coisa de religião. Vou procurar no Google. Tive também um namorado cearense, fantástico também, mas ele era muito homem, não é para qualquer mulher ficar com ele, horas fazendo sexo... (Penélope)

Pesquisadora: - No caso de não haver um novo relacionamento, como você encaminha suas necessidades afetivo-sexuais?

Todas as possibilidades, isso é real, acaba uma possibilidade, eu quero ter outra. (...) Eu saí com um amigo, da escola, um amigo “fofo”, ele era apaixonado por mim, ele queria um “presente” com trinta anos de atraso. Eu falei tá bom, venha que eu lhe dou esse “presente”. Eu não tinha nenhuma atração por ele. Eu tenho carinho por ele, eu confio nele. Eu vou sair, eu vou beber, na verdade foi o primeiro que eu transei depois do casamento, foi uma delícia. Fui segura e tranquila e

madura e ao mesmo tempo, “tchau”, larguei ele lá dormindo e fui para minha casa dormir (...) e tem um cara que eu encontrei que é da minha cidade, que quer sair comigo, ele me chamou pela internet, deixei a porta aberta, no momento é muito mais fácil essas referências do passado, do que futuros. Tem outro cara que eu namorei, muito legal, que eu reencontrei no *Facebook* e que mora no interior de São Paulo e me ligou esse dias e quer sair comigo e manda uma mensagem de vez em quando assim, pode ser só se ver, ex-colega, sabe assim, mas sei lá, os homens que estão todos com quarenta e oito , cinquenta anos, estão também com suas crises aí, também estão querendo reencontrar com suas histórias, entendeu? Às vezes são mais fáceis essas histórias do passado, começar com elas, depois provavelmente abre para uma coisa mais nova. Eu deixo aberto, esse “monte de portinhas”, quando uma já fechou, já deu o que tinha que dar..., não tem que ser todo dia e toda hora, basta ter alguma expectativa neste momento para eu ficar mais viva, para não me perder disso agora. Eu deixo a expectativa aberta, qualquer uma que seja. (Bárbara)

Fica implícito na fala de Penélope e principalmente na de Bárbara, que o mais importante é manter a chama erótica acesa, ou as “portinhas abertas”. Nessa emergência de novos valores, vão surgindo modos mais pessoais de moralidade.

Por meio destes comportamentos, as mulheres da nossa pesquisa estão se permitindo ter variedade de experiências sexuais desvinculadas de uma continuidade.

Como percebeu Hime (2004) nas suas entrevistadas, “a parceria na vivência da sexualidade é fundamental, mas pode vincular-se ou não ao relacionamento conjugal” (p. 132, 2004). Estes comportamentos seriam condenáveis na moralidade tradicional. Podemos com isso afirmar, mais uma vez, o quanto essas mulheres, mesmo que de forma discreta, estão sendo inovadoras ao libertarem-se de seus padrões anteriores de moralidade e comportamento.

5.3.7 A internet e as redes sociais como ponto de encontro

A *internet* e as redes sociais, principalmente o *Facebook*, tiveram um papel importante nessa revolução silenciosa que as mulheres estão vivendo. Sentindo-se

protegidas atrás da tela do computador, elas puderam fazer contato com colegas do passado, reencontrar antigos namorados e mesmo fazer sexo virtual:

Tem *internet*, sabe? Você começa a se proteger atrás de uma tela de computador, que isso eu acho que para mim foi favorável, não sei, muitas pessoas que entram dentro daquilo, ficam dentro daquilo e esquece-se de viver o lá fora, eu fiz isso um tempo, sabe. Você começa a descobrir que o teu mundo não é aquele quadrado mísero em que você se instala... (Angela)

(...) eu chegava em casa meia noite, uma da manhã todo dia, com a cabeça muito pilhada e aí eu comecei a ligar o *Facebook* para poder entrar num assunto que era completamente fútil, assim nada a ver com o que eu fazia para poder me distrair e desligar, para dormir (...) eu vi que ele estava praticamente *online* e respondi: e pelo jeito é notívago também, porque uma e pouco da manhã (...) mas eu totalmente destreinada, desavisada do que era aquilo, não sabia se era interesse profissional ou o quê, era bem engraçado. Eu me lembro que um dia então eu peguei uma conversa e “salvei” a conversa e liguei para minha irmã e perguntei: venha cá, vou mostrar isso para você me dizer se é paquera, e ela ria muito e me dizia: “minha filha, óbvio que isso é paquera”, porque realmente eu tenho dúvidas, que conversa é essa aqui, porque que estava engraçada estava, (riso). (Bárbara)

Bárbara surpreendeu-se com as possibilidades deste recurso de contato e foi aprendendo sua linguagem própria:

(...) e aí começou uma coisa estranha, eu fico *online* muito e ele também. E não necessariamente eu sabia se estando “verdinho” ali eu tinha que dizer “Oi”. Nem ele tinha que dizer “Oi”. Parecia que você tinha transado com um cara à noite e no outro dia não se falaram. Ao mesmo tempo falar era uma invasão: quem disse que agora sempre que um ligar o computador sabe lá onde ele está, sei lá onde eu estou, tem que dizer “Oi”?

Então tinha uns códigos dessa coisa de *internet* que eu não conhecia nem um pingo, não sabia como fazer aquilo. Às vezes ele entrava, eu desligava e saía. (Bárbara)

Bárbara foi gostando do que começou como uma brincadeira e foi se transformando em algo importante. Essa experiência lhe ajudou no agenciamento da sua sexualidade:

Um dia eu peguei esse *Facebook* então, uma coisa que eu nunca fiz que nunca fosse minha cara, todo mundo que fazia era muito estranho e aí eu escrevi ali naquele lugar que você coloca alguma coisa que você está pensando, que eu nunca colocava nada, meu *Facebook* era uma pagininha sem nada escrito quase, aí eu botei ali: razão é bom, mas emoção também. (...) Nossa linguagem era sempre essa, *Facebook* e era sempre no *chat* (...). O poder dessa linguagem escrita e dessa coisa da *internet*. Essa instantaneidade, foi uma surpresa para mim, foi um negócio louco que foi tomando conta da minha vida, sem eu ter a mínima idéia do que era aquilo (...). Nessa linguagem da *internet*, tudo tem sentido, às vezes a gente se engana, mas o tempo que digita, o tempo do silêncio entre uma palavra e outra, as exclamações, os três pontinhos que você escreve, com o tempo, ainda mais quando é com uma pessoa só, aquilo vai virando códigos, e você sente tudo, sabe, eu sentia os silêncios dele, as pausas. (Bárbara)

Ocorreu uma metamorfose, que começou de forma mental e foi crescendo emocional e sexualmente. O que era tido como próprio da fase da adolescência, reapareceu em uma intensidade tal, que tirou Bárbara do seu autocontrole habitual:

Enquanto foi aquela história mental, enquanto a emoção me pegou desprevenida, eu me sentia adolescente, eu encarei e eu fui indo. Mas quando eu imaginava que aquilo poderia se concretizar de alguma forma, completamente impossível, eu imaginava aquilo. Ele chegou a dizer algumas vezes: vou aí..., eu falava: não, não, ainda não. Essa conversa foi ficando muito quente sexualmente mesmo, muito delicada, muito apaixonada.

Pesquisadora: - Vocês acabaram não se encontrando?

Não. (Bárbara)

Bárbara permitiu-se algo inédito, um prazer intenso numa relação nada convencional:

De noite, ele me chama e começa uma conversa deliciosa, um sexo delicioso, é um sexo muito maluco na *internet*, nunca tinha visto um negócio desses, absolutamente interessante, doido, uma mistura de palavras com telefone, às vezes você ouve, às vezes você escreve, sabe assim? Era uma loucura, a gente fazia sexo direto pela *internet* de noite! Tudo isso virou um jogo, uma brincadeira doida, até que uma hora, eu resolvi depois do carnaval, que eu não ia mais problematizar, não iria falar de besteira nenhuma, de relação, de emoção, de sentimento da gente, nada, porque não existia e eu tinha que falar disso e comecei a ficar assim, eu fui ficando meio explícita de ligar para ele e dizer estou com saudade, eu comecei a ligar a *internet* e o chamar para fazer sexo e acabou, ele nunca aceitou essa postura! Fico assim, dizendo assim: é só isso Márcio, vamos fazer isso! (Bárbara)

Bárbara assume a dianteira neste processo, tendo uma atitude bastante ativa e direta, enquanto para seu parceiro era confuso o tipo de relação que estavam vivendo, ela resolve desvincular o prazer que estava sentindo de uma possibilidade de encontro ao vivo ou de um compromisso de namoro:

E ele fala: Não! Ele me liga no meio da noite querendo me ver, dizendo que é de verdade. Eu coloco todas as possibilidades do mundo. Eu digo, Márcio eu estou excitada eu quero fazer sexo agora aqui pela *internet*.

Ele continua dizendo: eu quero você. Mas ele não vem...

Ele falava tantas vezes isso, eu comecei a tratar como uma fantasia na *internet*. Deixando ele cem por cento à vontade para ele viver isso assim, o tempo todo à vontade para viver isso *online*. E ele insiste que não é *online*, até que dessa última vez eu disse: me liga agora! E a gente de novo faz sexo pelo telefone. (Bárbara)

A *internet* surgiu não somente como uma ferramenta importante à ampliação do contato social, mas borrou as desigualdades de gênero ao facilitar às mulheres encontros sexuais virtuais. Há algumas décadas, antes da chegada da internet, os homens podiam freqüentar bordeis, casas de massagem ou utilizar o disque sexo, para as mulheres essas possibilidades eram quase inexistentes. Hoje, com os computadores domésticos, *laptops* com câmera e celulares à mão, é fácil entrar em salas de bate-papo, *sites* de encontros e até ter relações sexuais virtuais com pessoas de qualquer lugar do mundo. A *internet* contribuiu significativamente para a geração de novos meios de relacionamento em nossos dias.

5.3.8 As expectativas em relação ao futuro

Questionadas sobre as expectativas em relação ao futuro, o aspecto profissional foi referido como um aspecto central, muitas delas envolvidas com novos projetos que dizem respeito ao ensino, ao transmitir experiências, ao lado do cuidar de si, da saúde e das pessoas queridas:

Conclusão, o que eu espero profissionalmente, eu vim tão humilde do doutorado, (riso), fiz o doutorado em dezembro de 2004, em janeiro de 2005, eu estava procurando aqui uma ONG, uma instituição, para alfabetizar adultos, não consegui até hoje, fui para computador, mandei mensagens, abri minha caixa postal, aí me ofereceram para dar aula nas Malvinas (...) então eu queria isso, eu queria dar aulas tanto para esses miseráveis que não tiveram oportunidade, também para essas pós-graduações, também sem ganhar nada. (Penélope)

A posse da própria sexualidade e a liberdade para continuar se descobrindo enquanto mulher mantém-se como uma conquista importante a ser cultivada e desvinculada da necessidade de uma relação fixa com um homem:

Por isso não tem muita expectativa ainda, tudo isso é tão novo.

Pesquisadora: - Ainda está em pleno processo.

A expectativa que eu tenho clara é não me perder disso, se é na *internet* ou um caso aqui outro ali, eu quero ficar mais tempo com

isso, dessa vez, eu já tive outros momentos assim na minha vida, mas eu quero ficar mais tempo com isso, de forma mais adulta, madura, com essa presença feminina em mim, clara, porque se eu quiser, eu viro a folha em dois minutos e assumo o comando, por isso que eu não quero ficar uma pessoa com expectativas. Porque se não vier eu me frustro e eu realmente quero desassociar meu prazer de uma relação só. (Bárbara)

O prazer toma formas mais amplas e as expectativas em relação ao futuro diminuem à medida que o foco se volta às experiências do presente:

O prazer, eu posso ter fazendo minha ginástica ou andando na rua, ou de vez em quando com alguém (...) não dá para nesse momento que eu estou vivendo pensar nisso não, esse momento eu preciso viver ele, até porque está claro para mim eu não tenho tanto tempo dele mais, agora eu sei que seja lá o que quer que eu vá viver, ele tem um tempo menor, não tem como eu cuidar agora do “depois”, não tem, porque se eu for cuidar do “depois”, agora, eu não vou cuidar de agora. Eles são quase conflitos, entendeu? Teoricamente, para eu cuidar do “depois”, agora com 46 anos, se eu começar a ficar uma mulher previdente, que gasta menos, que abafa seu fogo sexual porque não vai ter parceiro e é sozinha, vou começar a tratar meus filhos como se eles fossem ser minha muleta. (...) Como eu vou cuidar do futuro, se eu não cuidar do presente? Então eu cuido dele. (Bárbara)

Essa postura, não tem nada de rebelião juvenil, é bem pensada e fruto da maturidade, como nos mostra Bárbara:

Mas tudo isso sem irresponsabilidade, tem uma base segura por trás disso tudo, hoje eu arrisco, se eu tiver que ter uma relação mais maluca, eu tenho. Uma mulher previdente, que está pensando em ficar velhinha, não vai fazer isso. (Bárbara)

Bárbara segue avaliando suas novas percepções sobre o modelo de casamento tradicional e de como a sexualidade fica sufocada dentro dele:

Acho só que tem tanto casal sem apetite, sem sexo, sem nada. Tem uma amiga casada há três anos, já está assim sem querer, não volta mais sem resgatar, ela acha que é porque teve bebê agora, hoje eu acho que é tanta gente, realmente é um fato: é muito difícil manter o desejo sexual na relação estável, e qual é a saída, o que a gente faz? Trai, não trai, fica sozinha por isso? O que a gente quer? (Bárbara)

No final da sua fala, Bárbara levanta um aspecto muito importante, o conflito entre o conforto e a emoção. Podemos pensar que o casamento tradicional representa o conforto e que pode, muitas vezes, paralisar o desejo e anestesiar as emoções por meio da acomodação:

O conflito eterno entre o conforto e a emoção, o que parece que é confortável não é prazeroso, o que é confortável te paralisa naquela poltrona maravilhosa, é um tipo de prazer que parece que é o que a gente fala, mas não é. Prazer, a gente sente quando vem a endorfina porque correu no parque. O de cá é uma eterna busca nossa por acomodação, de útero, de ficar quieto, de calorzinho, comer, sofá... Esses dois prazeres são confusos, o ficar muito confortável mata devagarzinho, e aí a gente não sabe o que fazer, porque a sociedade nos criou assim: para ter marido, ter filho, ter domingo e a gente vai matando o desejo. Algumas pessoas conseguem se sair disso, talvez porque sejam mais ávidas sexualmente mesmo, naturalmente, porque tem níveis, manter isso aceso no sexo, ou porque entraram na consciência de que têm que cuidar desse assunto e algumas conseguem, mas muitas não, a gente se acomoda, se acomoda, é um prazer também ficar na frente da televisão e não ter quê... (Bárbara)

É impressionante a mudança de crenças em Bárbara. Ela conta como pensava completamente diferente em relação à sexualidade dentro de um relacionamento estável. Hoje, chama a atenção de suas amigas sobre os perigos da acomodação no casamento:

Hoje, eu falo assim: gente! Porque muitas vezes eu falo que não quero, mas mesmo assim vou para a ginástica. Como não vai fazer

sexo? Tem que fazer! Faz que nem ginástica, não quer, mas vai e faz! Não pode não fazer.

Algumas amigas acham engraçado eu dizer isso. Não é engraçado, não, é valioso, pelo amor de Deus! Eu preguei o contrário a vida inteira! Não gastem tempo, tem que fazer sexo, se virem, fechando olho, pensando em outro, vejam filme pornô, se virem, achem uma posição, tomem remédio, tem que achar um jeito de estimular isso, senão vai “dar merda”! (Bárbara)

Laura explicita a mudança de foco do “cuidar dos outros” para o “cuidar de si” e esclarece que deseja ampliar a experiência do “maternar” para âmbitos profissionais:

Aí tem a ver com as minhas expectativas para esse momento. Eu acho que neste momento, eu espero cuidar de mim! Cuidar de mim em vários níveis, ou várias dimensões, tipo: profissional, meu corpo mesmo, até a vaidade que eu desdenhei ou deixei de lado, acho que eu não desdenhei, eu deixei de lado por muitos anos. (...) cuidar mais da minha profissão, eu criei um novo projeto para minha vida, eu estou há um ano também só nele, que é o projeto de ter mais uma atividade (...) agora eu pretendo me dedicar mais a área de estudo, de escrita e eu acho que neste momento eu já tenho alguma coisa para ensinar, eu já me sinto autorizada, pelos filhos que estão bem, eu acho que de alguma maneira eu consegui orientá-los, orientar bem os filhos para que eles não ficassem presos a mim, para que eles pudessem dar vãos maiores dos que eu dei (...) isso de "maternar", porque eu acho que essas funções da dona de casa, da esposa primorosa lá dos 1960, da mãe que cria os filhos, essas funções são “escola”, escola para que eu possa fazer isso de uma maneira mais ampla. (Laura)

Nas falas de Rosa e Ângela, a seguir, observamos mais uma vez a importância dos planos profissionais e da experiência do “cuidado”, voltados para si e para uma melhor qualidade de vida:

Faltam um ano e quatro meses para me aposentar, eu quero diminuir minha carga de trabalho, que estava uma coisa muito estressante, uma

loucura, vou voltar para o consultório, então eu estava pensando em melhorar a qualidade de vida. (Rosa)

Olha, pode parecer ser bem bobo, mas eu espero é ser mais feliz. Buscar mais momentos felizes, sabe, é assim, eu estou me dedicando muito ao meu novo trabalho que ninguém acredita..., que é um trabalho, mas para mim é um baita de um trabalho. Amo o que eu estou fazendo, não que eu não ame a minha profissão. Amo, faria tudo de novo, mas assim...sabe, procurar ajudar as pessoas que eu amo de paixão e talvez as que eu não ame. Entendeu? Sei lá. O que eu quero mais é viver bem. Qualidade de vida, saúde, estou buscando, "tô" voltando para a ginástica, coisa que eu não fazia há mil anos. Então assim, estou num momento de reconstrução de saúde, de coisas que eu perdi porque eu fui trouxa. (Angela)

Um fato, no entanto, não pode deixar de ser levado em consideração. As cinco mulheres entrevistadas, na ocasião da pesquisa, tinham uma carreira profissional que trazia um senso de realização pessoal importante e pode ter contribuído ao processo de resgate de si mesmas que experimentaram. O aspecto profissional pode ser considerado como recurso de poder pessoal e, portanto, um facilitador na resolução de crises.

Podemos levantar a hipótese de que este aspecto contribuiu para o senso de auto-estima e poder pessoal experimentado por elas o que está de acordo com dados encontrados por outros pesquisadores: “O trabalho, mesmo que incipiente, costuma ser uma fonte de afirmação positiva por meio do qual se recupera parte da potência que o outro levou consigo”. (Souza, 2008, p. 62). Essa autora, em suas pesquisas a respeito do divórcio, aponta como protetores contra a vulnerabilidade ao estresse: a psicoterapia ou análise, as mudanças e ampliações na rede social, um novo relacionamento, o trabalho e um novo projeto de vida

As mulheres, investigadas nessa pesquisa, relataram as amizades com outras mulheres como um aspecto de satisfação pessoal importante e possuíam boas relações com os filhos, a maioria deles já adultos e independentes, e com a família de maneira geral:

Tenho relações afetivas saudáveis, sou socialmente ligada às pessoas, me vinculo, tenho amigas verdadeiras, profundas. Sustento as minhas

amizades ao longo de muitos anos, não intensivamente, mas homeopaticamente, pouco e sempre. (Laura)

(...) nós somos da mesma paróquia e participo de programas de caridade junto com ela, ela é um espetáculo, ela realmente mudou muito a minha vida, então isso é um lado afetivo. Eu tenho também em Suzana, em Ruth também esse manancial, essa fonte, sabe?

Pesquisadora: - De carinho, de troca?

É..., fantástico, e com a minha *personal trainer*, com o meu professor de tênis, com os meus amigos do tênis, que me amam e eu amo eles. (Penélope)

Podemos confirmar, por meio dessas falas em relação às expectativas futuras, a importância do sentimento de pertencimento a uma rede de apoio e afeto, na manutenção de uma vida gratificante e significativa.

5.3.9 As expectativas em relação a um futuro companheiro

Perguntamos às nossas entrevistadas, o que elas esperavam de um futuro companheiro. Rosa contou-nos que encontrou um homem divorciado que gostava dela, namoraram. Ela apaixonou-se por ele também, mas ele tinha outras prioridades: o trabalho e os amigos. Isso fez com que ela rompesse o relacionamento, apesar de “sentir falta dele”. Com isso, Rosa sinalizou que não estava mais disposta a viver um relacionamento afetivo sem o mesmo nível de investimento e cumplicidade, sem um equilíbrio entre o dar e receber:

O que eu idealizei? Companheirismo, cumplicidade.

Eu até posso entender, porque trabalho, sei lá, você tem que conciliar, mas ele não concilia não, é tudo prioridade, prioridade, o que sobrar..., às vezes, eu brincava com ele, já no fim da relação, que a gente estava, junto, assim: dá para você olhar aí na sua agenda, quando vai dar para a gente se encontrar?

(...) e ter uma pessoa ao meu lado, eu sinto assim, uma falta de cuidado, ter alguém para me cuidar e que eu possa também cuidar. Alguém que me entenda, através de experiência ou não, mas que

entenda o que eu já passei, e que a gente pudesse, sei lá, ficar junto o resto da vida, eu penso nisso. Então, o que eu vou acrescentar? (Rosa)

Rosa acaba acrescentando que apesar de tudo o que ela disse esse processo não está muito claro para ela, pode mudar e cogita inclusive retomar a sua terapia pessoal:

Que apesar de tudo isso que eu digo, que eu disse, eu estou muito em dúvida com relação ao meu futuro, estou muito em dúvida, dividida é a palavra, estou até pensando em buscar novamente uma terapia, outra pessoa porque nosso terapeuta está lá no céu “né”? Estou pensando para ver se eu consigo enxergar melhor, tudo isso, “né”? Embora eu ache que eu tenha clareza, que eu sei “né”? Mas, estou dividida. Então eu estou num momento assim de cisão entre o que eu disse e o que eu poderei dizer daqui a um tempo (riso). (Rosa)

Laura que passou a maior parte da sua vida dentro de relacionamentos estáveis pondera sobre a riqueza dos dois lados: o compromisso versus a liberdade em relação à vivência da sexualidade e assume que tem dúvidas do que quer para sua vida:

Lógico que tem esses “ficantes” e aí tem todo o mistério, o charme e o *glamour* do novo, do diferente, do casado, do solteiro, do separado. Do se arrumar para aquilo que resulta no processo da sexualidade muito mais rico, mas pelo outro lado ter um companheiro do seu lado é muito legal também.

Os dois lados são muito interessantes. A pergunta é: para quem já foi mais de trinta anos comprometida e tem quarenta e nove de idade, essa é a maior parte, mais da metade da minha vida e aí tem uma dúvida. (Laura)

Este sentimento de estar em pleno processo é compartilhado por Bárbara, que nos conta, de uma maneira divertida, como tudo pode mudar quando nos assumimos como seres reflexivos e flexíveis:

Mas, tudo isso pode mudar depois, já mudei outras vezes, tem prazer na transformação, não tenho medo dela, vai que resolvo virar mãe,

avó, fazer bolo em casa, fazendo crochê, e depois lembrar: “pô”, quando eu estava com quarenta e sete anos fiquei muito maluca, queria namorar, estava uma velha ridícula, (riso). A gente inventa as versões e vai indo, (riso). (Bárbara)

Laura, que viveu por muitos anos o modelo de relacionamento tradicional, sabe o quanto é trabalhoso relacionar-se intimamente. Ela que foi uma cuidadora clássica, avalia se vale à pena investir de novo num relacionamento ou se quer experimentar viver sozinha por um tempo:

Porque é um momento assim, que eu estou num..., se vamos falar de sexualidade, não é..., expectativas? Eu não sei se eu tenho expectativas em relação a minha sexualidade. Eu acho que eu estou numa espécie de uma crise porque investir num relacionamento dá trabalho, “né”, muito trabalho (...) tem um lado meio..., o de 1960 que gostaria muito de ter um companheiro, olhar assim o casal, ter um casal, ter de novo essa casa, viver essa sexualidade. Agora tem outro lado meu que diz assim: a gente paga um preço muito alto para isso. E será que eu preciso mesmo a essa altura da minha vida..., se você somar os vinte e dois anos de um casamento estável, mais cinco anos de um namoro estável, mais aí outros quatro que eu namorei essa primeira paixão aí, também de maneira estável... é a grande parte de minha vida, eu não consegui ainda viver sozinha, sozinha, sozinha, ninguém está me esperando de volta em casa. (Laura)

Laura segue falando do que lhe interessa nesse momento de maturidade. Não procura um homem “reprodutor”, procura um homem que saiba conversar, e para isso não tem pressa, pois tem curiosidade de também experimentar-se sozinha:

Então, aí se você vai ter de novo um companheiro, se você vai poder escolher de novo um companheiro, não é seu marido de 50 anos, de 60 anos, você não vai jogar ele fora no final da história. Ele realmente é mesmo muito companheiro para ficar do seu lado? Porque não vai ser mais só a sexualidade, então essa escolha é uma escolha delicada, entendeu? Ele não está sendo escolhido porque ele é um reprodutor, não é essa mais a questão. Eu não quero mais a família, eu já falei isso

aqui, não é isso que me toca, essa “cena” não me chama, (riso), indo no shopping, no parque, na praia, vejo um pai, uma mãe e os filhinhos. Meu Deus, que bom que já acabou isso, já passou, deu a cota!

Pesquisadora: - O que é que lhe chama?

O que me chama é um casal, mas que possa conversar!

Um maior companheirismo! Aí a gente não tem pressa de encontrar, não tem pressa de encontrar..., e tem a curiosidade nesse momento de também: como é mesmo viver sozinha? (Laura)

Penélope tem os sonhos mais róseos, mas mantém os pés no chão, sabe que na sua idade, quase setenta, apesar de sua vivacidade, é difícil encontrar um companheiro. Internaliza o pré-conceito social e se imprime um estigma, que ela denomina de *auto-preconceito*, mas não deixa de viver trocas afetivas com amigas, nem de ter experiências sexuais em viagens:

Eu gostaria de ter uma pessoa, esse professor seria meu manequim, “né”? (...) mas eu não nutro. Por que eu não nutro? Porque eu acho que um homem, mesmo que ele seja um pouco mais novo do que eu, se ele vai encarar uma pessoa mais velha. Minha idade me impõe, me imprime assim, auto-preconceito.

De eu dizer: Ah, quem vai querer ficar comigo? Pela minha idade, então é frustrado (...) eu tenho grandes sonhos, você pode botar aí, o melhor. Seria com Otaviano, era o nome dele, vamos chamá-lo de Tavinho, eu já coloquei o nome dele de Tavinho, nós tivemos um começo lindo! Ele é religioso, eu sou também, ele também é muito religioso. Fazendo seu doutorado, e quando a gente estava conversando para se conhecer, muita coisa combina comigo, “né”? Mas eu acho que tem muita mulher aí no espaço querendo isso com ele, e eu acho que o impedimento é a idade.

Então, as minhas expectativas, os meus sonhos são os melhores, os mais rosados... Mas eu sei da realidade, a realidade ela é para mim, relativamente a minha idade. Sou graças a Deus, saudável, madeira!!!!

Eu quero ter uma pessoa, todas querem! (Penélope)

Laura e Bárbara querem encontrar um namorado, mas como observamos em todas as entrevistadas, nenhuma delas está no “desespero”:

Se eu tiver um companheiro, eu gostaria muito, gostaria muito, muito, de um companheiro, vai ser maravilhoso, mas também se não tiver, eu vou estar bem. Entendeu? Eu acho que é bem diferente muito diferente. (Laura)

Não precisando mais cumprir *scripts* sociais, um novo companheiro tem que valer a pena por si mesmo, pois do contrário preferem estar como estão, livres e desimpedidas para viverem suas experiências:

Ainda é ele, ainda o quero..., tudo isso que eu fiz com os outros caras, eu fiz porque estou viva, eu estou com vontade de fazer sexo, de namorar, de beber, ainda o quero, só que não adianta eu ficar querendo, querendo, pelo menos eu vou dizer “não” para ele, para ver se com esse “não” ele aquieta (...). Essa porta está aberta para ficar fazendo sexo *online*, mas apesar de eu querer, eu gostar, se eu quiser fazer eu vou fazer com outro, com ele é complicado porque ele fica muito dentro de mim, com ele é complicado, porque eu curto demais ele como homem, ele me perturba, ele me ocupa (...) eu quero agora arrumar um namorado, mas não estou no desespero, se não for legal, prefiro ficar na farra que eu estou. Nem sei se eu quero tanto assim, é difícil falar assim. (Bárbara)

Essas mulheres acreditam que é difícil encontrar alguém que “valha a pena investir”, mas gostariam de ter a oportunidade de cuidar de aspectos que não tinham consciência antes do divórcio:

A princípio eu estaria querendo namorar com Marcio, e que isso vire uma história de amor. E eu quero ter a oportunidade de cuidar desses aspectos da relação que eu não cuidei no meu casamento. Se eu conseguir ter agora outra relação com alguém, pode ser muito melhor depois dessas experiências na sexualidade. Depois que a gente sai do casamento a gente sai com esse potencial de fazer diferente, de fazer melhor, mas a gente sabe que é difícil, não é fácil achar hoje alguém que me interesse, é uma mistura de grau de exigência com estranheza

de estilos de cada um, com as diferenças de status, de nível social, de grana. É uma mistura de coisas que tem que se encaixar que é super complicada. Mas agora você não vai se encaixar com uma pessoa tão diferente, pode se encaixar para isso, para sair, para fazer uma farra, para fazer sexo, mas não seria mais para construir alguma coisa, não vou errar de novo, “né”?(Bárbara)

Há um mito social de que os homens se saem melhor no divórcio do que as mulheres, mas não é isso que se encontra nas pesquisas longitudinais sobre o tema (Ahrons, 1995; Hetherington & Kelly, 2003). As mulheres lidam melhor com as emoções, reconstróem mais facilmente uma rede de amigos após a separação e, embora tenham maior declínio econômico, mesmo isso está mudando (Souza, 2008).

As mulheres que participaram desta pesquisa sinalizam isso, mostram que estão mais maduras afetiva e sexualmente, que sabem o que querem e estão mais preparadas para relações mais compatíveis com a liberdade e menos idealizadas.

Nossos resultados confirmaram os da tese de Hime (2004), quando a autora observou que as algumas mulheres contemporâneas já conseguem desvincular o sexo do amor e validar a sexualidade como busca de prazer, com intimidade e afeto, porém sem compromisso. Concordamos que essa é uma conquista recente e importante para a mulher adulta em qualquer momento do ciclo vital.

As mulheres, hoje, têm então a chance de desmistificar as crenças de que existe “um homem certo” que as acompanhará pelo resto da vida, ou que são “mulheres de um homem só”, valorizadas no passado. Podem tentar encontrar seu par, muitas vezes e até a vida toda, pois como observa Moraes (1994) o namoro deixou de ser uma tarefa exclusiva da juventude, sendo uma vivência possível em qualquer idade.

Hime (2004), em sua pesquisa, encontrou várias formas de expressão da sexualidade feminina, que se tornou mais flexível, ativa e completa ao se desvincular, gradativamente, dos valores, normas e práticas do sistema patriarcal.

A autora constatou que o matrimônio continua sendo uma importante aspiração feminina, mas deve acolher as necessidades de autonomia, afirmação de si e também construir uma integração entre amor e sexo. Não é mais como ocorria no passado, um fim em si mesmo, nem etapa final ou meta para a mulher que tinha a definição de si na conjugalidade e na maternidade (Norgren, 2002; Hime, 2004).

Algumas das mulheres entrevistadas nesta pesquisa ainda não têm clareza sobre querer ou não, outro matrimônio. Querem namorar, “ficar” e conhecer-se sexualmente. Querem amar e ser amadas num relacionamento que “valha à pena”, essa é a única certeza. E mesmo quando as expectativas em relação ao futuro incluem encontrar um companheiro, na maior parte das vezes, essas mulheres já conseguem desvincular a satisfação sexual do apaixonamento e permitem-se experimentações nos relacionamentos sexuais inimagináveis nos tempos de suas mães, quando mulheres que tinham a idade delas hoje, eram consideradas senhoras de meia idade, às voltas com os achaques da menopausa ou idosas vovós.

Acreditamos que nossas entrevistadas puderam, a partir de suas “crises”, assumir valores não tradicionais acerca da sexualidade e da mulher na sociedade, aos quais estiveram expostas na adolescência ou início da vida adulta, mas que não tinham sido incorporados. Puderam, após o divórcio e a maturidade, apropriar-se de algo novo para elas, que já fazia parte de um conjunto de valores disponíveis no mundo depois revolução dos costumes das décadas de sessenta e setenta, mas do qual se protegiam, identificadas como estavam anteriormente com o modelo tradicional de mulher.

A revolução da contracultura, elas a estão fazendo agora, na maturidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O ato erótico é uma cerimônia que se realiza de costas para a sociedade e diante de uma natureza que jamais contempla a representação. O erotismo é ao mesmo tempo, fusão com o mundo animal e ruptura, separação desse mundo, solidão irremediável. Catacumba, quarto de hotel, castelo forte, cabana na montanha ou abraço na intempérie, tudo é igual: o erotismo é um mundo fechado tanto à sociedade quanto à natureza. O erótico nega o mundo – nada real nos rodeia, exceto nossos fantasmas.”

Octavio Paz

Como pudemos observar, por meio da análise dos resultados, as mulheres entrevistadas nesta pesquisa estão vivenciando uma transformação muito ampla que diz respeito à redefinição de si mesmas, e dos seus relacionamentos, que se modificaram após o divórcio e a maturidade.

Giddens (2003) acredita que entre todas as mudanças que estão acontecendo no mundo, nenhuma é mais importante do que aquelas que acontecem em nossas vidas pessoais – na sexualidade, nos relacionamentos, no casamento e na família. Há uma revolução global em curso, sobre a maneira como nos relacionamos com os outros e como vemos a nós mesmos. Em muitos países estão se desenrolando intensas discussões a respeito da igualdade sexual, da regulação da sexualidade e do futuro da família. É uma revolução que avança de maneira desigual, em diferentes regiões e culturas e que ainda encontra muitas resistências para se consolidar.

Mas, apesar da instabilidade das mudanças, é visível que ao longo das últimas décadas, alguns princípios que regulavam nossas vidas sexuais no ocidente mudaram de uma maneira fundamental. A separação entre sexualidade feminina e procriação, está a princípio completa. “Pela primeira vez a sexualidade é algo a ser descoberto, moldado,

alterado. A sexualidade, que costumava ser definida tão estritamente em relação ao casamento e à legitimidade, agora pouca conexão tem com eles” (Giddens, 2003, p.66).

Em relação aos valores adquiridos por meio da família e sociedade, é visível a reorganização psíquica que as mulheres entrevistadas nesta pesquisa experimentaram após a dissolução do casamento para manterem-se sexualmente ativas, buscando superar as frustrações experimentadas anteriormente e arriscando-se em novos modelos de relacionamentos que colocam em cheque os valores morais recebidos anteriormente.

Podemos nos perguntar por que essa reorganização psíquica não ocorreu dentro da estrutura do casamento?

Acreditamos que o modelo tradicional de casamento, com seus lugares e papéis bem definidos sobre o que cabe a um homem e a uma mulher, não favorece esse tipo de reflexão nem de reorganização. Nesse tipo de configuração, o casamento e a família ficam à frente de satisfação pessoal, profissional ou sexual da mulher.

Constatamos que todas as mulheres entrevistadas buscam um relacionamento estável, elas procuram uma “relação especial”, não “um homem especial” (Giddens, 1992). E enquanto isso não acontece, não esperam no celibato.

Agora com um olhar mais amadurecido, elas questionam-se a respeito do preço a ser pago no modelo anterior de casamento, no qual recaía sobre elas a maior parte dos cuidados com a casa, com os filhos e o marido, ao mesmo tempo em que querem se experimentar mais livres.

Nas últimas décadas, ao menos nas grandes cidades do mundo ocidental o delineamento dos relacionamentos vem se transformado rapidamente, surgindo novas possibilidades de expressão do masculino e do feminino.

Mudanças tais como: a entrada das mulheres no mercado de trabalho, a legislação do divórcio, o surgimento de múltiplos arranjos familiares, o aumento da expectativa de vida em função dos avanços da medicina e o surgimento de novos tratamentos que prometem retardar os efeitos do envelhecimento, são apenas algumas delas. Nossas entrevistadas, como mulheres desse tempo estão sofrendo as influências dessas mudanças e em muitos sentidos também as estão criando (Rubin, 1990).

Elas querem encontrar um companheiro, não mais um *provedor* que trabalhe muito, mas um homem que saiba e tenha tempo para conversar. Disso supomos que queiram um homem que saiba falar de sentimentos, saiba desenvolver uma relação mais equilibrada e simétrica, ou o que Giddens (2003) chama de relacionamento puro,

baseado na comunicação emocional, em que as recompensas derivadas de tal comunicação são a principal base à continuação do relacionamento.

O relacionamento puro tem uma dinâmica completamente diferente da vivida nos casamentos tradicionais, é implicitamente democrático. Mas, é preciso lembrar, que é um ideal, pois a maioria dos relacionamentos comuns nem se aproximam desta condição (Giddens, 2003).

É importante salientarmos que todas as entrevistadas mostraram ter consciência de que estão vivendo um processo, de forma alguma finalizado. Expondo suas dúvidas e falando das possibilidades de mudanças de rumo, mostraram-se cientes de que estão numa *transição*.

Observamos em todas as entrevistadas um processo de *reinvenção* no aspecto sexual. A igualdade sexual não é apenas um princípio essencial da democracia, ela é relevante para a felicidade e a realização pessoal (Giddens, 2003). O tipo de mulheres que elas eram antes, identificadas com o modelo tradicional, não é mais o que elas *estão sendo* hoje. Essas mulheres estão experimentando novas possibilidades de relacionamento pós-divórcio. Compreenderam que o namoro, a paixão e o prazer sexual podem ser vividos juntos ou isoladamente e em qualquer idade. Enquanto o companheiro não aparece, elas não se furtam às experimentações.

Um aspecto central nestas mudanças é que algumas delas conseguem desvincular a satisfação sexual do apaixonamento, colocando a sexualidade no foco. Para isso, tiveram que questionar algumas prerrogativas do amor romântico e das diferenças de desejo entre os sexos, como por exemplo, os velhos estereótipos do feminino como pureza e abdicção. Assumindo posturas mais ativas, algumas das nossas entrevistadas apropriaram-se do seu aspecto sexual, da sua “fêmea”, assumindo-se como seres sexuais numa postura mais de igual para igual em relação aos homens.

Em torno do ideal romântico de conjugalidade, criaram-se muitas expectativas e idealizações. Hoje, os mesmos movimentos de mudança, levam as mulheres a reverem suas idealizações e exigências sobre o amor, o casamento e a sexualidade. Novas formas de amar e se relacionar estão sendo inventadas para responder às exigências de uma sociedade onde os valores e as regras econômicas e sociais estão sempre em mudança (Araújo, 2002).

Um aspecto interessante observado nas mulheres entrevistadas foi a disposição para experimentarem novos aspectos de sua sexualidade após o divórcio. Essas

mulheres relataram uma abertura interna que as despiu de preconceitos e trouxe uma sensação de ampliação de sensações e de repertório sexual.

As mulheres da nossa pesquisa querem, antes de tudo, conhecerem-se sexualmente, querem amar e ser amadas, mas com a liberdade de experimentar novas formas de relacionamento para depois escolher o que for melhor para si a cada etapa da sua vida.

Para essa mudança de perspectiva acontecer, tiveram que romper com os valores recebidos a respeito das diferenças sexuais entre homens e mulheres e com as regras de conduta para as mulheres “decentes,” internalizadas na infância e praticadas no casamento, talvez mais por inércia da subjetividade e comodismo, do que por opção.

Aceitar o desejo sexual como algo próprio e não a serviço da conjugalidade, coloca o desafio: com quem?

No momento em que buscavam relações sexuais apenas para satisfação pessoal, desvinculada de algum compromisso e quando mantinham relacionamentos com homens casados, estavam transformando e reinventando as regras sob as quais viveram na grande parte de suas vidas.

Um dos aspectos que mais chamou a atenção durante a análise das entrevistas foi justamente a possibilidade que as participantes desta pesquisa mostraram de viver sem regras pré-definidas os encontros amorosos após o divórcio. O que confirma a afirmação de Solomon de que “os mais velhos são forçados a reinventar suas próprias regras” (1992, p.369-370), transcrita de forma mais completa na epígrafe desta dissertação.

Não fez parte do objetivo dessa pesquisa comparar as vivências de mulheres mais jovens, na faixa dos trinta anos, em relação às mulheres mais maduras.

Mas, acreditamos que seria enriquecedor um trabalho com esta abordagem, pois relatos clínicos de nossos consultórios nos mostram que as mulheres na faixa dos trinta anos e solteiras estão ansiosas para encontrar um marido, num processo que sugere uma “nostalgia do tradicional”.

As mulheres casadas parecem, por outro lado, estar vivendo “a exigência de ser competente no espaço privado da casa, como no público - seu trabalho” (Meirelles, 2001, p. 117) o que não favorece o “priorizar-se”, observado em nossas entrevistadas separadas, maduras e com filhos já criados. Pudemos observar que o divórcio, a maturidade afetiva e também a maior liberdade, a partir da independência dos filhos,

contribuiu para as mudanças percebidas na vivência sexual das nossas entrevistadas, o que pode ocorrer também no casamento, como verificou Norgren (2002) em casamentos de longa duração satisfatórios.

Podemos questionar o quanto a carreira, a situação financeira e as amizades foram relevantes às mudanças que essas mulheres estão se permitindo experimentar no aspecto sexual. Essas seguem como propostas para investigações futuras.

Perguntadas sobre as expectativas em relação ao seu futuro, as mulheres entrevistadas estavam todas envolvidas com novos projetos profissionais, sendo esse aspecto de suas vidas colocado em evidência, mesmo após a aposentadoria, que estava próxima para duas das entrevistadas.

Esses novos projetos estavam, no entanto, dentro de um projeto maior que é o cuidar de si, buscando maior prazer e qualidade de vida. Envolvendo o cuidar de outros, o passar experiência, sem, no entanto, esquecer-se de si mesmas.

Por fim, nós acreditamos que a sexualidade deve ser vivida igualmente por homens e mulheres, mesmo que desvinculada de uma parceria conjugal ou romântica e em qualquer momento do ciclo vital adulto, se assim desejaram os envolvidos. Essa mudança de valores e expectativas pode beneficiar homens e mulheres, pois ao questionarem as crenças e comportamentos que são tidos como *naturalmente* masculinos ou femininos e promoverem o intercâmbio desses papéis socialmente definidos, podem tornar-se mais flexíveis e livres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHRONS, C.R. (1995). O Bom Divórcio: como manter a família unida quando o casamento termina. Rio de Janeiro: Objetiva.

ALEOTTI, R. (2004). Disfunção erétil e sua teia de significados. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ALMEIDA, A.M. de. (1987). Notas sobre a família no Brasil. In: Pensando a família no Brasil. p.53-66. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo.

ALMEIDA, M.I.M. de. (1987). A “nova maternidade”: uma ilustração das ambigüidades do processo de modernização da família In: S.A. Figueira (Org.) Uma nova família? p. 55-67. Rio de Janeiro: Zahar.

ARAÚJO, M. de F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. Psicol. Cienc. prof. v.22 n.2. Brasília.

ARIÈS, P. (1983). O amor no casamento. In Sexualidades Ocidentais. p.128-137. Lisboa: Contexto, Editora Ltda.

BAILEY, J & ROBBINS, S. (2005) Couple empowerment in divorce: a comparison of mediated and nonmediated outcomes. Conflict Resolution Quarterly. 22(4): 453-472.

BASSANEZI, C. (1997). Mulheres dos Anos Dourados. In: Mary Del Priore. História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto.

CAPLAN, G. (1980). Princípios de psiquiatria preventiva. Rio de Janeiro: Zahar.

CARNEIRO, M.J. (1987). A desagradável família de Nelson Rodrigues. In: S.A. Figueira (Org.) Uma nova família? p.69-82. Rio de Janeiro: Zahar.

CARVALHO, I.S. & COELHO, V.L.D. (2006). Mulheres na maturidade e queixa depressiva: compartilhando histórias, revendo desafios. Psico-USF, V.11, P.113-122.

CONNELL, R.W. (2002). *Gender*. Cambridge: Polity Press.

COSTA, A.C. de O. (2008). *Sexualidade e Envelhecimento: a demanda de atualização de crenças e valores*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

COSTA, J.F. (1983). *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal.

COSTA, J.F. (1998). *Sem fraude nem favor – estudos sobre o amor romântico*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco.

COSTA, L.; PENSO, M. & FÉRES-CARNEIRO, T. (1992). Reorganizações familiares: as possibilidades de saúde a partir da separação conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 8 (supl.), p.495-503.

COWAN, P.A.; COWAN, C.P.; SCHULZ, M.S. (1996) Thinking about risk and resilience in families. In: HETHERINGTON, M.; BLECHMAN, E.A. (eds.) *Stress, Coping and Resiliency in Children and Families*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, p.1-37.

DAUSTER, T. (1987). A invenção do amor: amor, sexo e família em camadas médias urbanas. In: S.A. Figueira (Org.) *Uma nova família?* p.99-111. Rio de Janeiro: Zahar.

DE BARBIERI, T. (1991). Sobre la categoria gênero: uma introducción teórico-metodológica. *Seminários Prodir/Fundação Carlos Chagas*. São Paulo, p. 25-45.

DELA COLETA, M.F. (1989). *Lócus de controle e satisfação conjugal*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília.

DEL PRIORE, M. (2005). *História do amor no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto.

FARIAS, M.A. (1994). *Satisfação e Insatisfação no Casamento: um estudo quantitativo*. Tese de Doutorado. Programa de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo.

FÉRES-CARNEIRO, T. (1987). Aliança e sexualidade no casamento e no recasamento contemporâneo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v.3, n.3, p.250-261.

FÉRES-CARNEIRO, T. (1995). Casais em terapia: um estudo sobre a manutenção e a ruptura do casamento. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v.2, n.44, p.67-70.

FÉRES-CARNEIRO, T. (2004). Masculino e Feminino na Família Contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, ano 4 n.1, p.34-47.

FIGUEIRA, S.A. (1987). O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira. Em S.A. Figueira (Org.). *Uma nova família?* p.11-30. Rio de Janeiro: Zahar.

FLANDRIN, J.L. (1981). *Le sexe et l'Occident*. Paris, Seuil.

FOUCAULT, M. (1977). *História da sexualidade*. Rio de Janeiro, Graal. Vol. 1, 2 e 3.

FRIEDAN, B. (1985). How to get the women's movement moving again. *New York Times Magazine*, Nov. 3.

GIDDENS, A. (1992). *A transformação da intimidade*: Unesp. São Paulo.

GIDDENS, A. (2003). *Mundo em descontrole. O que a globalização está fazendo de nós*: Record. Rio de Janeiro.

GONÇALVES, R. & MERIGHI, M.A.B. (2009). Reflexões sobre a sexualidade durante a vivência do climatério. *Ver. Latino-am. Enfermagem*, mar-abril; 17(2)

GOTTMAN, J.M.; KROKOFF, L.J. (1989). Marital interaction and satisfaction: A longitudinal view. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, v.57, no.1, p.47-62.

GRZYBOWSKI, L.S. (2000). Satisfação Vital em mulheres separadas/divorciadas. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

GUBA, E. G. & LINCOLN, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. Em N. K. DENZIN & Y. S. LINCOLN (Orgs.), *Handbook of Qualitative Research*, p.105-117. London: Sage Publications.

HACKSTAFF, K.B. (1999). *Marriage in a culture of divorce*. Philadelphia. Temple University Press.

HETHERINGTON, M.E.; KELLY, J. (2003). *For Better or for Worse: divorce reconsidered*. New York: W.W. Norton.

HICKS, M., & PLANTT, M. (1970). Marital happiness and stability: a review of research in the 60s. *Journal of Marriage and the Family*, 32, p. 553-574.

HIME, F. A. (2004). *A biografia feminina e as histórias das relações amorosas “o vôo da fênix”*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

HIME, F. A. (2008). *A biografia feminina e a história das relações amorosas. Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*, Florianópolis.

IBGE. (2008). Diretoria de Pesquisa, Coordenação e Indicadores Sociais, Estatísticas do Registro Civil, v. 35. Tabelas 5.10 e 6.10. Disponível em <http://www.ibge.com.br>. Acessado em maio de 2010.

JORGE, M.de M. (2005). Perdas e ganhos do envelhecimento da mulher. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v.11. n.17, p.47-61, jun.

KIMMEL, M.S. (2000). *The gendered society*. Oxford: Oxford University Press.

KING, B. M. (1996). *Human Sexuality today*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

LAMELA, D.J.P.do V. (2009). Desenvolvimento após divórcio como estratégia de crescimento humano. Rev. Bras. Crescimento Desenvolvimento Hum. 19(1), p. 114-121. Universidade de Minho, Portugal.

LASCH, C. (1997). A mulher e a vida cotidiana. Amor, casamento e feminismo. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

LAUMANN, E.D. PAIK, A. e ROSEN, R.E. (1999). Sexual dysfunction in the United States: prevalence and predictors. Department of Sociology University of Chicago, USA.

LAX, R. (1982). The expectable depressive climacteric reaction. Bulletin of the Menninger Clinic 46(2). The Menninger Foundation, p.151-167.

LEVINSON, D.J. (1996). The seasons of a woman`s life. New York: Ballantine Books.

LIPOVETSKY, G. (1997). A terceira mulher. Permanência e revolução do feminino. Companhia das Letras, São Paulo.

MACEDO, R.M.S. de; KUBLIKOWSKI, I. (2000). O sonho da eterna juventude: percepção do envelhecimento de uma perspectiva de gênero. Psicol. Ver (10), p.11-22, maio.

MACEDO, R.M.S. de; KUBLIKOWSKI, I.; SANTOS, M.G. dos. (2004). A Interpretação em Pesquisa Qualitativa: A Construção do Significado. I Conferência Internacional do Brasil de Pesquisa Qualitativa. Núcleo de Pesquisa da Família: Taubaté, São Paulo. Tec Art Editora Ltda.

MACEDO, R.M.S. de; KUBLIKOWSKI, I. (2006). Família e gênero. In: Cerveny, C.M. de O. (Org.) Família e. Casa do Psicólogo, São Paulo, p.31-46.

MACIEL JR, P. de A. (2006). Tornar-se Homem – O projeto masculino na perspectiva de gênero. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MARRACCINI, E.M. (1999). Pensando a feminilidade no meio da vida: especificidade e enfoque clínico. *Pulsional Revista de Psicanálise*, ano XIII, n. 135, p.25-39.

MARRACCINI, E.M. (1999). Mulher: significados no meio da vida. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MCGOLDRICK, M. & CARTER, B. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar, Porto Alegre: Artmed.

MCNAMARA, M.L.L., & BAHR, H.M. (1980). The dimensionality of marital role satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 42(1), p. 45-55.

MEIRELLES, V.M. (2001). Feminino superlativo. Mulher, família e carreira. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MENICALLI, A.M.F. (2004). Vivência Sexual das Mulheres de Meia Idade Viúvas ou Separadas num Município de Minas Gerais (Itajubá). Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MIRANDA, E.S. (1987) Satisfação conjugal e aspectos relacionados: a influência da comunicação, da semelhança de atitudes e da percepção interpessoal. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v.39, no. 3, p.96-107.

MORAES, N.M. (1994). “Sapos não viram príncipes”: uma abordagem das perspectivas amorosas de mulheres contemporâneas. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MORI, M.E. & COELHO, V.L.D. (2004). Mulheres de Corpo e Alma: Aspectos Biopsicossociais da Meia Idade Feminina. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(2), p.177-187.

NEGREIROS, T.C.G.M. (1996). A “Nova” Mulher em Processo de Envelhecimento: Confrontos e Conflitos. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

NORGREN, M.B.P. (2002). “Para o que der e vier?”: Estudo sobre casamentos de longa duração. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

NORGREN, M.B.P.; SOUZA, R.M.; KASLOW, F.; HEMMERSCHMIDT, H.; SHARLIN, S.A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), p.575-584.

OLSON, D.H. (2000) Circumflex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, v.22, p.144-167.

OLSON, D.H.; STEWART, K.L. (1991). Family systems and health behaviors. In: SCHROEDER, H.E. (ed.) *New Directions in Health Psychology Assessment*. New York: Hemisphere, p.221-242.

PALS, J. (2006). Narrative identity processing of difficult life experiences: pathways of personality development and positive self-transformation in adulthood. *Journal of Personality*. 74(4): 1079-1109.

PAPALIA, D.E. (2006). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artemed.

PARKES, C.M. (1998). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus.

PARSONS, T. (1964). Age and sex in social structure. In: Coser, R.L. (Ed). *The family, its Structure and Functions*. New York: St. Martin Press, 108-115.

PASCHOAL, S.M.P. (2006). Qualidade de vida na velhice. In FREITAS, E.V. de. et al. (orgs.) *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

- PAZ, O. (1999). Um mais além erótico: Sade. São Paulo: Mandarim.
- PEREIRA, R. S. A. (1978). A ocupação materna segundo o ponto de vista da criança. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- ROSADO-NUNES, M.J. (2008). Direitos, cidadania das mulheres e religião. Tempo soc. v.20 n.2. São Paulo.
- SANTOS, T. C. dos (1987). De Dona Letícia a Carmen da Silva: as revistas femininas e a modificação do comportamento da mulher. Em S.A. Figueira (Org.). Uma nova família? p. 83-98. Rio de Janeiro: Zahar.
- SARTI, C.A. (1988). Antropologia dos gêneros: reflexões preliminares sobre a constituição de um campo de estudos. Trabalho apresentado à 16ª Reunião Brasileira de Antropologia, 27-30 mar. Campinas, São Paulo.
- SETTON, M.Z. (2008). De mãe para filha: um estudo sobre a transmissão intergeracional dos significados atribuídos pelas mulheres judias à sexualidade feminina. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- SPANIER, G.B. & LEWIS, R.A. (1980). Marital quality: a review of the seventies. Journal of Marriage and Family, 42(4), p.825-839.
- SOARES, S.S.G. de S. (2006). Psicanálise na maturidade: um resgate possível. São Paulo: s.n., vi, p. 152.
- SOLOMON, R. C. (1992). O Amor – Reinventando o romance em nossos dias. Editora Saraiva. São Paulo.
- SOLOMON, R. C. (1994). About Love – Reinventing Romance of Our Times, Boston, Littlefield Adams Quality Paperbacks.

SOUZA, R.M. (1994). Paternidade em transformação: o pai singular e sua família. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SOUZA, R.M. (2008). Começar de Novo: as Mulheres no Divórcio. Em Valéria Meirelles (Org.). Mulher do Século XXI. São Paulo: Ed. Roca.

TEIXEIRA, S.A. (2004). A camisola do dia e seu divino conteúdo. Horiz. Antropol. Vol.10 n.22. Porto Alegre July/Dec.

RUBIN, L.B. (1990). Intimate strangers. New York: Haper Perennial.

VAINFAS, R. (1986). Casamento, amor e desejo no Ocidente Cristão. Série Princípios. Editora Ática.

VELHO, G. (1981). Individualismo e Cultura: Notas Para Uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar.

VELHO, G. (1985). A Busca de Coerência: Coexistência e Contradições entre Códigos em Camadas Médias Urbanas. In: Figueira, S.A. (Org.). Cultura da Psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.169-178.

WEG, R.B. (1989). Sensuality/sexuality of the middle years. In S. Hunter, M. Sundel (Orgs.), Midlife myths. Newbury Park, CA: Sanford.

ANEXO – Modelo do Termo de Consentimento

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título da dissertação - Uma revolução silenciosa: a sexualidade em mulheres
maduras**

Descrição sumária:

O objetivo geral desta pesquisa é compreender de que maneira mulheres divorciadas após casamentos de vinte anos ou mais, lidam com suas necessidades afetivo-sexuais após o rompimento da relação.

O presente estudo pretende acompanhar as mudanças de percepção sobre os temas da afetividade e sexualidade.

Os instrumentos de pesquisa serão: entrevistas semi-estruturadas, com o uso de gravador, para posterior transcrição dos encontros.

CONSENTIMENTO

Declaro que os objetivos e detalhes desse estudo foram-me completamente explicados, conforme seu texto descritivo. Entendo que não sou obrigada a participar do estudo e que posso descontinuar minha participação a qualquer momento, sem ser prejudicada.

Meu nome não será utilizado nos documentos pertencentes a este estudo e a confidencialidade dos meus registros será garantida. Desse modo, concordo em participar do estudo e cooperar com a pesquisadora.

Pesquisada:

Nome:

RG:

Data: ___/___/____.

Assinatura: _____

Pesquisadora:

Nome: Lígia Baruch de Figueiredo

RG: 4025527

Data: __/__/____.

Assinatura: _____

Testemunha:

Nome:

RG:

Data: __/__/____.

Assinatura: _____

Testemunha:

Nome:

RG:

Data: __/__/____.

Assinatura: _____

